







UM NOIVO
À DUAS NOIVAS

OBRAS QUE SE ACRIÃO A VENDA NA MESMA CASA :

J. M. de Macedo

A NAMORADEIRA, romance. 3 v. br. 6\$000, enc.....	8\$000
NINA, romance, 2 v. br. 4\$000, enc.....	5\$000
AS MULHERES DE MANTILHA, romance historico, 2 v. br. 4\$000, enc.....	5\$000
A LUNETA MAGICA, romance. 2 v. in-8° br. 4\$000, enc.	5\$000
AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão. 2 v. br.	5\$000
A MORENINHA. 1 v. com estampas, enc.....	3\$000
A NEBULOSA. 1 v. enc.....	3\$500
CULTO DO DEVER. 1 v. enc.....	3\$000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MLU Tio. 2 v. enc..	5\$000
MOÇO LOURO. 2 v. enc.....	5\$000
OS DOUS AMORES. 2. v. enc.....	5\$000
ROMANCES DA SEMANA. 1 v. enc.....	3\$000
ROSA. 2. v. enc.....	5\$000
VICENTINA. 3ª edição. 3 v. br.....	5\$000
THEATRO COMPLETO. 3 v. enc.....	9\$000
LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E Patria, comedias, 1 v. in-8° br.....	2\$000
LUSBELLA, comedia. 1 v. in-8° br.....	1\$500
FANTASMA BRANCO, comedia. 1 v. in-8° br.....	1\$500
NOVO OTHELLO, comedia. 1 v. in-8° br.....	500
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia. 1 v. in-8° br....	1\$000

Bernardo Guimarães

O GARINPEIRO, romance. 1 v. in-8° br. 2\$000, enc.	3\$000
O ERMITÃO DO MUQUEM, ou historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz ; romance de costumes nacionaes. 1 v. enc.....	3\$000
LENDAS E ROMANCES: Uma Historia de Quilombólas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. br. 2\$000, enc.....	3\$000
POESIAS. Cantos da solidão. 1 v. enc.....	6\$000

V. Valmont

O ESPIÃO PRUSSIANO, romance historico, inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Prussiana ; traduzido por V. Colonna. 1 gr. v. in-8° br. 2\$000, enc.....	3\$000
---	--------

L. Guimarães Junior

HISTORIA PARA GENTE ALEGRE. 2 v. in-8° br.....	4\$000
CURVAS E ZIG-ZAGS. <i>ichos Caprhumoristicos</i> . 1 v. br. 2\$000, enc.....	3\$000

Rezendo Moniz

FAVOS E TRAVOS, romance. 1 vol. in-8° br. 2\$000, enc..	3\$000
---	--------

Typ. *Franco-Americana*, rua d'Ajuda, 18.—1872.

UM NOIVO
A
DUAS NOIVAS

ROMANCE

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

TOMO I

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO
69, Rua do Ouvidor, 69

1913

UM NOIVO
À DUAS NOIVAS

PRIMEIRA PARTE

I

O BAILE

O baile chegava ao seu mais vivo fervor.

A festa, aristocrática pela posição social e opulência de quem a dava, e pela companhia numerosa, mas esmeradamente escolhida nas classes mais elevadas e ricas da cidade do Rio de Janeiro, suavizava a gravidade da etiqueta com o encanto de innocentes e variadas delicias.

A casa, nobremente assobradada, de grandes proporções e elegante architectura, lançava

dupla e curva escada de degrãos de marmore para espaçoso jardim que por longa muralha de verdura e flores estendida de cada lado em arco de circulo, se separava de outro mais vasto e continuado para o fundo, e ia, alargando-se para a frente, acabar defendida por vistosa gradaria e soberbo portão de ferro diante do mar.

Na casa as salas estavam inundadas de luz, resplendentes de luxo e refervendo alegria; no jardim semi-circular as arvores e os arbustos, o pequeno lago, o pavilhão rustico, o espaço emfim brilhavam illuminados *á giorno*, recendião de suaves aromas das flores, e nadavam em enchentes de harmonias e de musicas deleitosas que invizivel orchestra executava.

O mar ao perto espraivava sereno e bonancoso suas ondas mansas em compassado bater.

A noute era bella e a lua plena a deslizar pelo ceo, desperdiçava confundido com o fulgor das luzes o seo clarão magnifico; mais longe porém reflectia no immenso espelho do mar tremulantes e como que tresmalhados raios.

E o baile era na casa; mas a festa na casa e tambem no jardim semi-circular, onde sempre ora uns, ora outros, e em intermit-

entes folgas da dansa senhoras e cavalheiros
vinhão em multidão jubilosa desfilár pelas
ruas curvas, e engolphar-se no encantamento
que ali produzia o concurso harmonico da
illuminação, da musica, das flores, da lua e
do mar.

O barão e a baroneza de... festejavão assim
o decimo-sexto dia anniversario natalicio de
Julia, o seo thesouro de amor.

II

A RAINHA DO BAILE

Finos cabellos que de louros na infancia se tinham ido de anno em anno tornando castanhos até se avesinharem da cor preta na juventude, bellos e suaves olhos pardos e de languor natural e brando, rosto de um longo oval e de branco purissimo sem a mais leve insinuação rozea nas faces, nariz um pouco aquilino, graciosa curva nos labios, dentes formosas, orelhas pequenas e transparentes, queixo terminando demasiadamente agudo, pescoço alto e delgado, estatura media, corpo franzino e magro, cintura delicadissima, braços mal torneados e menos grossos do que podião ser de harmonia com o talhe, mãos e pés de mimosa perfeição; mais melancolia do que viveza nos modos, organização franca e exageradamente nervosa, imaginação in-

flamavel, saude fraca, educação desvelada, e alma de anjo, tal era a princeza da casa e a rainha da festa.

Sem duvida interessante, talvez bonita, Julia já estava habituada á receber gabos de sorprendente formosura.

Era bem explicavel que os recebesse, tendo de ser herdeira; e, ainda mais, a unica herdeira presumivel de fortuna colossal.

Julia estava resplendendo no baile com as suas proprias graças, e com a riqueza de seo toilette branco de purissimas rendas, triumpho ostentoso da mais habil modista e do ouro não poupado dos avós extremosos.

Ella era realmente a rainha do baile e arrebatava todos os olhos e confundia todas as dissimuladas invejas.

E todavia respirando lisonjas tendo sempre á seos pés thuribulos de adulação, e á seus ouvidos cantos de idolatria, hymnos glorificadores, Julia se indiciava por vezes pensativa sem o pensar, distrahida sem o querer, e com fugazes apparencias, ora de melancolico sonhar, ora de abalo que disfarçava mal.

A baroneza que observava a querida neta foi sentar-se junto á ella, e disse-lhe:

— Julia! teu avô começa á incommodar-se e eu tambem! sê rasoavel! anima-te! ri! a tua infantil preocupação prejudica á nossa festa...

— Que tem ella?... perguntou uma senhora que estava ao lado de Julia.

— Saudades da mãe!...

— Ah!... é louvavel...

— Não tanto agora, viscondessa! Octavia está desde dous mezes no posto do dever mais sagrado, á cabeceira de seo pae ameaçado de morte...

— Sim; eu o sabia, baroneza.

— Nós tinhamos já prevenido aos nossos amigos que por esse triste motivo deixavamos de festejar este anno o dia natalicio de Julia...

— É verdade... eu recebi o aviso...

— Mas, graças a Deos, o avô materno de Julia está salvo e somente reclama convalescença um pouco longa e bem dirigida: é claro que Octavia não devia abandonar seo pai...

— Dona Julia! a baroneza tem razão...

A menina sorrio-se docemente.

— A feliz noticia chegou-nos á oito dias,

e melhor ainda, o nosso velho amigo, o excellente avô, escreveu duas linhas á neta, dizendo-lhe: « Resuscitei, e por tanto quero que dês o teu baile e que dansez muito! » Octavia tambem nos mandou cartas no mesmo sentido, e hoje de manhã recebemos um expresso com annuncios de optimo estado do convalescente...

E voltando-se para Julia, a baroneza disse:

— Menina! repete o que teu avô te escreveu na carta que hoje recebeste: quero que a viscondessa o saiba...

Julia fallou com alegria, dizendo:

— Escreveo-me entre outras agradaveis e amorosas expressões, que já se sentia completamente bom, e remoçado depois da molestia, e que em breve hade vir á côrte para abraçar-me...

— Então, dona Julia?... que mais quer?...

— Falta-lhe a mae... e se desconsola!... deve mostrar-se mais razoavel, não é, viscondessa?... já bem tarde e precepitadamente improvisamos esta reunião de amigos, e sobre as faltas e mesquinheza da festa ordenada da noute para o dia...

— Oh, baroneza!... imaginava ainda mais deslumbramento?...

— É quasi crueldade que Julia com suas saudades ainda mais aggrave o sacrificio dos nossos amigos, que vierão perder esta noute comnosco!

— Baroneza! quer ser ainda menos razoavel do que sua neta?... dá-nos o mais esplendido baile... uma noute de magias enlevadoras...

— Ralhe então com Julia!

— É impossivel! quem a oiha, não pode ralhar; porque é força adoral-a!... ainda mesmo na sua santa melancolia saudosa, é anjo... o anjo do amor filial...

E a viscondessa beijou a fronte de Julia.

Nesse momento a orchestra rompeo, tocando a valsa.

Julia estremeceo ligeiramente, sem que a viscondessa e sua avó o percebessem.

O mais elegante e aprimorado cavalheiro veio respeitoso offerecer a mão á joven donzella, que levantando-se, aceitou-a.

— Senhor Germano de Castro, disse a baroneza, sorrindo; essa menina hia ser por mim castigada como criminosa de lesa-alegria; faça-a valçar muito para poupal-a á minha severidade...

O cavalheiro curvou-se e respondeu :

— Eu perpetuaria a valsa, ousando tentar o infinito; senhora baroneza; mas o vassallo humilde terá de curvar-se á vontade absoluta da soberana...

Um cumprimento banal, como tudo é banal e simulado na superficie cerimoniaosa, assetinada, e artificiosa do baile...

Mas Germano de Castro alongou o braço em torno da cintura de Julia, e logo arrebatoou a rainha da festa e voou com ella no impeto da valsa que é a dança do abandono, do rodemoinho e do delirio.

III

INFORMAÇÕES

— Conhece-o?... perguntou a baroneza á viscondessa, indicando Germano.

— Desde quinze dias; meo marido m'o apresentou no ultimo baile do Cassino. Demora-se no Rio de Janeiro?...

— Tem uma licença de seis mezes; mas affecta desgosto da vida diplomatica, porque em doze annos de ausencia da patria e de constante e activo serviço apenas chegou á encarregado de negocios.

— Disse-me o visconde que elle é rico...

A baroneza respondeo accentuando a primeira palavra:

— *Abastado*... mas em todo caso cavalheiro do mais fino trato; foi-nos apresentado poucos dias depois da sua chegada pelo commendador. Salles de Oliveira, em noute de

recepção em sua casa, e desde então, á um mez, temol-o encontrado nos mais elegantes salões...

As duas nobres senhoras continuarão por alguns minutos occupar-se do diplomata e compatriota recém-chegado ao Rio de Janeiro, até que a baroneza lembrou-se de que devia agrados e amabilidades em divizão tam numerosa, que lhe cumpria multiplicar-se quasi infinitamente.

No entanto Germano fazia valsar a interessante Julia que esplendida, graciosa e fervente, parecia voar com azas brancas em torno da sala.

IV

GERMANO DE CASTRO

Germano de Castro não era bonito joven; era bello homem.

Tinha já de idade trinta e seis annos; alto de estatura e admiravelmente bem talhado de corpo agradava logo ao primeiro olhar distante; seos cabellos pretos e crespos, sua barba á ingleza, e seos olhos da côr do cabello, rasgados e ás vezes ardentes, fazião realçar a brancura marmorea do rosto oblongo; o nariz era recto e proporcional, os labios um pouco grossos, e os dentes magnificos, e de perfeita illusão, por que ninguem os advinharia artificiaes; as mãos de proporções justissimas davão em seo assetinado o testemunho infallivel da vida exclusivamente intellectual, ou de isenção com-

pleta de trabalhos rudes; os pés são menos grandes do que a estatura requeria.

O solícito recurso do toilette, o correr placido de annos sem fadiga e sem as tempestades moraes que prostrão o homem, ou lhe deixão na frente e nas faces os vestígios da tormenta passada, chegarião á autorisar Germano a mentir oito ou dez annos em sua idade.

As suaves exigencias da vida diplomatica, o habito das etiquetas, a frequencia assidua de sociedades da mais alta classe social, e, di-lo-emos, o dever da elegancia, da cortesia escrupulosa, e da amabilidade pelo menos de convenção, tinhão feito do bello homem o cavalheiro mais seductor.

Em Germano de Castro todas as apparencias abonavão o coração que palpitava invisivel e insondavel.

Para completar a influencia desse exterior tão attractivo Germano era instruido, e indiciaua illustração variada; sua conversação era amena, sua palavra facil e feliz, e obrigava sempre o perdão da superioridade pela modestia mais natural, ou mais habilmente simulada.

Era com esse bello homem que Julia, a menina de dezeseis annos, a rainha da festa, a herdeira, e provavelmente herdeira unica e absoluta de fortuna colossal, estava dançando transportadamente a valsa.

V

AURORA DE AMOR

Julia já tinha visto em pouco mais de um mez vinte ou mais vezes Germano de Castro.

De vinte ou mais vezes só a primeira lhe ficára bem positiva, clara e perfeitamente gravada na memoria e na consciencia.

Fora na noute de recepção na casa do commendador Salles de Oliveira.

A esposa do commendador lhe apresentára Germano diante de sua avó, a baroneza, e logo em seguida a fizera levantar-se para aceitá-lo por cavalheiro em uma contradança.

Germano lhe fallara lisongeiro, mas respeitoso, e dentro dos limites da mais perfeita cortezia.

Houvera talvez da parte delle após fur-

tivas vistas de observação, de rapido e temeroso estudo daquella com quem dançava, leve e dominada commoção que passara rapida ou que se dissimulára medrosa.

E nada mais; nem uma unica palavra arriscada... insinuante, ou dubia.

Delicadeza e como que veneração á sua innocencia de muito joven donzella.

No fim da contradansa e ao render-lhe agradecimento de civilidade um olhar de fogo suave, olhar de doce enlevo, qual podia merecel-o a menina bonita ou sympathica, que encanta pelas graças infantis.

E nada mais... ou somente a lembrança vaga e a imagem desse homem em seos sonhos dessa noute.

Vierão depois em outras noutes e em outros dias no theatro, em reuniões, e passeios novos encontros casuaes ou não...

Quando, desde quando, como foi, Julia não sabe, não pode explicar, não comprehende mesmo; sentio porém em breve, e reconheceo logo, e cada dia mais, que entre ella e Germano havia, ha um segredo que nenhum dos dous revelou ao outro, e que todavia ambos percebem revelado, um se-

segredo que a faz corar, que a perturba e a abala diante desse homem...

Já tinha tornado á dansar com elle, já o ouvira e tivera de fallar-lhe em conversações que darião ensejo á confidencias e á tentativa de uma terna declaração; mas o respeito com que Germano a acatava não se desmentira um só instante, salva a commoção que ao vel-a manifestava, e salvos o transportado culto que lhe prestavão com zeloso disfarce seos olhos, e o mimoso interesse que deixava francamente transparecer acercando-a de agrados e amabilidade que a cortezia permite.

Entretanto Julia se confundia, se enleivava, alvoroçava-se convencida da existencia do segredo revelado sem a revelação da palavra.

Contando apenas dezeseis annos, modesta, pura, mas desde muitos mezes levada á frequencia das sociedades, Julia, até então isenta e livre do sentimento que é luz celeste ou infernal na vida da mulher, e muito pudica para não tolerar a galanteio de namoradores, não era comtudo tam innocente que ignorasse a idéa de amor, e que não sonhasse com a poesia, com os arrebatamentos, e com a felicidade de um amor celestial.

Ella ignorava somente o que devia ainda ignorar; mas já por instincto corava...

Não sabia a conta dos mancebos, dos cavalleiros que successivamente tinham procurado, ensaiado tocar o seo coração; erão muitos e alguns mais animosos e insistentes havião chegado á arriscar as primeiras palavras de um voto, que ella nunca permittira esclarecer-se...

Á seo despeito já tinha sido por vezes requestada, quasi perseguida por teimosos apaixonados, á todos os quaes em sua santa inexperiencia, acreditava leaes e sinceros no amor que indicavão ardentemente.

Mas d'entre tantos nenhum, como Germano, soubera adoral-a e conter-se duvidoso... timido... reverente... enlevado... e silencioso...

O *segredo* á romper de seos olhos, á atraiçoar-se em hesitações confusas e no tremor da voz com que dizia couzas banaes, que erão dissimulos do que sentia e não dizia, exaltava a sublime generosidade do respeito que emmudecia a paixão em honra da innocencia e da pudicicia da amada.

Julia lembrava que sua mão pousada na mão de Germano em contradansas que dissi-

mularião, como fortuito, leve toque mais apertado, nunca até então fora ao acaso comprimida; que sua cintura abandonada ao braço d'elle no fervor da valsa, que explicaria mais conchegado enlace pela attenta solitudine do cavalheiro protector nunca até então fara ousadamente ameigada por amoroso e delirante amplexo roubado com impunidade plausivel.

Germano a amava; mas sabia amal-a, poupando-lhe despertos de pejo; adorava-a, como á um anjo, adorava-a no ceo purissimo de sua candida innocencia!...

E esse homem que amava assim, era bello, elegante, festejado, attrahido, solicitado por todos, tinha convivido nas melhores sociedades das principaes côrtes da Europa, tinha visto, admirado cem ou mil seductoras formosuras, e ainda assim vinha captivo, perdido, transportado render cultos de amor honestissimo, timido, mas palpitante, revelado em ancias, e em amotinações mudas e todavia eloquentes á ella, á menina ignorada, á modesta fluminense, que jamais sonhára preferencia e distincção, que a exaltavão tam altamente!...

Havia no amor de Germano tanto escru-

pulo no acatamento á pureza da amada, tanto feitiço de lisonja ou de adoração penhoradora nessa predilecção manifestada por elle que podia e devia estar lembrando em comparação obrigada tantas, tam lindas, e tam fulgurantes jovens já contempladas no esplendor das festas mais faustosas; havia sobre tudo tanta graça e tanta belleza varonil, tantas condições de superior merecimento nesse homem que Julia sentindo-se amada, não pudera olhal-o com indifferença e ainda menos ser-lhe esquivada.

Julia amou pois Germano, e conhecendo que o amava, experimentou os instinctivos vexames e alvoroços do pejo; ainda assim porém acariciou o primeiro amor do seo coração, flor celeste desabrochada em sua alma.

Com tres lustros e apenas mais um anno, ainda por tanto menina, tendo nascido no seio da opulencia, e crescido sempre engolphada nas thurificações da adulação e nos carinhosos extremos de amores estremecidos, ditosa, excellente e candida, vendo sómente na terra flores, nos homens a verdade e o bem, na vida risos e felicidades, alma santa cheia de fé, de crenças, de esperanças, co-

ração innocente, brando e sensível, Julia amou Germano com ingenua doçura; nem um instante procurou combater o sentimento que inesperado despertava nella, entregou-se á elle sem apprehensões, sem modo, e sem calculo, quasi com espirital delicia e com a convicção profunda de que Germano não podia amar senão á ella, como ella não comprehendia mais que lhe fosse possivel amar outro homem.

Mas pouco a pouco o terno affecto que nascera tam sereno e suave, foi se acendendo em fogo, anciando o coração da donzella já vacillante entre o desejo e o temor de ouvir a primeira nota, a primeira confissão do amor que teria de atropellar-lhe a modestia, e incendiar-lhe o pejo.

Era por isso que Julia se estava mostrando no baile ás vezes pensativa e em melancolico sonhar, e ás vezes em fugaz abalo que escondia mal.

Ella tinha saudades de sua mae; era porém Germano que lhe agitava o coração e absorvia os pensamentos,

Julia amava, e amava com o primeiro amor, esse perfume virginal de flor que se desabotoa.

VI

FALLA SEM VOZ

Ha um crime atroz que frequentemente se perpetra com impunidade do criminoso, com indifferença da sociedade, e com o mais cruel e prolongado martyrio da victima.

E o assassinato do coração da mulher.

Enganado, atraído no seu amor, o homem, não só porque nelle ha mais razão do que sensibilidade, como por ter na vida mais vastos horisontes a perlustrar e mais direitos e deveres sociaes á occupal-o, raro se postra ou succumbe ao profundo golpe da infidelidade e da perfidia.

Mas a mulher, sublime abysmo de sentimento, a mulher que vive mais pelo coração do que pela cabeça, a mulher, fonte mimosa de amor, e que do infancia á velhice absolutamente precisa, depende do amor para ser

feliz, porque de filha passa á esposa e de esposa á mãe, e não passa d'ahi o destino da sua vida,— a mulher, se lhe assassinão o coração, se lhe atração e lhe matão o amor, só tem o mundo por immensa sepultura negra, onde lhe é mortalha a lembrança do desengano fatal.

E quando a victima é uma joven donzella innocente, credula, exaltada por mimosa sensibilidade e que consagra o coração e a alma ao encanto do primeiro amor, o unico poetico e angelico da vida, a desillusão deve ser horrivel como o raio que fulmina, ou pelo menos como a acção de veneno que não matou, mas que deixou no seio estragos que atormentão e nelles ainda o germen da morte.

E todavia é tam commum, tam trivial requestar, excitar o amor de uma donzella, e depois illudil-o, esquecel-o fria e indifferentemente, e com perfeito socego da consciencia, porque a esquecida, enganada e desprezada fica intacta e pura no branco ceo da sua virtude, que no momento de abrir seo coração ao mais natural, porém ardente e dominador sentimento, a mulher que treme apenas de enleio, de pudor e de terna com-

moção, devia tremer de sinistros receios e de medo.

E ali estava nesse magnifico baile um primeiro amor de joven donzella á desabrochar suave, perfumado de poesia, interessante e bello, como o botão de purpurea rosa que começa á romper o verde carcere e á revelar o segredo da flor no seio encarnado.

Mas ainda bem que Julia, alias tam susceptivel dos mais violentos e profundos abalos e da extrema exaggeração da dor na hypothese de um desengano cruel, distinguira e amava o mais nobre, delicado e recommendavel cavalheiro.

Ao vel-os, ao contemplar Julia e Germano nas voltas velozes da valsa vivissima e ali-gera, admiravão todos a harmonia singular d'aquella mimosa belleza enlaçada pela graça varonil.

Ninguem suspeitava de amor, e todos ou quasi todos parecião estar louvando o acerto daquella perola engastada naquelle diadema, o acordo daquella flor pendente daquelle tronco.

E Julia e Germano se amavão; mas ainda não tinhão ousado confessar-se amantes.

Entretanto nessa noute, Julia já o tinha pressentido, Germano vacillava inquieto... fallava-lhe á tremer... e por duas vezes indicára em palavras vagas desejar dirigir-lhe uma pergunta, e logo fingira-se distrahido, e ficára ancioso... e absorto...

E Julia não menos anciosa... perdia-se confusa no labyrintho do pudor, da esperança do desejo, da perturbação, da modestia e do encantamento...

Mas nas revelações do amor verdadeiro e puro é a voz quem falla por ultimo.

VII

O PAVILHÃO CEO DE AMOR

E o baile chegára ao seo mais vivo fervor...

No baile a primeira hora é das etiquetas, da observação mútua e geral, das banalidades cerimoniosas, da apresentação, e, por assim dizer, da exposição de cada um, das attitudes artificiaes, ou das estreas de todos...

Pouco e pouco as luzes vão deslumbrando, os aromas embriagão, a musica transporta, o ameno interesse de cada um faz olvidar os dos outros, o ruido da festa abafa as vozes, a alegria espalha o seo contagio, os corações se expandem, a liberdade exulta...

Nas horas mais ferventes do baile ha o quer que seja de independencia geral, de animação real, de abstracção de cada dous, ou de cada grupo no meio de todos...

A confiança e a expansão chegam á sua

oportunidade e a aproveitão ás vezes até sem calculo previo.

A multidão occupada e jubilosa torna-se solidão para aquelles que se desejão sós ou não escutados.

Quem não se anima á fallar então, não fallará jamais...

E o baile estava nesse periodo de ardor e de embriaguez de alegria.

As contradanças e as valsas por breve espaço se interromperão.

Ainda uma vez repovoava-se o jardim; em jubilosa invasão bellas senhoras volvião-se por entre flores, e os cavalheiros que as acompanhavão, dizião-lhes finezas ao som das ondas perfidas que perto se espraivão docemente bulhentas.

Germano dava o braço á Julia e fallava-lhe, passeando com ella.

Mas fallava-lhe ora em voz que não se abafava, ora á murmurar enternecido phrases interrompidas, anhelantes e ternas...

E Julia escutava-o; escutava-o porem tremula, de leve agitada, porque suffocava intima e profunda agitação, e não respondia emudecida pelo pejo amotinado...

Germano instava sempre...

O sopro da brisa passou entre os labios de Germano e o ouvido da donzella, e levou ainda uma instancia balbuciada em tom de queixume brando :

— Tam infeliz que... nem mereço ouvir, se o permite... e se me é licito... esperar...

Julia deixou enfim ouvir, mas quasi imperceptivel, a primeira confissão de amor que a pureza virginal attonita murmura :

— Não sei...

O bello e sem duvida experiente apaixonado inflammou-se ainda mais.

— Oh! se imaginasse como a duvida é cruel!... dice elle com dolorosa inflexão de voz.

E quiz levar a donzella por uma rua, onde mais espessa era a ramagem...

Julia oppoz sensivel resistencia.

— Leve-me ao pavilhão... por favor!...

Germano obedeceo; mas tornou, fallando em tom baixo e repassado de doçura :

— Lá ao menos... todo o meo futuro á pender dos seos labios... e uma palavra á dar vida ou á matar a esperanza...

Ao entrar no pavilhão que senhoras e cavalheiros enchião succedendo-se de passagem,

Germano pela primeira vez ousou comprimir levemente a mão á Julia, que fez debil esforço para retiral-a, e logo esqueceo-a contida no meigo aperto vencedor.

Perturbada e feliz, resistente e querençosa, abrasada em dous fogos, no do amor, e no do pejo, á soffrer e á gosar, a interessante menina vacillava em dedalo de sentimentos, de confusões...

O anjo sentia-se emfim na terra, no mando até então desconhecido para sua innocencia, nos phantásticos horisontes do amor, onde entrára pela porta do coração.

Ella porem parára por momentos no pavilhão, como apadrinhando-se com o concurso da festiva companhia; e, pretextando fadiga, sentara-se, e ficara abstrahida e em commoção que mal dissimulava.

Germano em pé diante della parecia um escravo á esperar...

E nem ali socego!...

O sorrir, os vagos conceitos, o olhar dos que passavão, confundião Julia, que se presumia objecto dos reparos e das suspeitas de todos... e a attitude submissa, melancolica, talvez afflicta e por certo compungente

do homem amado que parecia escravo á esperar, tocava-lhe a alma, e dobrava-lhe o coração...

Não poudo mais... levantou-se, e disse, entregando a mão á Germano:

— Oh!... vamos!...

Nesse instante a musica das salas, a musica do baile tocou, annunciando o recommençar das contradanças...

Senhoras e cavalheiros acudirão pressurosos á chamada...

Germano retardatario hia sahir por ultimo do pavilhão, levando Julia.

— Ah!... disse elle; agora ou nunca!... que me responde? que me decreta?...

A donzella estremeceo toda, e, com os olhos cravados no chão, respondeo sublime de perturbação e de encanto:

— Sim.

— Oh!!! ama-me?... meo Deos!... ama-me?...

Julia vencida, apaixonada, ditosa, repetio menos abatida e vergonhosa, e mais expansiva e resoluta:

— Sim!... sim!... eu o amo!...

E, como abismada em vexames de subito

revoltos, fez força no braço de Germano para sahir do pavilhão.

Germano disse em tom solenne.

— Este pavilhão é o céu!...

E com ardor e enthusiasmo levou a mão de Julia aos labios, beijou-a fervido, e accrescentou:

— E esta mão que beijo é a do anjo deste céu!...

E sahirão.

Mas ao subir a escada e antes de entrar a casa, Germano voltou-se ainda e repetio ternamente:

— O pavilhão!... o pavilhão foi o céu!...

Julia se exaltara pela glorificação do seo amor, e já em susceptiveis delicadezas de sentimento, respondeo, ou observou com precisão mais exigente de ternissimo culto:

— Oh!... não foi!... ou pois que o foi, é, e seja para sempre o céu!...

— Para sempre!... disse Germano, apertando mais forte, e mais senhor a mão de Julia.

O baile terminou ao romper da aurora: mas tres horas antes a aurora já tinha rompido no coração de Julia.

VIII

PRIMEIRA NUVEM

Risonha aurora á romper e logo uma nuvem!...

Mas se a vida é assim toda em luz e sombras!...

E todavia tão tenue e ligeira foi a nuvem que bem pudera passar sem merecer attenção.

Dansava-se a ultima quadrilha.

Germano disfarçava a sua dita para não comprometter Julia, que se atraioava magnetizada ao influxo do seo olhar; mas no jubilo que transluzia em seos labios e ao fulgor de seos olhos ostentava o triumpho do coração e a gloria de amor.

Julia dansava um pouco distante, mas na linha fronteira á delle, e á furto e á medo

o procurava com as vistas, e sentia-se adorada na exaltação e na ufania do amado.

Mas o nome de Germano de Castro foi pronunciado muito perto della...

Duas senhoras que já não pensavam em dansar, conversavam sentadas ao lado uma da outra.

Julia desejava ouvir e attendeo... mas quasi logo o seo cavalheiro a levou pela mão...

Em breve tornou aos minutos de folga na contradança.

As duas senhoras ainda conversavam sobre Germano.

Ella apurou o ouvido e escutou:

— Mas em todo o caso é o que se poderia exigir em belleza de homem.

— É ; sem duvida.

— E em elegancia e cortezia de maneiras...

— Inquestionavelmente...

— E ainda assim lhe desagrada?...

— Não é desagrado, é prevenção, é como desconfiança vaga... especie de máo agouro que elle me desperta na alma.

— Como?... porque?...

— Bello tal qual, o reconheço da mais fina

educação e de seductoras apparencias, rico enfim, como é, eu não o queria para marido de minha filha.

— Exagéra...

— Não exagéro; talvez me engane; mas agouro mal, repito a palavra, agouro mal daquella face marmorea! olhe para elle: seos olhos brilhão, em seos labios radia por vezes o sorrir decoroso, porem fulgente de felicidade e de intima exultação... olhe!... repare!...

E Julia olhou para Germano, e reparou, como se fosse á ella que a agoureira matrona estivesse fallando.

Esta, porem, disse ainda á amiga:

— Todos quererião, deverião ler naquelles olhos que brilhão, naquelle riso que radia nos labios commoção, paixão, qualquer que ella fosse, fervendo, flammejando na alma desse homem; mas a face de marmore está morta... aquella face é uma lousa de marmore...

Julia sentio frio de morte no coração, vendo, revendo, e verificando a face marmorea de Germano.

— Como varião os juizos! observou a outra senhora; a côr daquella face me parece a

graça que mais vantagem e faz sobresahir a belleza daquelle rosto...

— Não! aquelle marmore é lousa de sepultura, onde se fechou o coração pedra de gelo... alli não ha mais coração... é um homem de marmore, como a sua face.

Julia infantilmente preocupada do sinistro agouro, surprehendeu-se reclamada pelo seu cavalheiro, quando já havia perdido um compasso da contradansa.

A agoureira era visionaria e absurda; mas de facto podia-se notar na face de Germano certa dureza impassivel que faria perdoar a comparação com a lousa de marmore; na sua propria alegria o riso alias gracioso era apenas e exclusivamente dos musculos labiaes; nenhum dos musculos faciaes concorria para aquelle movimento expressivo de jucunda expansão da alma; o resto da face era como se estivesse paralytica.

Esse pequeno defeito do bello rosto de Germano, devido somente á uma disposição myologica pouco feliz, não podia indicar a insensibilidade egoista e a falha de character que a desconfiada senhora manifestára em conversação de intimidade.

Entretanto a susceptível Julia entristecia-se, vendo logo uma nuvem ao romper da sua risonha aurora...

Tinha-se dansado a ultima contradansa.

Pouco e pouco as salas se forão despo-voando...

Germano curvara-se respeitoso diante da amada; inclinando-se, porem, pudera murmurar ternamente e só por ella ouvido:

— Para sempre!

Julia não respondeo; mas ao vel-o sahir, esqueceo o agouro, abrio o coração á primeira saúde, e, compellida pelo amor, chegou-se momentos depois á uma janella.

Oh!... Germano a esperava!...

Elle estava no pavilhão, no pavilhão que fora, era, e seria sempre o ceo, e em pé, voltado para a casa, tinha os olhos fitos nella.

Julia appareceo e elle saudou-a...

A donzella correspondeo a sauição, movendo como ao acaso seo lencinho branco; logo porem afastou-se, retirando-se.

Germano se collocára de modo que a projecção de uma luz brilhante viuha inundar e esclarecer seo rosto...

E Julia recuára desgostosa, notando ao reflexo da luz a face marmorea.

IX

A FACE MARMOREA

Se não fôra o agouro, que somno delectoso teria dormido a menina de dezeseis annos, cujo coração sorria ao seo primeiro e innocente amor!...

Mas Julia que se recolhera á seo leito virginal, quando apenas vinha raiando o sol, só muito tarde dormio.

A imagem de Germano profanava incessante a pureza de seo recolhimento de virgem e ella não corava, antes se embevecia, namorando apaixonada essa imagem querida...

Mas a face marmorea perturbava o seo doce encantamento...

E todavia aquella face marmorea, aquella pallidez de romanesco matiz, que contrastava admiravelmente com a negrura de sua barba e de seus cabellos, tinha-lhe agradado tanto!...

Oh ! para que indiscreta prestára ella curiosa attenção ás observações insensatas de uma velha talvez maligna?...

Teria havido calculo, intenção hostil, eu dissimulado aviso amigo na conversação das duas matronas sentadas tam perto della, e fallando em tom que podia ser ouvido?...

Mas aquellas duas senhoras tam respeitaveis por sua idade, como por educação e character, excluíão toda suspeita da intriga, que alias não podia ter explicação, pois que Julia nem se quer imaginava que o seu amor já fosse por alguém de leve conjecturado.

Alem disso a senhora que agourára tam mal da face marmorea de Germano não era uma velha maligna. Julia a conhecia e estimava: chamava-se Anna de Alencastro, era uma nobre viuva amiga intima de sua mãe, como Paulina, filha della, era uma das suas mais queridas camaradas.

Sendo porem assim, não havendo intriga malevola, nem aviso amigo, havia sempre, e ainda mais se impunha vago, mas sinistro e ameaçador o máo agouro.

As organizações predominantemente nervosas,

por mais susceptíveis e phantasticas, se escravisaõ facilmente aos temores imaginarios e ás superstições mais absurdas.

O agouro da face marmorea toldou as lembranças suaves e ditosas do mimoso culto, e da confissão de amor que Julia recebera, e pagára em monasylabos que valião nil discursos nessa noute da festa de seos annos.

Julia dormio muito tarde, e dormio mal. Seo somno foi cheio de sonhos, uns fagueiros, outros afflictivos, e todos explicaveis pela situação de seo espirito.

Mas, despertando ao meio dia, Julia sorrio á vida, sorrindo á imagem de Germano que tambem despertára em sua alma.

A juventude é o seio da confiança: ha na riqueza da sua seiva, e na lente magica e lisonjeira, com que vê o mundo seguranças de futuro que tranquillisaõ e deleitão o coração.

Julia ainda lembrou o agouro; zombou porem delle, e culpou-se de haver, dando-lhe importancia, offendido Germano.

Passou quasi sempre só e retirada em seo aposento o resto do dia; seos avós a suppunhão fatigada do baile e procurando

descansar, e ella isolava-se somente para pensar em Germano e no seo amor.

Ao cabir da tarde o barão, a baroneza e Julia passeavão no jardim; ella porem, depois de muito breve passeio, foi sentar-se no pavilhão, e cerrando os olhos, gozou em vivo quadro de fideiissima memoria o mais doce episodio do baile, aquelle em que perdera de todo o coração, trocando com Germano a confissão da sua ternura.

Era tam suave essa alheação do mundo para rever na memoria o painel da felicidade, que Julia deixou-se de olhos cerrados á sonhar accordada, até que enfim teve de abril-os, ouvindo a voz do barão que saudava alguém.

A joven donzella vacillou no banco onde estava sentada.

Era Germano que passava, cavalgando formoso ginete e que, ao ver o barão e a baroneza, apeiou-se com presteza, e atirando as redeas ao pagem, apressou-se á ir cumprimental-os.

Só depois de entrado no jardim, e de dirigir algumas palavras de cortezia aos avós de Julia, foi que Germano pareceu dar fé da presença desta no pavilhão.

A menina levantou-se para ir também recebê-lo; mas o cavalheiro, tendo-se inclinado diante da baroneza, adiantou-se para a donzella, e apertando-lhe a mão, que ella lhe offerceco, disse baixinho:

— Sempre!

Germano não devia demorar-se; não era uma visita que fazia, mas, em dez minutos de conversação naturalmente allusiva ao baile teve arte de fallar duas linguas em portuguez, uma que o barão e a baroneza entenderão perfeita e agradavelmente; outra, aliás essa mesma, em palavras, que só Julia podia comprehender em seo duplice sentido.

Diante de seos avós, e sem que estes o percebessem, a apaixonada menina recebeu novos protestos de adoração.

Quando Germano já se havia retirado o barão dice:

— Que bizzarria!... faz gosto vel-o!...

A baroneza fez com os olhos signal de prevenção ao marido, mostrando-lhe a neta que o ouvia.

Julia voltou para o pavilhão.

Os dons velhos recommearão o seo passeio pelo jardim, e afastarão-se do pavilhão.

O barão perguntou :

— Que signal foi aquelle?...

— De silencio, respondeo a baroneza.

— Porque?...

— Hontem convenci-me do que já suspeitava: Germano ama, ou finge amar a noisso Julia.

— Que a ame, é natural; é mesmo impossivel não amal-a... Julia é linda como os amores!... mas fingir!...

— Somos tam ricos!... ves?... não se é rico impunemente.

— Mas... que idéa !... Germano tem de seo, o que é nelle ouro sobre azul.

— Convenho... excellente partido...

— Mas se finge!... eu quero Julia muito amada... muito feliz!...

— Eu não accuso Germano... não penso mal delle... não desconfio que arme laço interesseiro; mas...

— E Julia?...

— Tambem ella... no baile a sua melancolia em contradicção com repentinos transportes me derão que pensar: observei-a... ama-o ou está á ponto de amal-a...

O barão suspirou, e disse:

— Já é moça, e havia de acabar por amar alguém!... que dizes tu de Germano?...

— Conheço-o de hontem: bello exterior, maneiras optimas, excellentes informações; o mais não sei.

— É isso: nestes casos o mais nunca se sabe, senão quando é irremediavel... é sempre uma loteria!...

— Deves levar até a evidencia o conhecimento deste homem que é quasi estrangeiro aqui...

— Mas todos o recommendão e o louvão!... eu só lhe acho um unico defeito: é ser diplomata; não convirei jamais em que me levem Julia para viver longe de nós...

— Creio que elle o adivinha; já hontem lhe ouvi a idéa de abandonar a carreira diplomatica...

— Ah!... conviria-nos muito isso na hypothese de inclinação.

— Assim pois... se elles se amassem?... Luiz...

Luiz era o nome de baptismo do barão.

— Luiz, tu sympathizas com Germano...

— Muito; confesso-o.

— Talvez tenhas razão; é porem mais prudente esperar.

— Esperemos.

— Foi para que não animasses uma inclinação que pode não ser conveniente que eu te fiz aquelle signal com os olhos...

— Bem; o signal veio a tempo; mas se ha inclinação... é preciso ter cuidado...

— E tanto mais que Julia não depende só de nós... tem mãe... e mãe de juizo...

— Certamente...

— Como então procederemos?... reflecte bem: fechar nossa porta á Germano!?...

— Ah, não!

— Mas abril-a é ajudar a inclinação!...

— Julia é tão innocente e sensata como obediente...

— E incapaz de comprometter-se sem ouvir-nos previamente, sou capaz de jurar-o.

— E eu tambem; mas por isso mesmo e por tudo mais o que se me afigura acertado, é não ver o que sabemos, nem saber o que vemos.

— Ah!... entendo...

— Eu terei os olhos em Julia...

— E eu os olhos em Germano.

— Melhor do que isso, Luiz! tu te informarás de toda a sua vida na Europa, de

suas fraquezas, de seos erros, e, se nelle ha vicios e desatinos, da natureza de uns e de outros...

— É justo; hei de saber tudo.

— E no entanto a mãe de Julia chegará.

— Oh, sim! a nobre e santa viuva de nosso filho será o anjo da guarda de sua filha!... aquella senhora é trigo sem joio, Joaquina!...

Joaquina era o nome baptismal da baroneza.

— É, disse esta; e por isso nada adiantaremos sem ouvil-a.

Em quanto o barão e a baroneza conversavão, passeando pelo jardim, Julia outra vez no pavilhão fechara de novo os olhos para viver absorta no paraizo das lembranças recentes do seo angelico amor.

Mas então ella parecia despertar de cada vez que ouvia o som do trotar de algum cavallo, e olhava procurando o cavalleiro...

Até que enfim elle passou de volta...

E dous corações expandirão-se ternamente em dous sorrisos...

X

JULIETA E ROMEO

É tão facil abraçar o coração de uma menina de deseseis annos que ama pela primeira vez !...

O amor que rompe do seio da innocencia é tão ingenuo, tão puro, tão cheio de fé que se abandona cego e sem reflexão á todas as esperanças, e á todos os sonhos da imaginação.

Julia no fim de oito dias já não comprehendia a hypothese de viver sem o amor de Germano, e apenas por vexames de pudor esforçava-se por esconder á seus avós e á todos o terno segredo que enchia e dominava a sua alma.

Em oito dias ella se encontrára tres vezes com Germano, duas no theatro, e uma em um baile; alem dessas elle fizéra duas visitas á seus avós.

Germano começava á deixar transpirar mais affuto, ou menos domavel a sua amorosa inclinação, sem que comtudo offendesse de leve o decóro.

A baronesa o observava cuidadosa; mas não se interpunha entre elle e a neta.

O barão parecia contente das informações que hia recolhendo com apparente indifferença para não despertar suspeitas da inclinação da neta.

Julia pensava que seos avós ainda não tinham percebido o mimoso sentimento que a inebriava; e traiçoava-se mil vezes, denunciando-o diantes delles.

Como Julia e Germano se olhavam e se sorrião, como se fallavam na presença de outros, e o que dizião em passageiras confidencias, como suspiravam e ardião, é a antiga historia sempre nova, o velho romance sempre repetido e sempre interessante, cujos episodios, transportes e encantamentos debalde quereria imaginar quem nunca tivesse amado verdadeiramente.

Ambos se indiciavam amando com extremo; somente Julia parecia mais abandonada e Germano mais reflectido na sua ternura: talvez influencia da idade...

Em uma das noites de theatro, Germano, logo depois de entrar no camarote do barão, e de render suas homenagens ás senhoras, tomou parte na conversação sobre objecto obrigado e exclusivo.

Esse objecto era o admiravel Rossi.

Nessa noite Rossi, o grande actor italiano, que então fulgia no Rio de Janeiro, estava interpretando com todos os recursos de seu genio illustrado o *Macbeth* de Sheakspeare.

Germano conhecia Rossi e fora feliz testemunha de muitos de seus triumphos na Italia e em França; abundou pois em fervorosos elogios ao consumado artista; mas, sem desconhecer a perfeita e sorprendente execussão do papel de *Macbeth*, disse que em sua opinião, o brilhante de maior quilate na corôa magnifica de Rossi era o *Hamleto*.

A baroneza fallou do *Cid* com enthusiasmo que indicava a sua predilecção.

O barão declarou positivamente que o Rossi era sempre mais pasmoso e sublime no *ultimo* drama ou na tragedia que se achava em scena.

Julia guardava silencio, ou antes fallava somente com os olhos em perdido enlevo.

Germano provocou-a.

— E V. Ex?... perguntou, em que papel, em que drama ou tragedia mais admira o inspirado artista?...

— Nada entendo de arte, respondeo Julia animada e quasi indiscreta; eu não sei julgar, senão pelo sentimento ou pelo coração...

— O melhor... o mais seguro dos juizes... o juiz infallivel...

A donzella não hesitou e disse:

— Prefiro o Rossi em *Romeo*.

— Ah!...

A baroneza turbou-se um pouco.

Julia acrescentou logo:

— *Romeo* faz comprehender *Julieta*.

— E *Julieta* explica *Romeo*, disse Germano.

O barão interveio, forçando um gracejo.

— Anda vaidade de menina na predilecção da tragedia... *Julieta* parece diminutivo de *Julia*...

A baroneza respirou, vendo levantar-se o pano; a tragedia hia continuar.

Germano despedio-se e sahio.

O amor de *Julia* já chegava á enthusiasmal-a, glorificando a morte de *Julieta*.

Na noute seguinte os dous apaixonados encontrarão-se no baile.

Tinhão contradansa e valsa ajustadas.

Foi uma noute á voar; quatro horas em azas de minutos...

Houve nella um ensejo em que Germano lembrou á Julia a preferencia dada por ella ao Rossi no papel de *Romeo*.

— O eximio actor me arrebatava em todos os papeis que executa; mas, em *Romeo e Julieta*, não é tanto elle, respondeo Julia.

— Quem então é mais?...

— Sou eu mesma. Eu me vi em *Julieta*, e imaginei vel-o em *Romeo*.

— Com amor pelo menos igual ao delles devemos esperar ser mais felizes.

— Sim... sim; mas se não pudermos sel-o... ah!... quizera morrer, como *Julieta*...

— Ao ver-me morto?...

— Ou ao reconhecê-lo falso... e neste caso, embora morresse só, eu havia de morrer.

Essa ultima hypothese é impossivel!... disse Germano, apertando-lhe a mão.

— E na do amor infeliz?... perguntou Julia apaixonadamente.

Germano respondeu, sorrindo meigo:

— É claro: Romeo morreria antes de Julieta.

— Antes ou depois, pouco importa; mas deveriamos morrer ambos...

E vendo que o homem amado a olhava ou maravilhado ou talvez incredulo, ella repetio com viveza e tom firme:

— Eu morreria.

— Oh! Julia!... murmurou Germano enternecido.

A romanesca menina disse baixinho, mas com ineffavel paixão e com accento imponente de vontade e de força de animo.

— Quero assim.

XI

PRIMEIRAS LAGRIMAS

O amor de Julia era de fogo de pyra sagrada; mas era de fogo que havia de consumir-lhe o coração e a vida, se não achasse em Germano a ternura de Romeo.

Infelizmente não é tão raro encontrar-se Julietas como é raro descobrir-se Romeos.

Julia extremava-se pela sensibilidade exaltada, pela grandeza e generosidade da alma, pela pureza dos sentimentos, pela confiança da inexperiencia de quem não suspeita o mal, porque não é capaz de fazel-o, e emfim pelo arrebatamento de sua ardente imaginação que creava e a impellia á querer nesta terra os thezouros do céo, a perfeita felicidade que dão o amor sem nuvens e a virtude sem jaça, thezouros que ella julgava possiveis e faceis, e que contava achal-os

no coração de Germano, porque os tinha no seo.

Julia amava como Julieta amou.

Não é muito provavel que Germano seja capaz de amar como Romeo; mas ainda bem que nos horisontes do seo amor não se amontoão as negruras do odio, da intolerance e da guerra fratricida que cavarão o abysmo profundo que foi sepultura dos dous desgraçados e sublimes amantes.

Germano escapará pois á prova suprema do amor de Romeo, e poderá impunemente pretender a gloria de igualal-o na vehemencia da paixão.

Mas no ultimo desses oito dias de refervimento de ternura, Germano apeiou-se de seo magnifico ginete ao portão da chacara do barão e entrou.

Era ao cahir da tarde.

Julia estava sentada no pavilhão, e alvoçara-se, presentindo tristeza no rosto levemente alterado de Germano.

Este, assegurando-se em rapido olhar volvido pelo jardim, de que o barão e a baroneza não estavam nelle, correu para Julia.

— Porque triste?... perguntou ella.

Germano entregou-lhe uma carta.

Julia pareceo contrariada, e magoou-se, lendo queixas e accusações de ingratição feitas por saudosa e carinhosa mãe ao filho que, depois de doze annos de ausencia, ainda se deixava dous mezes na cidade do Rio de Janeiro sem lembrar-se de ir abraçar-a.

— E ella tem razão!... balbuciou a donzella com voz tremula.

— Mas... de quem a culpa, meo Deos!... exclamou o filho ingrato por amante captivo.

Julia, ufanosa da increpação, perguntou quasi á chorar.

— Foi por mim?...

— Oh!... não foi, é!...

— Como?

■ — Ainda não posso ir...

— Ah!... sim... mais alguns dias...

— Nem sei quantos... quizera antes... já lh'o disse...

— Mas... ainda não é possível!... sem que minha mãe esteja aqui, é inutil... eu o sei...

— Então... por isso mesmo esperarei...

Julia debateo-se por momentos nos contrastes do amor e do dever, da dor da ausencia

do amado e dos santos direitos da mãe saudosa; em breve, porem, seo coração generoso, sua bella alma de santa subjugação seo egoismo de apaixonada, mas virtuosa amante, e dando a carta á Germano, murmurou suavissima:

— Vá abraçar... *nossa mãe!*...

Que hymno de santo amor nessa ordem de ausencia, e nesse qualificativo *nossa*, em que ella se declarava tambem *filha* da mãe do seo amado!...

Germano não poude fallar...

Mas no momento de receber a carta vio cahirem sobre ella uma depois de outra duas lagrimas de Julia.

Era muito... o hymno de santo amor se repellia em lagrimas!

Germano levou a carta aos labios, beijou, sorveo as duas gotas limpidas, e depois disse profundamente abalado:

— Irei... mas... guarde a carta de *nossa mãe!*... seja sua!...

Julia tomou a carta com ardor, e escondeo-a, ou antes depositou-a no sacrario de seo seio de virgem.

— Aqui! disse ella, é *nossa mae* no meo coração.

Germano hesitava... tremia... evidentemente estava soffrendo muito...

— E quando me manda... quando irei?

Julia fez nobre esforço sobre si mesma e respondeo :

— Amanhã.

E accrescentou logo :

— Amanhã, sim... para voltar mais cedo ; entretanto a outra *nossa* mãe terá chegado.

— Irei amanhã, disse Germano.

A baroneza appareceo então, e aproximou-se dos dous que mal puderão disfarçar o seu dessocego.

O barão, que não estava em casa, entrou meia-hora depois, e sabendo da proxima ou antes immediata partida de Germano para a *fazenda* de sua mãe, louvou o sentimento que a determinava ; mas, com obzequioso agrado, recommendou e mostrou desejar que não fosse prolongada a auzencia.

A mãe de Germano era importante *fazendeira* em um dos municipios do occidente da provincia do Rio de Janeiro ; infelizmente ainda não ha para elle ferro-carril. A viagem de ida e volta exigia quatro dias ; oito serião dados para matar as justas saudades

maternaes; erão doze dias ao todo roubados ás cobiças do amor mais puro.

Julia sentia-se corajosa pela idéa do cumprimento do dever filial que ella propria animara. Germano desmereceria em seu conceito se por mais tempo demorasse a vizita á sua mãe; apezar disso, porem, anciosa, triste e commovida, temia á cada instante ouvir soar a hora da despedida.

A noute chegava.

Mas no momento em que Germano, depois de trocar com Julia magoado olhar de adeos mudo, pedia licença para retirar-se, a baroneza tomou-lhe o braço, e disse-lhe:

— Uma consolação na despedida: peço-lhe que fique para tomar chá conosco.

Julia exultou.

A baroneza seguiu logo, levando Germano do jardim onde passeavão para a casa.

A amabilidade com que o barão e a baroneza estavam penhorando o elegante cavalheiro cujo amor,—e amor correspondido por sua neta,—já não era segredo para elles, indicava bem claramente a boa vontade e o favor que esperavão ao feliz pretendente á mão de Julia.

Salvas as reservas da mais perfeita decencia, as expanções amigas dos dous nobres velhos verificarão o que Germano já pensava, e annunciarão á Julia a felicidade que apenas se tinha indiciado em seo coração desde poucos dias.

Tornou-se evidente para ambos que o barão e a baroneza abençoavão o seo terno affecto. Julia era pois presumida noiva de Germano aos olhos de seus avós.

Que consolação suavissima nessa noute de despedida em separação por doze dias!...

E como hia passando a noute em azas de poeticos enlevos á sombra da condescendencia decente e pautada pela prudencia e pela honestidade dos avós da donzella amada, e sob os véos quasi transparentes da ternura melancolica e da esperança fulgente!...

Ah!... era uma noute de amor innocente, e vespera de agri-doces saudades!...

XII

A VELHA AGOUREIRA

Quando menos o esperavão Julia e Germano, um carro parou no portão do jardim, e momentos depois um criado annunciou SS. Exs. a senhora dona Anna de Alencastro e sua filha.

O barão e a baroneza levantarão-se e forão recebê-los á porta da sala.

Julia levantou-se tambem, mas perturbada e nos primeiros instantes agitada por tremor semelhante ao que produz o trovão que immediatamente segue ao relampago.

Ao ouvir o nome de Anna de Alencastro a donzella se lembrara de que fôra ella quem agoureira marcara a face marmorea de Germano, e a comparara com a lousa de uma sepultura.

A visita de Anna de Alencastro? nessa

noute de separação e de saudades de amor, toldou as consolações e annuviou as esperanças de Julia.

Os amantes são supersticiosos e de tudo se arreceião pelos melindres de sua ternura, e a imaginação de Julia ainda mais se prestava aos vagos receios do sinistro agouro que, de novo recordado, se impunha na hora em que Germano hia despedir-se, ausentando-se por alguns dias.

A velha agoureira chegava inesperada...

Julia imaginou na despedida de um e na visita da outra em uma mesma noute, lamentavel coincidencia que devia preoccupal-a.

Retardando-se por momentos á ir encontrar as duas senhoras, a noiva de Germano, pois que noiva já lhe era licito considerar-se, não poude felizmente reparar no rapido movimento de desgosto que produzira em Anna de Alencastro a presença do bello cavalheiro.

Obrigado á mostrar-se agradavel e fagueira á respeitavel viuva muito amiga de sua mae e á occupar-se especialmente de Paulina, Julia disfarçou o melhor que lhe foi possível o desgosto que lhe causavão a inoportuni-

dade da visita, e a lembrança do máo agouro.

Ella ficara sentada entre Germano e Paulina, e começava á pensar que a sua jovial camarada parecia acanhar-se pela companhia do cavalheiro, quando ella se foi tornando mais do que alegre e brincadora, chegando á ser indiscreta.

Conversavão os tres sobre theatros, bailes, e flôres; mas Paulina, repetidamente e sem interromper a conversação, murmurava ao ouvido de Julia phrases destacadas e incompletas que a fazião corar ou a turbavão.

Erão palavras soltas de gracejo innocente, quando muito impertinentes, mas que incomodavão a Julia pelas prevenções que havia em seo espirito.

Paulina dicera rapidamente uma de cada vez as seguintes phrases ao ouvido da amiga:

— Já sei... coitadinha!...

— Amar é padecer...

— Cuidado!...

— Mas é tão pallido!...

— São gostos...

Simples zombarias da moça leviana, atur-

dião todavia Julia que reconhecia nellas, como o seo amor ja não se continha bastante para escapar á observação da esperta canarada, e que nas palavras — *coitadinha!* — *cuidado!* — *mas é tão pallido!* — sentia afigurarem-se-lhe novos involuntarios, e não pensados avizos que a providencia misteriosamente lhe mandava.

E ainda innocentemente veio Anna, a respeitosa velha, excitar ainda mais a imaginação volcanica de Julia.

Anna concentrara por momentos a attenção de todos, repetindo e considerando a historia de um lamentavel infortunio recente.

N... supposto rico, e desde annos muito acreditado negociante e capitalista da praça do Rio de Janeiro, tinha desaparecido e fugido, deixando em prejuizo de muitos enorme desfalque de centenas de contos de reis.

Até ahi a noticia era geralmente sabida; Anna porem ajuntou á ella circumstancia até então ignorada.

N... já era noivo de Ernestina, filha de um titular, fazendeiro opulento, e amigo do barão de... e, fugindo, escrevera ao pae

da noiva e á esta, restituindo-lhes a palavra dada, e confessando-se indigno de felicidade que o esperava.

— É possível?... exclamou o barão.

— Asseguro que é verdade; disse Anna.

— Ao menos, observou a baroneza, o infeliz soube soffrer só, e poupar generoso uma innocente que poderia ser victima...

Anna era severa ou cruel.

— Nem tanto assim: elle se esforçara por apressar seo casamento um mez antes da sua catastrophe, e foi somente a prudencia dos pais que salvou a filha...

— Ainda bem!. mas o desgraçado...

— Especulador sem consciencia!... é horrivel esse calculo infame que ameaça o futuro de uma filha querida.

E a viuva olhou com indisivel olhar de amor para a sua Paulina.

— E dona Ernestina?... perguntou com exaltamento e fervido interesse Julia.

— Chorou dous dias inteiros, coitada!... já porem estivemos com ella, e a achamos ajuizada, e até convencida de que poderia ser maior e mais fatal o seu desencanto.

Julia deixou ver em seu rosto vivos signaes

de reprovação; mas não protestou com a voz, sem duvida em respeito á senhora que fallava.

No entanto serviu-se o chá.

Reatou-se, a conversação no grupo velho e tambem no grupo joven.

— Que pensa de dona Ernestina?... perguntou Paulina á Germano.

— Minha senhora, eu apenas sei ajuizar do procedimento dos homens.

— Mas na hypothese de ser o noivo fugido...

— V Ex. me desculpe: não posso sujeitar-me á essa hypothese...

— Nem por sonhos?... perguntou Paulina com ar zombeteiro.

E disse ao ouvido de Julia:

— Parabens! mas santo assim só no outro mundo.

Julia impaciente afastou o ouvido dos labios de Paulina e disse:

— Respondo pelo senhor Germano: Ernestina devia... deve morrer...

— Oh!... é demais!... observou Paulina.

— Ou não amava, e não devia ser noiva; ou amava, e deve morrer.

— Não, minha senhora, accudio Germano;

eu defendo a noiva abandonada: ella deve somente esquecer e desprezar...

— Porque?...

— Porque o noivo de dona Ernestina não a amava como Romeu amou Julieta.

Paulina não entendeu a allusão e por isso perguntou:

— E se elle amasse como Romeu á Julieta?...

Germano respondeu com repassada doçura de voz:

— Não fugiria; ficaria na terra do amor aos pés de sua noiva, ou subiria com ella á glorificação do seu amor no ceo!...

Julia respirou satisfeita, e pagou a manifestação do romanesco sentimento de Germano com o mais encantado e carinhoso olhar de ternura.

Paulina sorrio-se de modo que podia indicar descrença de tanta poesia, e de tanto ceo que lhe estavam mostrando na terra.

— Ella não crê!... disse Julia com infantil impaciencia.

— Oh, não! acudio Paulina; eu creio em tudo quanto me dizem.

A ironia desta resposta atordoou Julia que, visivelmente contrariada, fez logo mudar o assumpto da conversação.

Só á meia noute Anna levantou-se para sahir.

Nunca houvera visita mais inoportuna e menos desejada!

Julia tinha quasi perdido as suas horas de suave consolação á preceder á saudade.

Não era licito á Germano demorar-se mais tempo; elle tambem tomou o chapéo.

Julia olhou-o querençosa, quasi á chorar...

E elle aproveitando o leve e subsequente movimento da despedida geral, ao apertar a mão da amada, murmurou:

— Vou... mas fico...

Julia estremecera... hesitára... e logo retirando a mão que havia dado á Germano, passou para ella o lenço, e muito perturbada foi abraçar Paulina.

D'ahi á pouco sahirão...

Mas Germano não chegára á despedir-se da baroneza, pois que o barão intencionalmente o interrompera, convidando-o á dar o braço á Paulina.

Julia teve tempo de verificar o que tinha já advinhado. Germano deixava-lhe o seu retrato em pequena photographia.

O barão e Germano tornarão á entrar na sala.

— Aquellas senhoras muito amaveis sem duvida, disse o barão, atrapalharão-nos com tudo um pouco... a noute deveria ser exclusivamente de nós sós; mas podemos ainda aproveitar uma hora...

Germano agradece, escusando-se polidamente... e beijou a mão da baroneza que lhe disse :

— Volte cedo... esperamol-o...

Julia deo outra vez a mão ao seo amado; mas não pode fallar...

O barão fallou por ella, abraçando Germano :

— Doze dtas, e nem mais uma hora!...

Emfim... elle sahio...

O barão e a baroneza o acompanharão até a porta.

Julia impellida pelo amor e pela saudade lançou-se para a janella, e nem se voltou, ouvindo, se os ouviu, os passos de seos avós que atravessavão a sala.

Ella via ainda Germano que descia a escada, e que tristemente voltou os olhos para cima...

Julia largou o lenço que, ajudado pela briza protectora, foi cahir diante de Germano

que o apanhou, baixou-o, olhando para a apaixonada donzella, guardou-o no seio, sobre o coração, e indicando violento esforço, retirou-se precepitado...

— Julia! Julia!... exclamou a baroneza; já é tempo de dormir!...

A mimosa e angelica menina passou os dedos pelos olhos para enxugar ou desfazer as lagrimas, e sahio confusa e silenciosa da janella.

A esse tempo Germano, tendo posto á trote largo o seo cavallo, tirou o lenço de Julia que havia collocado entre o collete e a camisa, no ponto correspondente ao coração.

Elle acabava de sentir que o finissimo lencinho estava molhado do pranto da saudade de amor, e temendo resfriar-se, mudou-o de azilo, guardando-o no bolso da sobrecazaca.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

UM NOIVO À DUAS NOIVAS

SEGUNDA PARTE

I

A FAMÍLIA EM FESTA

Germano estava já tres dias em companhia de sua mãe exultante e como em hallucinação de alegria.

A boa e amorosa velha, dona Adeodata, recebera e abraçara o filho com os olhos á brilhar em santo fogo, atravez de enchentes de lagrimas.

Um dia inteiro esse amor de mãe á chorar e á rir!... e depois sempre á olhar em extasis, e nos olhos humidos o coração á

derreter-se, e no sorrir sublime dos labios a alma da mãe á dizer amor, adoração, encantamentos ao filho!

Ah!... velha, bem velhinha. ainda mesmo rude, anachronica no trajar, desfigurada e tremula pela idade, pelos trabalhos, pelas molestias, velhinha, bem velhinha a mãe é um anjo!...

E seo amor é sempre tam joven!!!

Ai! e custa tam pouco fazer sorrir, encher de alegria felicita uma mãe!!!

Os parentes e os velhos amigos corrião pressurosos á visitar Germano, e á dar parabens á velha Adeodata.

Cada dia era uma festa na fazenda do *Acerto*.

O nome da fazenda lembrava feliz inspiração do pae de Germano.

Getulio tinha grande fazenda de café no municipio vesinho; os cafezeiros o havião enriquecido; mas, antes de todos, elle presentio a doença ou o mal que ia atacar desastrosamente a planta que ainda hoje é ouro do Brazil.

Getulio, sem abandonar a sua fazenda do

Rio Perdido, comprou á seis legoas de distancia, e em freguezia do municipio limítrophe um *engenho*, como se diz, fabrica de assucar, com terreno immenso, solo fertil, e sufficiente para quatro ou cinco fazendas, e poz-se á cultivar e á fazer assucar, tendo deixado Antonio de Castro, seo filho mais velho, na administração do *Rio Perdido*.

A nova fazenda chamava-se então *Engenho do Engano*: um nome como qualquer outro...

Mas em breve a praga do café e a regeneração da lavoura da canna, graças ao facil recurso das plantas novamente introduzidas glorificarão a previsão de Getulio, e a fazenda mudou de nome por antithese decretada pelos amigos de Getulio, em vez de *Engenho do Engano* passou á chamar-se fazenda do *Acerto*.

Por morte de Getulio de Castro, seu filho Antonio herdou a fazenda do *Rio Perdido*, e dona Adeodata, a viuva, ficou senhora e proprietario da fazenda do *Acerto*.

A herança paterna de Germano realisara-se em capital-moeda, como elle ausente pedira; e á mãe e ao irmão parecera justo.

Cento e quarenta e dous contos de réis immediatamente empregados em compra de

apólices da divida nacional fundarão a fortuna não opulenta, mas lisonjeira e fortemente auxiliadora do elegante diplomata.

Germano podia pois não ser ambicioso de riqueza...

Mas ao terceiro dia de jubilo, de banquetes e de festas chegou Antonio de Castro que viera accelerado e ardente abraçar seo irmão.

Duplices alegria para a boa e extremosa velha mãe de ambos!...

Adeodata ralhou com Antonio, á quem desde seis mezes não via; ralhou porem de modo á fazer esse filho não ter inveja do irmão.

Todavia Germano era o querido, o solicitado, o festejado por todos.

Antonio de Castro propoz, requereo, exigio e impoz a concessão de alguns dias de visita á sua fazenda do *Rio Perdido*.

Elle trazia para sua velha mãe condução commoda e proporcionada á sua idade e ao máo estado das estradas, uma liteira acolxada, segura, morósa talvez na viagem, mas suave e macia, e na qual Adeodata poderia dormir serena, viajando seis legoas de ruins caminhos.

Adeodata não tinha vontade propria, ardia por querer o que seos dous filhos quizessem, e especialmente o que Germano preferisse.

A fazenda do *Rio Perdido* tinha sido o berço natal e theatro dos brincos da infancia e dos devaneos e bellas illusões da adolescencia de Germano que, naturalmente, desejou tornar á vel-a, tanto mais que por isso não se separaria de sua mãe nos dias que á ella dedicára.

A viagem foi marcada logo para o romper do dia seguinte; em attenção aos velhos annos de Adeodata descançar-se-hia em caminho durante as horas mais calmosas, de modo que se iria chegar ao anoutecer e sem fadiga nem incommodo ao *Ria Perdido*.

Cada qual tomou suas disposições para a partida, e Germano pondo-se antes de deitar-se á arrumar a sua mala, sorriu-se ligeiramente encontrando no bolso da sobre-cazaca o lenço de Julia.

Era um lenço de cambraia de linho com bordado simples, mas primoroso na cercadura, e tendo por principal e inestimavel valor as iniciaes do nome da donzella.

Germano dobrou cuidadoso e delicadamente

o fino lencinho, envolveo-o em uma folha de papel, depositou-o no fundo da mala e, acabando os seus preparativos de viagem, deitou-se e em breve dormio até o romper da aurora.

II

GERMANO SEM MASCARA

Germano não tinha sido tam ingrato e cruel que houvesse deixado em esquecimento completo o lenço de Julia; apenas até então se descuidara delle.

E certo que na noute em que se despedira da interessante menina, cujo ardente amor conseguira facilmente merecer, e á quem dera o direito de considerar-se sua noiva, elle, ou por muito fatigado, ou por urgido pelos arranjos indispensaveis e já preceptados áfim de seguir no dia seguinte para a fazenda de sua mãe, olvidou-se daquella mimosa prenda; mas depois dessa noute lembrou-se por vezes, e sómente a negligenciara porque tinha á certeza de encontral-a no bolso da sobre-casaca.

Evidentemente Germano não era Romeo,

como Julia o imaginava e elle se insinuára em breves palavras de resposta exigida.

Mas bem que não sendo Romeo, pudesse pela affeição suave, pela estima da esposa, pela fidelidade e pelo condão da virtude, fazer a felicidade da mulher companheira abençoada de sua vida, não se podia combinar esse desmazelo que indicaria fraco apreço do lenço com a ternura e a paixão radiante de flammæ poeticas que elle manifestara á Julia.

Todavia, uma por uma, todas as informações que o barão de... obtivera e colhera sobre Germano, abonavão o seu character, e o realçavão como cavalheiro de educação eximia, de intelligencia illustrada, e de comportamento exemplar.

Germano era no dizer de quantos o tinham conhecido e praticado na Europa, *trigo sem joio*.

Entretanto Anna, a velha agoureira, tinha adivinhado Germano.

Ou por disposições organicas, que Lavater pretendia distinguir nas bóssas de seu crano, e Gall no livro para elle aberto de sua phisionomia, ou pela influencia de falsa escola

philosophica, ou por scepticismo de alma que se fechára á luz da religião e ás noções da moral, ou melhor e mais provavelmente por natureza que a educação não encaminhara com acerto, e pela impulsão das doutrinas sensualistas que acharão nessa natureza solo fertil para o desenvolvimento de seus germens, Germano tinha no intimo do coração o contraste mais absoluto do que representava a expressão artificial de suas palavras e de seus modos na indicação dos sentimentos.

A delicadeza no trato, a eloquencia simples e attractiva do discurso, a sensibilidade exquisita manifestando-se nos affectos, a elevação poetica dos pensamentos formavão a bella mascara que escondia nelle o feio esqueleto do materialismo.

Seo coração era pedra de gelo, sua alma o calculo em acção, o objecto da sua vida o gozo.

Na carreira diplomatica que até então seguira, as apparencias deslumbrantes que perfeitamente dissimulavão o deserto aridissimo de seo coração resequido, e as tarefas quasi sempre amenas, e obrigadores de fina cortezia e de pratica amavel e obsequiadora

tinhão aproveitado á sua mascara, fazendo-o ganhar geral estima e creditos de homem nobre, generoso e honesto.

O materialismo que caracterisava Germano escapára facilmente á todos na vida um pouco vadia e, as mais das vezes, levada em passeios e festas pelas côrtes da Europa.

Sem antagonismo de interesses, livre do choque immediato de ambições, e até favorecido pela fortuna na subida dos grãos da diplomacia, Germano nem tivera occasião apertada em que se atraioçasse, mostrando á descoberto o esqueleto.

Tambem elle não era o que commumente se chama—homem máo. Profundo egoista, era indifferente ao mal e ao bem dos outros; nunca desejava, mas tambem nunca fizera o sacrificio para obstar o infortunio de outrem. Sabia rir com artificio agradavel; o artificio porem não chegára jamais á fazel-o chorar.

A sua preconisada honestidade e pureza de costumes era devida á educação diplomatica, ao amor dos seus cabedeas, e ao gelo do coração. Sobrio e delicado na meza, não jogando, senão urgido pelo dever de delicadeza,

Germano nunca se allucinára verdadeiramente apaixonado por mulher alguma.

Nas impurezas de horas doudas as cortesãs mais formosas não puderão prendel-o nas redes enfeitiçadas pelo vicio intesseiro e corruptor, e nem mesmo uma só vez expol-o á escandalo publico nos desvarios de um dia febril e desatinado.

Germano materialista materialisara a mulher, e desprezava a cortezã um momento depois de despedir-se della.

Mas egoista, sensual, habil em simular inceudiados affectos, elle não se comedira tanto quanto a virtude exigia em suas relações nas classes mais elevadas, e apenas precatado e hypocrita dissimulou em cautelosas reservas paixões fingidas, das quaes algumas sepultarão vergonhosas em tristes e dolorosos arcanos o segredo da fraqueza das victimas e do triumpho do falso homem que gozava honras de nobre, generoso e honesto.

Germano materialisára a mulher ainda das classas mais altas e, das sociedades mais aristocraticas, e, perversamente feliz com o infeliz amor de alguma, ruminava depois a felicidade sem arrependimento da traição e do

abuzo, com a satisfação do seu egoismo, e com a saboreadora lembrança do epicurista, que se recorda do banquete passado, proíbando na imaginação o banquete proximo futuro.

Na Europa já elle tinha pensado em casamento ; não em casamento exclusivamente por amor, mas de calculo de fortuna, e no qual nem a noiva fosse menos grata ao seu natural sensualismo, nem que por formosa fizesse olvidar o empenho positivo e real da vida.

Germano se reputava apenas abastado, e tinha por escravidão estúpida o casamento se o dote, a riqueza opulenta da noiva não doirasse as algemas do marido ; mas ou não procurara seria e decididamente, ou não achára na Europa esposa que estivesse naquellas condições, e que se prestasse a querel-o.

Como quer que fosse, tendo obtido seis mezes de licença para tornar á patria, da qual estava auzente á doze annos, Germano fora apresentado ao barão e á baroneza de..., soubera que sua fortuna era colossal, e que Julia, ditosa neta de taes avós, tinha de ser a unica herdeira de alguns milhões...

Meia hora depois desses animadores escla-

recimentos, ouvidos ou recebidos com apparente indiferença, dançava elle sua primeira contradança com a innocente menina, noiva de oiro.

É preciso dizel-o: Germano interessou-se pela donzella ingenua, modesta, virginal e angelica que se tornára objecto de seo calculo.

Julia não lhe pareceo bastante formosa, estava longe de competir com outras cem ou mais lindas donzellas de quem ao acaso lembrava as imagens encantadoras; era porrem bonita, ou sympathica, e tam candida, tam perfumada de pureza celeste, tam interessante pelas suas santas ignorancias e pelas suas confusões de innocencia sobresaltada, que elle achou encanto e delicias no amor daquelle thesouro.

Julia conveio ao sensualismo e á ambição de Germano.

A consequencia dessa conveniencia harmonica do sensualismo e da ambição de fortuna foi a exploração e o acendimento do amor da exaltada donzella.

Mas agradado material, e talvez um pouco sentimentalmente de Julia, Germano conser-

vou plena a serenidade da sua razão, a fria placidez do seu egoísmo, e fingindo poeticos transportes, e volcanica paixão, seguro do amor da mimosa menina, já lisonjeado pelo acolhimento, por assim dizer paternal, do barão e da baroneza de..., e certo de alcançar a mão de Julia e de ser em breve seu esposo, fora, retardatario embora, visitar sua mãe, sereno, frio, e impassivel como o seu calculo, ou *como a louza de marmore fechando a sepultura do coração* que a velha agoureira tinha observado e mostrado em sua face marmorea.

III

ROMANCE DA ADOLESCENCIA

E todavia Germano, se em alguma epoca de sua vida fora susceptivel de amar, já uma vez tinha amado.

Mas quando e á quanto tempo?... nos dias dos primeiros anhelos innocentes do coração, ao raiar da adolescencia, havia vinte annos.

E ali mesmo na parochia á que pertencia a fazenda do *Rio Perdido* se passara esse amor em idyllio, unico oasis no immenso deserto de sua insensibilidade calculista e de seo egoismo enregelado.

Em mezes de ferias de seos estudos de preparatorios, recolhido á familia e achardo no irmão optimo companheiro de entretenimentos e distrações, contava Germano os dias por caçadas, passeios á cavallo, pescarias, e visitas ás fazendas de amigos.

Chegara no entanto o fim do mez de Dezembro e annunciou-se a representação de uma comedia na freguezia que então já possuia o seo theatrinho particular.

Como de costume, a sociedade dramatica obsequiava com seus convites as familias dos fazendeiros e lavradores distinctos da parochia. Getulio recebeu o seo camarote, e á Germano e Antonio não faltarão bilhetes de cadeiras.

A comedia representou-se no noute de Natal.

O theatro era pequeno, pobre de adornos, e falho de arte nas disposição da sala; mas ainda assim excellente recurso contra o viver monotono de uma pouca populosa parochia do interior.

Germano e Antonio forão dos primeiros á ir tomar assento perto da orchestra; e o estudante em ferias, pavoneando-se com a presumpção de bonito e elegante *moço da cidade*, previamente considerou-se ponto objectivo das attensões de todas as jovens da sua terra, e, como tal, á medida que os camarotes se forão enfeitando com as graças da sexo enfeitador, volvia elle o rosto com

a inconstancia do beija-flor para ver, observar, e indicar-se vaidoso e impertinente-mente.

Mas a chegada de uma nova familia, que occupava o primeiro camarote do lado direito da primeira ordem, causara certo movimento na assembléa, e Germano que olhava tambem para as senhoras recém-chegadas, ouviu em torno de si vozes abafadas que murmuravão:

— Dona Flor!... dona Flor!...

Germano tocou duas vezes com o cotovelo no braço do irmão, e sem tirar os olhos do camarote, disse em voz baixa:

— Como cresceo de repente!... está moça!...

— Não a olhes tanto... bem sabes! observe-lhe Antonio.

— Que me importa!...

Nas freguezias e villas nem todos são amigos; todos porem se conhecem. Germano reconheceo pois facilmente no camarote que attrahia sua attenção um rico e influente fazendeiro do lugar e, em duas senhoras que já se havião sentado, a esposa e a filha do mesmo homem notavel da terra.

A prevenção que Antonio dirigira ao

irmão era a triste lembrança de um abysmo de odio cavado pela intolerancia politica ou antes pelo antagonismo da influencia e ciume de preponderancia que na parochia separava inimigos Getulio é aquelle outro fazendeiro, que alias tinham sido, até poucos annos antes, intimos amigos.

Mas Germano não podia mais ser solidario com seo pae no abysmo de odio politico ou ciumento aberto entre elle e o pae da menina que *crescera de repente e já estava moça.*

Do fundo do abismo rompia luz brilhante: era dona Flor.

Menina, ainda, já se ostentava maravilhosamente bella : alta, delgada, flexivel e de cintura finissima fazia-se admirar pelo talhe gracioso, embora ao romper da puberdade suas formas não se tivessem desenvolvido completamente ; seo rosto era um prodigio de harmonia nos traços e de formusura no todo ; a perfeição da regularidade do seo nariz só podia ser igualada pela magestade suave de sua fronte alta, e pela graça inexcédível de sua boca mimosa ; sua cor branca, seus cabellos negros, finos e com-

pridos, seos olhos pretos, lindissimos, e cujo ardor era mitigado por cilios longos e distinctamente separados, e por sobrancelhas docemente arqueadas, fazião lembrar o typo mais puro da georgiana; era como alguma das alvas donzellas dos cantos poeticos do oriente; era a revelação physica e animada das houris que Mahomet imaginara em horas de arroubos de sua estupenda impostura.

Escusado seria dizer que a menina não recebera na pia baptismal o nome de *Flor*, se não conviesse explicar o motivo dessa antonomasia familiar exclusivamente adoptada pelo povo da parochia.

A mae da menina chamava-se Florinda, e o pae, condescendendo de má vontade com esta em dar-lhe outro nome, ou por amorosa e lisongeira desforra da condescendencia, ou por vaidade da belleza admiravel da filha, appellidou-a *Flor* ainda em lembrança do nome da esposa, ou em paternal culto á mimosa formosura da creança.

De pae passou esse appellido á ser empregado pela familia e pelos parentes, e destes pelos amigos, conhecidos, e pelo povo da parochia, de modo que a menina perdeu

ahi de todo seo nome de baptismo, e foi somente tratada por *Flor* ou *dona Flor*.

Alem do mais o appellido estava no gosto e nos costumes da terra. Nos povoados e parochias do interior, onde menos adiantada está a civilisação, abundão consideravelmente as alcunhas e as antonomasias, ridiculas ou lisonjeadoras, e como todos são conhecidos, todos as adoptão e as empregão.

Esta regra não faz excepção das senhoras.

Ha cem exemplos de jovens senhoras que não puderão perder as suas alcunhas, seo appellido familiar de meninas, e que ainda os conservão depois de casadas.

Era assim que, da menina que *crescera de repente*, e que no entender de Germano já *estava moça*, ninguem sabia outro nome senão — dona Flor.

Mas dona Flor curiosa tambem e logo que se sentára lançou seguro e innocente olhar de investigação feminina por todos os camarotes que podia ver, e sorriu ás amigas que foi nelles encontrando; depois, mais indifferente e mais rapida resvalou os olhos pela platéa, até que chegando á Germano, demorou-os alguns instantes, como impressionada

pela novidade de um desconhecido ; logo porem recolhe-os, corando tão de leve que só o moço da cidade percebeo-lhe a ligeira confusão.

Dona Flor pertubára-se ligeiramente, sentindo em seo rosto e vendo nos seos olhos o olhar embevecido de Germano.

Era uma flamma electrica, terna, mas penetrante, que a tinha feito corar e enleiar-se ; porque, embora ainda imperceptivelmente, tinha ido penetrar até o seo coração.

Dona Flor tornou depois á olhar ; mas já furtivamente...

E furtivamente chegou á convicção de que Germano era o mais bonito moço que ella até então tinha visto..

E furtivamente ella e elle, sem saber porque, se procuravão com os olhos e olharão-se durante toda a representação da comedia...

E quando a comedia terminou, elle e ella já se tinhamo sorrido dez vezes um para o outro.

Sorrir de innocencia em ambos... em ambos pendor de corações e angelicas harmonias de duas almas á entender-se sem malicia e sem peccado, e á fruir no consorcio da

sympathia mutua as delicias do amor celeste que somente podem ser libadas na edade da pureza e dos sonhos feiticeiros, daquelles que já não sendo meninos começam apenas á ser adolescentes.

Então Germano tinha dezeseis annos, e dona Flor doze.

IV

AMOR DE FLORES

E que mais nos enlevos desse amor?...
samente isso ou pouco alem.

Acabada a comedia, meigo e triste olhar
de despedida, primeiro ainda na sala do
theatro, e depois á porta da sahida.

Noutes de melancolia e de saudades...

Germano, em passeios a cavallo, atravessando o campo da fazenda do pae de dona Flor, ás horas da tarde em que de costume a mae e a filha sahião á distrahir-se, correndo a horta, ou acudião as janellas para ver o gado recolher-se ao curral...

Solemne festa religiosa na villa, e então um dia inteiro e feliz para o gozo dos olhos á dizærem-se mil ternuras... e á noute, ao queimar-se o fogo de artificio, uma flor cahida por acaso, ou como por acaso da mão

da menina e apanhada disfarçadamente por Germano.

E essa flor, um *amor-perfeito*.

E outra flor, uma *saudade*, minutos depois largada no mesmo lugar em que cahira a primeira, e em breve recolhida por dona Flor ao levantar o lenço á proposito escapado de seos dedos.

E no fim de mais alguns dias o termo das ferias de Germano.

Quasi um anno de ausencia.

Outra vacação de estudos, outras festas de natal na freguezia de... e reacendimento do amor de dona Flor e de Germano.

Mas alem das commoções eloquentes, das mutuas finezas no olhar, da reciproca intelligencia de fugazes sorrisos, do jubilo ao encontrarem-se, da tristeza ao separarem-se, e de flores novamente trocadas, nada mais..

Nem se quer uma vez Germano e dona Flor puderão fallar-se ainda mesmo em publica reunião, nem sequer uma unica vez suas mãos se tocarão ainda mesmo de passagem, e dissimuladamente.

Mas não é assim que ás vezes se ama na primavera da vida?...

São desses os amores que deixão suavissimo e inestinguível perfume no coração, perfume que ainda, na velhice do homem ou da mulher, embalsama a memoria e encanta as melancolias das lembranças do passado.

Entretanto, acabadas aquellas segundas ferias, que alias forão mais longas, Germano partio, não para continuar seos estudos no Rio de Janeiro, mas para S. Paulo, onde hia matricular-se no curso juridico.

Dous dias antes, e na afflicção da saudade, ouzára elle tocar o extremo que então concebia, dos arrojós da paixão; comprara a fidelidade de um pagem do pae de dona Flor, e mandára á esta uma *perpetua* branca e um bilhete em que jurava e pedia amor *eterno* e promessa de casamento.

O que a menina soffreo, confundida aos olhos do escravo de seo pae, só ella o soube; amava porem tanto que, no dia seguinte, Germano recebeu tambem uma *perpetua* branca e, em laconico escrito com letras tremulas e vestigios de lagrimas no papel, estas palavras: « Adeos! Espero. Volta. A minha *perpetua* branca diz — *sim!* — »

Dona Flor se esquecera de assignar, ou

cautelosa e prudente não assignara o bilhete; mas nem por isso Germano se exaltou e se regosijou menos ao lê-lo e ao beijal-o mil vezes.

Era a primeira carta de amor que recebia.

Despedida em lagrimas, mais de saudade da menina do que de seus pais e de seu irmão... era porem forçoso!... Germano apartou-se da familia e foi para S. Paulo.

Dona Flor esperou... provavelmente esperou...

E é tambem provavel que se aborrecesse de esperar...

Um amor de adolescentes, quasi amor de meninos, pode durar sempre apezar de negligenciado?...

Naturalmente a *perpetua* branca e o sim de menina forão esquecidos logo em S. Paulo.

Germano e dona Flor não se tornarão á ver.

Mortalha immensa, uma mortalha da extensão de vinte annos envolvia em mil dobras o pobre cadaver desse amor de adolescentes, quasi amor de meninos.

V

NEM LEMBRANÇA !...

É de presumir que nem mesmo nesse amor, aos dezeseis annos de idade, Germano tivesse amado como sabem amar os corações virgens, generosos e delicadamente sensiveis; porque, chegando a fazenda do *Rio Perdido* e devendo abrir a alma á todas as doces recordações dos mais risonhos e bellos annos de sua vida, não indiciou lembrar-se de dona Flor.

Com effeito, Germano, muito occupado em agradar e parecer commovidamente affectuoso aos parentes e velhos amigos que o rodeavam em festa, e ás vezes reflectindo em seo projecto de casamento com a néta e unica herdeira de avós milhionarios, pensava mais em sua volta para a cidade do Rio de Janeiro, do que nas vans recordações das travessuras da infancia e dos sonhos da juventude.

No entanto, artista ou comico de habitual aveludada sociedade, hia na fazenda do *Rio Perdido*, fingindo effusões de sensibilidade, impressões saudosas, doces lembranças, e exultação ao saudar e rememorar antigos conhecimentos, e ao rever os lugares, as arvores, as fontes que poetisavão a aurora, e a primavera da sua vida.

Isso lisonjeava sua mae, seu irmão, seos parentes e os velhos amigos de sua familia, e lisonjeando-os sem difficuldade nem sacrificio pessoal, Germano ganhava sympathias, estima, e como que gratidão pelo amor á terra de seo berço e dos seos irmãos, filhos e idolatras daquella terra em que tinhamo tambem nascido.

Não era natural que tudo fosse artificio e falsidade nas manifestações do ardente despertar do amor do ninho natal e das lembranças dos mais doces annos da vida que Germano ostentava; descrer de algumas commoções verdadeiras, de algumas suaves reminiscencias no animo do elegante diplomata, fôra consideral-o possuido da indifferença absoluta e da insensibilidade profunda em que o coração se houvesse tornado simples

apparelho motor da circulação do sangue, e independente da influencia da alma na vida do sentimento.

Nem tanto.

Averdade era que o coração de Germano tinha-se feito campo arido e gasto, onde hia brotando a memoria do passado mal, mesquinamente, e só á força do labor potente das impressões phisicas e immediatas: não era o coração que despertava a memoria, era esta que despertava aquelle.

Germano lembrava-se do que de hora em hora estava tornando á ver; mas, em seo falso e lisongeiro enthusiasmo, não procurava tornar á ver nem arvore, nem fonte, nem sitio, nem homem, dando assim testemunho de lembrança espontanea.

Sem duvida, por isso, não lhe tinha vindo á mente dona Flor.

VI

LEMBRANÇA E SORPREZA

Mas Antonio de Castro, sem premeditado calculo, obrigava o irmão á lembrar-se de tudo e de todos.

Adeodata festejara o filho toda e exclusivamente embebida, transportada de santo amor que esquecia o mundo, suas grandezas, suas vaidades, e só cuidava em maternal e angelico egoismo da dita propria.

Antonio não parou ahi: não somente exultara com a chegada do irmão, como empenhava-se em solemnizar-a; tinha orgulho da posição social, do elevado gráo diplomatico, da illustração, da elegancia, do merecimento de Germano, do tratamento de *excellencia* que todos lhe davão, e da simplicidade e dos modos affaveis com que elle captivava a quantos o procuravão.

Antonio determinára dar grande banquete em honra do irmão, contando reunir em sua casa toda a gente grada das circumvisi-nhanças e planejára caçadas e pescarias renovando nesses entretenimentos os gozos, os prazeres, que em sua juventude Germano tantas vezes naquelles sitios fruira com elle.

Banquete, caçada, pescaria quasi em dias consecutivos; porque o irmão apressava tudo, devendo retirar-se no fim de uma semana, sob pretexto de importantes negocios affectos ao governo.

Dous dias antes do banquete, no terceiro da chegada ao *Rio Perdido*, Antonio applaudio-se, achando ensejo para mostrar em publica reunião a ufania e a gloria de sua familia.

Um Francez, habilissimo e delicado *prestigiador*, estava dando no theatrinho da parochia, que então já era villa, espectaculos muito concorridos.

Na noite daquelle terceiro dia o *prestigiador* francez dava espectaculo.

Antonio mandou tomar o melhor camarote que se encontrasse e, ao anoutecer, seguiu para a villa com o irmão que se abando-

nava passivamente á todos os seus caprichos de amor e de desvanecimento fraternal.

O camarote era o segundo da primeira ordem á esquerda; teria sido o primeiro, se esse não fossè o do *delegado de policia* que presidia gravemente ao spectaculo.

Quando Germano entrou no theatro, lembrou-se...

Suave expressão de melancolia, de saudosa recordação dulcificou o olhar e fez deslizar triste sorriso nos labios de Germano...

Dona Flor surgia do passado... um tenue raio de luz rompendo do seio opaco de mil nuvens agglomeradas...

O oasis unico no deserto immenso...

Mas logo após á lembrança commovente Germano cuidou de si; mascarou-se, e foi sentar-se na frente do camarote e com as costas para o palco.

O abalo pouco antes sentido aproveitava á Germano.

O theatro estava já quasi cheio.

A platea e os camarotes fallarão, saudarão o bello, elegante e nobilitado filho do lugar, e por tanto seo justo orgulho, com

passageiro sussurro de curiosidade e de sympathy...

Germano sorriu-se com certo *que* de encantamento e correspondeo francamente convencido da impressão que produzia, e parecendo commovido áquelle sussurrar amigo, que o felicitava; olhou com amor de irmão para os camarotes e para a platea... sorriu-se outra vez... e como que abraçou á todos com os olhos e com o sorriso...

E logo depois de satisfazer os preceitos da arte, elle fitou os olhos no primeiro camarote do lado direito...

O camarote estava ainda vasio...

Oh!... vinte annos já se haviam passado...

Dona Flor era depois de vinte annos apenas um sonho.

Aquella menina de doze e de treze annos que seria feito della?... aquelle amor purissimo e encantado de duas ferias de estudante que destino tivera?... Dona Flor casara-se?... morrera?...

Germano lembrava-se emfim de dona Flor!... quiz perguntar por ella ao irmão, e hesitou... quiz ainda e arrependeo-se de o querer.

Mas olhava sempre para o camarote vago, imaginando ver nelle dona Flor aos doze e aos treze annos de idade...

Germano lembrou-se de tudo... lembrou-se das *perpetuas* brancas...

E lembrou-se de que era diplomata, e de que lhe seria facil fazer fallar ao irmão, e leval-o á dar-lhe todas as informações sobre a vida e sorte de dona Flor sem perguntar por ella.

E tinha já traçado o meio de guiar Antonio por indirecto caminho até ás recordações do seo amor, e já se voltava para o irmão afim de provocar-lhe explicações que almejava, quando ao ruido de cadeiras arrastadas no camarote fronteiro, Germano tornou a olhar e vio...

Oh!... era ella!...

Era ainda dona Flor.

VII

OUTRA VEZ...

Ah!... não erão mais, como á vinte annos passados, duas senhoras, a mãe ainda moça, a filha menina, e o esposo e pae apenas á tocar meio seculo, mas refulgindo ao verão da idade na vida forte e energica do campo.

A morte roçara com a sua aza negra pela familia e levava a nobre mãe, deixando no seo lugar da terra duas lagrimas, a da viuvez do marido, e a da orphandade da filha...

E o tempo tinha cavado vinte annos de ruinas na face e no corpo do pae de dona Flor.

Magro, pallido, quebrantado, o velho de setenta annos ainda assim era interessante, sorrindó á filha que cuidadosa lhe ajustava

o *cache-nez* de modo á poupal-o á toda impressão do ar frio da noute...

Germano tinha desde o primeiro instante reconhecido dona Flor; esta porem, muito mais occupada de seo pae do que da assemblea, levantara-se immediatamente depois de se ter sentado, para corrigir-lhe os descuidos na defeza da saude debilitada.

Vendo-a por momentos em pé e de perfil, Germano observou principalmente o seo toilette que lhe deixou duas inducções positivas: que ella trajava com o tom e apurado gosto das mais polidas e fastosas sociedades da corte, e que na cor violeta escura de seo vestido e no chapéo-toucado de rendas pretas com uma margarida roxa na frente e parecendo antes preza ao cabello, indicava ou fazia suspeitar viuvez.

Mas dona Flor voltou-se, tornou á occupar sua cadeira, demorando ainda as vistas no velho pae, e dirigindo-lhe meigas advertencias, como quem docemente ralhava com a autoridade do amor de filha.

Ella mostrara-se então completamente ao seo namorado de vinte annos passados. Era a mesma dona Flor do amanhecer da puber-

dade, a mesma belleza maravilhosa, menos sómente aquelle matiz indizível da primeira juventude, a flexibilidade, a delgadeza, a simplicidade, expansão e innocencia de menina.

Mas, em compensação, além do talhe que mantivera o natural desenvolvimento das formas magnificas, que outr'ora ainda são incompletas aos treze annos de idade, seu rosto ganhara em formosura pela firmeza dos traços, e toda ella avantajava-se mais com o concurso esmerado e subtil da arte do toucador.

Nem perdéra com a falta inevitavel da ligeira e interessante viveza juvenil, podendo ostentar graça magestosa que unica assentava aos trinta e tres annos que contava, e gravidade nobre, mas accentuada de branda melancolia que era nella mais um encanto.

Germano tivera tempo sufficiente para dominar forte e imprescindivel alvoroço de animo produzido pela recordação maviosa do amor da sua adolescencia e pelo immediato e inesperado apparecimento de dona Flor.

Quasi logo, em dous minutos ao muito, o sentimento generoso que o abalava secou no

coração do egoísta que, sem mais arrebatarse ás inefaveis rememorações do puro e celeste amor da menina, cahio no chão do materialismo sensual.

Germano olhava vivamente impressionado para dona Flor, como olharia para qualquer outra senhora que fosse igualmente formosa.

— É dona Flor, conheceste-a?... disse-lhe o irmão ao ouvido.

— Sim; e já viuva, respondeu Germano de proposito para se assegurar da verdade.

— Ah! já o sabias?...

— Não; mas vejo-o.

Foi então que dona Flor olhou ao acaso para o camarote fronteiro e encontrando como outr'ora fitos em seo rosto os olhos de Germano. reparou nelle, reconheceo-o, e surprehendida se abalava; mas immediatamente circumspecta afastou os olhos que forão vagar pelos outros camarotes, e apenas deixaria perceber no abanar mais acelerado de seo leque a forte impressão recebida.

O natural e, nos primeiros instantes, indissimulavel abalo passou ou foi soffocado em breve, e a nobre senhora poudo afigurar-se á todos docemente melancolica, mas serena e

só occupada de seo velho pae, e, sem ardor, antes negligentemente, á esperar o espectáculo do prestigiador.

VIII

Á SONHAR COM O PASSADO

Dona Flor dominara-se com o potente esforço de senhora recatada e afeita á vida artificial e aos dissimulos da sociedade ceremoniosa, de apparencias obrigadas e muitas vezes estranhas á verdade dos sentimentos.

Depois de vinte annos de ausencia, de dever de esquecimento e de desillusão dos sonhos de menina, ella encontrava de novo e de subito o homem que tinha sido o objecto de seo primeiro amor.

A commoção fora explicavel; mas tendo sido logo abafada, o recato da senhora estava salvo, a memoria porem ficara livre, e defendida pela gravidade do parecer exterior despertou suave, fazendo reviver os primeiros encantos da primavera alvorescente.

Ao envez de Germano a alma da bella viuva

abriu-se toda ás lembranças do passado, á ruminação sentimental e deleitosissima de seo amor de menina; e ainda ao envez de Germano ella não vio nelle o cavalheiro elegante, varonil e primoroso que então se apresentava á seos olhos; ah!... revio-o joven de dezeseis annos á contemplal-a impertinente, á sorrir-lhe indiscreto, á trocar atrevido com ella condescendente *perpetuas* brancas... juramentos de amor e de casamento, havia vinte annos!... no tempo da aurora, dos risos bemaventurados, das lagrimas doces, das flores fallantes, das purezas do ceo, e da innocencia de anjo!...

Um diluvio de recordações saudosas, deliciosissimas, melancolicas e enfeitçadas afogava o coração de dona Flor, que rejuvenecia pela memoria encantada e encantadora.

Mas diante do publico e em face de Germano a nobre senhora escondia tranquilla e cuidadosamente a menina recordadora.

Nessas doces reminiscencias do passado avivadas no segredo da alma a consciencia não fazia corar; a memoria reavivava o amor innocente; mas a menina já era senhora, o joven era então um homem de trinta e seis

anos: considerações de elevada importancia exigião que dona Flor parecesse de todo esquecida de sua ternura e de seo devaneo de criança e por tanto ella disfarçou e occultou dignamente os sentimentos ou as lembranças que lhe enchião o coração.

A pratica e a escola da vida civilisada impuzerão ali duas mascaras.

Em dona Flor a mascara da serenidade cobrindo a memoria inflammada: era a crosta do gelo do esquecimento lançada sobre a enchente das lembranças mais enlevadoras.

Em Germano o zelo do decoro poupando dona Flor á influencia de paixão renascente, e á apropositados e rapidos accessos de agitações amotinadoras que se refreavão em respeito e honra de quem as obrigava, era o imperio generoso, mas artificial, que fingia conter a erupção, que alias seria sem flamm. mas de verdadeiro amor e de sentimento puro no fundo do volcão e na boca da cratéra.

Dentro em pouco dona Flor socegou completamente.

Germano era evidentemente homem de boa sociedade, de educação delicada, e como tal

sabia evitar-lhe confusões possíveis, e honrar-lhe a posição, contrahindo effusões, e retrahindo assanhos de paixão que poderiam talvez perturbal-a demasiadamente naquella numerosa reunião de gente toda conhecida...

Germano não a olhava mais, como ella o encontrara olhando-a fixa e embevecidamente...

Sua attitude era modesta, grave, e apenas com uns longes de leve magoa á pensar ou á sentir saudades vagas... saudades antigas... saudades de vinte annos...

Talvez, quem sabe?... talvez tambem elle estivesse lembrando como ella...

Simplemente lembrando, era tam natural...

Sonhavam ambos com o passado... com o passado que não podia mais renovar-se. Que mal podia haver nisso, desde que nenhum dos dous dicesse ao outro o segredo do seu sonho?...

E que força humana pode emmudecer a memoria que falla na alma?...

Dona Flor socegou e sonhava...

E placida e indifferente na apparencia, senhoril e grave aos olhos da assembléa, e dentro de si já reflectida, considerando que a propria delicadeza aconselhava-lhe esquivar-se

de Germano á quem amara antes de casar-se, e esperando não ve-lo outra vez, passada essa noute, dona Flor, sem receio, nem apprehensões, nem aspirações, nem calculo, e apenas e toda abandonada á innocente encantamento, embebeo sua alma sonhadora do passado na imagem do Germano adolescente, e nos quadros rememorados dos episodios mimosos do seu primeiro amor, do seu amor de menina.

Era que dona Flor tinha amado terna e verdadeiramente á Germano.

IX

A POMBA MENSAGEIRA DE AMOR

O pano acabava de subir, e o prestigiador appareceu empunhando sua varinha magica.

Fallou ao publico do melhor modo que poude, explicando-se metade em francez, metade em portuguez estropiado, e logo deo principio ás suas ligeirezas e mystificações.

Dona Flor indicou-se desde logo muito entretida com o espectaculo: cada vez mais convencida de que lhe cumpria affectar completo olvido do seo amor de menina, nem procurava com faceis artificios ver e considerar Germano, nem se expunha á parecer evital-o; quando arredava os olhos do tablado, olhava indistinctamente para o camarote fronteiro, como para os outros e para a platéa com agrado igual e isenção perfeita.

Germano dentro de si pensava por isso

mesmo o contrario, e já certo de que encontrava em dona Flor uma senhora de elevada gerarchia e de maneiras e trato da mais fina educação e pratica de distincta companhia, procedeo como era de seo dever e lhe convinha, prestando-lhe a devida homenagem da attenção que merecia a sua belleza, mas retraindo indicações de qualquer outro sentimento, e se afegurando possuido de grande satisfação ao repassar cem vez os olhos por toda aquella reunião de filhos de sua terra, de amigos e de conhecidos de sua infancia.

Alem disso Germano tambem applaudia as mystificações do prestigiador.

Mas força foi que Germano e dona Flor se olhassem um momento francamente, e se sorrissem sem intenção de o fazer.

O prestigiador apresentou ao publico, preza em gaiola de ferro, uma pomba branca condemnada a morrer por indiscreta e pertinaz mensageira de amor, confessando que por vezes tinha debalde tentado acabar com ella, torcendo-lhe o pescoço; mas que então a mataria sem duvida, nem receio de vel-a teimar em viver, pois que lhe cortaria a cabeça.

E dito e feito : tirou a pomba da gaiola, com uma faca separou-lhe a cabeça do corpo, e lançou a cabeça e o corpo em uma cassarola coberta com uma tampa negra, acendendo logo fogo para cozer a pobre ave.

Imediatamente depois dirigio-se á Germano e pediu-lhe o chapéo e um lenço ; poz o chapéo recebido sobre a mesa magica, e trazendo a cassarola, despejou nelle a cabeça e o corpo da pomba já tostados, e cobrindo o chapéo com o lenço, foi deposital-o nas mãos de dona Flor, de quem obteve o emprestimo da luva da *mão direita*.

A determinação accentuada de que a luva devia ser da mão direita fez rir á todos.

Era explicavel que o prestigiador se tivesse dirigido á Germano e á dona Flor que occupavão camarotes dos mais proximos á scena.

O prestigiador cortou a luva em pedacinhos, que embrulhou em um grande papel capaz de conter mil luvas, e pondo o grande embrulho sobre a mesa, tomou a cassarola, mostrou-a vazia, contou historias, rodeou a mesa, e foi depois entregar a cassarola coberta á Germano.

Em seguida, e tendo interessado o publico, bateo com a vâra magica no embrulho que estava sobre a mesa, e abrindo-o logo, mostrou a pomba com a luva no bico...

E exclamou no meio dos applausos:

— Ressuscitou!...

Mas a pomba e a luva desaparecerão subitamente das mãos do prestigiador.

Novos applausos.

— Fugida! eu quer porem mensageira endiabrada!... disse elle, fallando portuguez como podia.

E tomando então de dona Flor o chapéo que lhe confiára, e tirando o lenço, derramou sobre ella, em vez da cabeça e do corpo da pomba morta, um diluvio de flores.

Logo depois e ao fervor das palmas o prestigiador convidou Germano á descobrir a cassarola, e o publico applaudio enthusiasmado, vendo nas mãos do bello senhor a immortal pomba branca, tendo presa ao bico a luva da *mão direita* de dona Flor.

E portanto Germano e dona Flor olharão-se e sorrirão-se naturalmente, quasi obrigadamente....

Mas Germano, forçado á olhar com perfeito

conhecimento e observação de todos, esme-rou-se cavalheiro; ergueo-se, o cortejou duas vezes, primeiro á dona Flor, e depois ao venerando velho, os quaes responderão agradavel e decorosamente á saudação.

O prestigiador tinha no entanto restituído a luva á dona Flor, e o chapéo e o lenço á Germano.

E o pano cahio.

Era um entreacto que se abria.

X

O CONVITE

— Foi uma apresentação magica !... disse Antonio de Castro, rindo, ao irmão.

— Foi; mas o odio politico antigo...

— Não chegou a ser odio velho; nosso bom pae fez as pazes com Affonso de Vellasco, quando se mudou para a fazenda do *Acerto*.

— E hoje ?

— O velho Vellasco e eu somos bons amigos.

É um homem honrado e bom; felizmente acaba de escapar á longa e ameaçadora molestia de que, abaixo de Deos, o salvarão pelo menos tanto como a sciencia dos medicos os cuidados estremecidos da filha.

Germano guardou silencio; mas reparando que Antonio parecia querer dizer-lhe alguma cousa e hesitava, perguntou :

— Que tens ?...

— É que devo e até julgo indispensavel ir cumprimentar o velho e sua filha... eu tinha determinado visital-os amanhã na fazenda; mas..,

— E então?...

— É que... Germano; sê franco: não achas inconveniente... menos bonito que eu vá só?...

— Onde?... a fazenda?... disse o diplomata, perguntando o contrario do que entendera.

— Não; ao camarote, respondeo Antonio.

— Certamente; e que ceremonias comigo!... Vamos.

E Germano levantou-se prestes.

— Ah!... eu receiava... que certo namoro da meninice... lembras-te?...

— Que puerilidade!... que tem que ver os desvaneos de meninos com a vida seria da nossa idade?... vamos.

E sahirão ambos.

Dona Flor vio-os sahir, adivinhou a visita quasi obrigada pela cortezia, e preparou-se para recebê-la sem frieza nem ardor, mas condignamente.

O bom e nobre velho Affonso de Vellasco não tinha como a filha procedimento reservado á observar, e ao ver Germano mostrar-se á

porta do seo camarote, abraçou-o cordialmente dizendo :

— Direito e liberdade de velho que o teve em pequenino muitas vezes ao collo !...

Germano sentio ou representou abalo e profundo reconhecimento ao receber o abraço e ao ouvir as palavras fagueiras do velho ; logo porem occupou-se, como era de seo dever, primeiramente de dona Flor, e prompto se deslizou sobre phrases e cumprimentos banaes para facilitar simples conversação livre do enleio mais tenue, e animada por explicavel e natural interesse, fallando-lhe da grave molestia e felicitando-a pelo restabelecimento da saude de seo pae.

Dona Flor teve de ceder sem violencia ao magistral artificio que a obrigava á conversar placidamente, collocando-a e mantendo-a na mais commoda e favoravel attitude.

Germano impunha-se com suavidade, reatando relações, cuja delicadeza á cada momento podia ser ferida por uma palavra dubia ou pelo vislumbre de alguma allusão menos melindrosa.

Entretanto Antonio de Castro e Affonso de Vellasco tambem conversavão.

O velho e sua filha não tinham até então sabido da chegada de Germano.

Antonio desculpou-se, dizendo a verdade: seo irmão viera sem preannunciar-se, e elle já tinha resolvido ir na manhã do dia seguinte participar ao seo velho amigo a dita que enchia de jubilo sua familia, e dar-lhe ainda explicações sobre honra que muito dezejava, e que se submettia á não pedir.

Solicitado por Affonso, Antonio disse-lhe que dous dias depois reuniria os seos amigos para jantar com seo irmão e com sua mae, e que não ouzava convidal-o, temendo perturbar sua convalescença depois da molestia que á todos aterrara.

— E de que escapei, graças á Deos!... posso ainda jantar com os amigos!... exclamou o velho.

Antonio radiou de esperança.

Affonso mostrara-se ainda mais contente com a noticia da presença de Adeodata.

— Estou convidado, disse: ah!... alem do mais verei sua mae!... a minha velha amiga!... diabo de politica maldita que me roubou doze annos a amizade de Getulio!... mas com dona Adeodata nunca briguei!... nun-

ca!... loucamente enraivado contra o marido; mas sempre de chapéo na mão ao encontrar a mulher... uma santa creatura!...

— Ah, senhor!

— Pergunte-lhe! e quando fiz as pazes com seo pae... ella veio á correr, e choramos abraçados, como tres crianças!...

O velho levou o lenço aos olhos, e pouco depois murmurou ainda sensibilisado:

— Vou, meo Antonio de Castro, vou!

Dona Flor voltou para elle o rosto e perguntou:

— Onde é que vae, meo pai?...

— Onde iremos, menina!... depois d'amanhã iremos jantar com estes rapazes, e com sua virtuosa mãe, que te amou no berço e na tua primeira infancia...

Dona Flor conteve subito movimento de contrariedade, e disse pausada e reflectidamente:

— Sim, meo pae; quero ter a felicidade de abraçar... de beijar a mão de tam nobre e estimada senhora... mas em outro dia... ao jantar vossa mercê não pode ir... basta a imprudencia desta noute de theatro... sua saude...

— Esta regenerada; e mal sabes, menina, o bem que me faz este reviver nas ruminacões do passado!... oh!... se imaginasse o encanto melancolico, mas suavissimo que se experimenta lembrando as affeicões, a riqueza, o thesouro de sentimentos generosos bellos que lá ficarão no tempo que passou!...

Germano deixou perceber ligeira turbacão que immediatamente aplacou.

Dona Flor manteve a serenidade do rosto; mas não arredou os olhos que fixara no pae, e o corpinho de seo vestido obedeceo ao abalo do coração, acompanhando o arfar do seio.

O velho sorriu-se, e continuou á fallar.

— Eu disse *rapazes... rapazes...*

E dirigio-se á Germano:

— Bem sei! vossa excellencia subio... é diplomata... homem notavel e grande!... vossa excellencia!... mas que quer?... eu vi-o á engatinhar!... carreguei-o nestes braços!... pergunte á sua mãe! depois briguei com seo pai... brigamos nós dous que eramos como irmãos... e sem motivo, só por capricho!... oh!... a maior loucura da vida de nós dous!... depois tarde... bem tarde... nos tornamos ao que tínhamos sido!...

— Está bem, meo pae!... basta!...

— Isto não me faz mal, menina!... pago ao meo Getulio doze annos de inimizade absurda, amando sua viuva e seos filhos!... estes dous rapazes!... senhor Germano! aplaudo sua grandeza social, glorio-me com os seos louros, peço á Deos que o faça subir e brilhar ainda mais, ha-de subir, que o merece; mas deixe ao velho amigo de seo pae, ao velho amigo de sua mae, a liberdade ufanosa de chamal-o: — rapaz!...

E exclamou, abraçando outra vez Germano:

— Meo rapaz! meo bello rapaz!...

As expansões da alma pura e generosa do venerando velho tornavão commovente a scena.

Affonso de Vellasco disse ainda, sorrindo de novo e com os olhos humidos de lagrimas:

— Rapaz, ou nobre senhor, irei jantar contigo ou com vossa excellencia depois d'amanhã.

Germano levou a mão direita do bom e nobre velho aos labios, e beijando-a com ardor, balbuciou sentidamente:

— Vá jantar com o *seo rapaz*... com o filho do *seo* amigo já finado... e da sua velha amiga ainda felizmente viva...

— Iremos!... respondeo Affonso.

Era responder tambem por dona Flor.

Germano curvou-se reverente e disse :

— Minha mae saberia aquilatar a honra e a gloria da distincção mais elevada!...

— Iremos!... contem connosco; tornou o velho em tom positivo.

E olhando docemente para a filha, accrescentou :

— Socéga; elles me darão a minha dieta no *seo* jantar, e eu tenho dado pelos medicos o conselho de um calix de vinho generoso, de que me aproveitarei para fazer depois d'amanhã uma saude!...

Antonio, vendo Germano mudo e reservado, inclinou-se galantemente diante de dona Flor, e disse :

— E V. Ex., minha senhora... autorisa e permite em sua duplice graça a promessa do nosso venerando amigo?...

Dona Flor, respondeo com voz segura :

— Eu só hesitava em consideração á saude ainda muito melindrosa de meo pae... mas elle o quer... iremos...

E ajuntou logo :

— Eu irei com o maior prazer... peço-lhe
que o diga á sua mae.

XI

NOUTE DE REFLEXÕES

Nessa noute Germano velou uma hora, reflectindo antes de poder conciliar o somno, á pezar de ter chegado tarde e cansado á fazenda do *Rio Perdido*.

Dona Flor que ficára com seo pae para dormir na villa, em attenção a saude ainda enfraquecido deste, perdeu o resto da noute meditando tambem.

A situação desenhava-se melindrosissima para ambos.

Nenhum dos dous podia acreditar que o outro houvesse esquecido o doce amor de sua primavera da vida e, sob a influencia da lembrança terna que á ambos naturalmente acudira, só o mais incessante esforço de dissimulação poderia impedir certo vexame nas relações immediatas, e a reanimação possível do antigo affecto.

Germano tinha comprehendido isso desde poucos minutos depois de ter visto e reconhecido dona Flor.

É certo que ambos estavam livres, um ainda solteiro, a outra já viuva, e podião pois amar-se, tanto mais que erão dignos um do outro, e se mostravão em igualdade de posição, de fortuna, e de educação.

Mas Germano, que achara dona Flor encantadora e deslumbrante, e que sentira-se arrebatado por sua belleza, não se deixara dominar pelo desperto e vehemencia do seo sensualismo; e mais que nunca pensou em Julia, calculando com a riqueza do barão de...

Não lhe convindo proceder sob a hypothese de casamento com dona Flor, via só dous caminhos á seguir, o de simples amabilidade no trato, e de absoluta e manifesta isenção de amor, ou, o que não era novo em seos costumes encobertos desprezadores da moral e da honra, fingir paixão, desorientar a nobre e honesta viuva, e sacrificar-a, se pudesse, nas aras impuras da lascivia egoista.

O segundo caminho provocava-o.

Germano incendiara os sentidos com as

flammas da formosura luminosa, fulgurante de dona Flor; seduzir, apertar em seos braços essa mulher fascinadora, essa magnifica senhora que devia ser o delirio dos mais ricos e elegantes salões da cidade do Rio de Janeiro, seria para elle, alem de inaudita felicidade ephemera, a mais requintada gloria para sua vaidade.

Elle já tinha chegado a planejar o primeiro ataque á virtude, ao recato de dona Flor, em triste e sentida queixa de perjurio... porque ella se casara sem esperal-o bastante...

Mas uma consideração fazia Germano hesitar ainda... era uma barreira de sentimento grandioso e sagrado.

Essa barreira era Affonso de Vellasco.

O simples e honrado velho abraçára Germano, honrando a memoria de Getulio, seo pae, e hia levar, entregar dona Flor á confiança na virtude de Adeodata; levava a filha como rendido culto ao merecimento, o velho o dissera, daquella *santa creatura*, que a amara no berço e em sua infancia.

Germano, profundamente corrompido, conservava por necessidade e apuros de apparencias honestas as noções do dever para os artificios

do dever, e estava medindo as immensas proporções de sua perversidade, se tentasse enganar e seduzir a filha de Affonso de Vellasco.

Abuzando da confiança do venerando velho, ultrajando sua filha, Germano, alem do mais, mancharia a sepultura de seo pai e a vida pura de sua mãe...

Teria sido esse o mais infame dos attentados... Germano velára uma hora, reflectindo no attentado, e na belleza deslumbradora da viuva que aos treze annos de idade fora sua amada.

Por fim elle se tranquillizou, dizendo a si mesmo um sophismar á apadrinhar idéa reprehensivel ou já criminosa :

— Tenho de estar apenas cinco dias aqui... aproveital-os-ei, distraindo-me... nem para mais haveria tempo... será innocente entretenimento...

E fez por dormir ; mas só dormiu, quando mal o esperava, e ainda com a imagem de dona Flor á inflammar-lhe a imaginação.

Em dona Flor a meditação fora bem diferente.

Ella tinha amado Germano e nunca de

todo o esquecera ; a lembrança do seo amor de menina ficara-lhe na alma, como fica para sempre gravada na memoria a ballada mil vezes repetida, com que na infancia se adormece ao collo materno.

Tornando a ver Germano, dona Flor se entregara suavemente ás recordações do virginal romance de sua vida, e não se arreceiara nem cuidara do renascimento do terno affecto que á vinte annos sentira ; mas bem depressa obrigado á ouvir e á fallar ao bello e elegante cavalheiro, á olhal-o de perto embora por breves minutos, começou a experimentar aquelle inexprimivel desasocego que marca as primeiras confusões do amor que não desejado se atea.

Dona Flor tinha esperado Germano em duas ferias de dous annos de seos estudos em São Paulo ; e esperara-o debalde. Demorára depois ainda um anno seo assentimento á uma união nupcial desejada e exigida por seos paes, e só cedera á elles, vendo correr e acabar o tempo das ferias do terceiro anno academico do seu amado estudante, sem que este lhe desse novas de si, ou algum testemunho de sua constancia.

Casada, fóra modelo de fiel esposa...

O segredo innocente de seo amor de menina nunca transpirara...

Enviuvara, herdando do seu esposo, por principal e mais rico thesouro, a consciencia de o haver felicitado, e a saudade da felicidade que gozara.

Mas Germano acabava de surgir, mais bello mais attractivo do que antes, e assegurando-se real ou fingidamente alvoraçado ao contemplar sua formosura...

E todavia não era mais como outr'ora!... um dilemma cruel amesquinhava dona Flor diante da propria consciencia e havia de confundil-a em face de Germano, se ella não soubesse mostrar-se esquecida ou perfeitamente livre da terna affeição já bem longe passada, e indifferente ou esquivada á contemplação, e aos ardores apaixonados do galante cavalheiro.

Porque em verdade que amor seria agora o de dona Flor?...

Se não era o do passado que inegavelmente tinha-lhe abrazado a alma, e que depois se apagára de todo ao impulso de outro amor mais forte e mais feliz, que garantia de constancia e de immaculada flamma poderia offerecer quem já uma vez perjurara,

olvidando compromissos tomados nos annos ingenuos e virginaes da primeira juventude ?...

E se era o do passado que nunca de todo morrera e que de novo e mais ardente refulgia, a viuva não confessava em tal sentimento infidelidade mental, impureza de coração em sua vida de casada com um homem á quem amara menos de que a outro ?...

Estes melindres de sensibilidade, que não tem razão de ser nos calculos do sensualismo e que facilmente escapão aos corações gastos ou resequidos, amotinão e atropellão as naturaz exquesitamente susceptiveis.

Accresce ainda que dona Flor tinha já passado a idade da inexperiencia e dos arrebatamentos juvenis, e em dez annos de suave e ditoso viver com o melhor dos esposos, e em sete de honestissima viuvez, em que alias não julgára dever negar-se ás sociedades fastosas e brilhantes, á cujo seio fôra levada por seu marido, e cujas galas e perfumes se habituára á gozar, aprendera á desconfiar dos homens, e á descortinar abysmos por baixo de tapetes de flores.

E dona Flor era mãe: tinha uma filha em

quem adorava o fructo unico do seo casamento e a lembrança do esposo perdido; por si mas tambem pela filha ella zelava sua reputação e seo recato.

Todas estas considerações agitavão-se no animo de dona Flor; e agitavão-se porque em seo animo estava reacendendo-se o antigo amor que Germano lhe inspirára.

Dona Flor tinha medo...

E devia tel-o.

Com toda a sua experiencia, com toda a sua honestidade, havia nella um ponto fraco, e permitta-se a menos bem cabida. e a mais estranha imagem, tratando-se de uma senhora, havia nella o calcanhar de Achilles, por onde, mais vezes do que se pensa, é ferida e succumbe a mulher — havia nella a vaidade de sua peregrina formosura.

E outro perigo quasi igual em condição que aliás inculca fortaleza, dona Flor, sendo vaidosa, e portanto desejando agradar e deslumbrar, já contava trinta e tres annos, e esta idade que faz presumir reflexão, prudencia e experiente segurança, é na hypothese muito commum de vaidade de belleza, a vespera daquelle periodo da vida da mu-

lher fúmosa ou presumida de o ser, em que o amor uma vez acendido atea incendios mais rapidos e violentos.

Dona Flor estava longe de cogitar na fraqueza e nos perigos que havia para ella em si mesma, havendo-os em sua vaidade.

Mas instivamente tinha medo...

Tinha medo, porque em seo coração sentia que amava Germano, e nos melindres de sua sensibilidade, e nos conselhos de sua razão comprehendia que não lhe era decoroso deixar-se amar por elle, e muito menos manifestar amal-o.

Velando á meditar, e exaltando-se á velar, dona Flor chamava em seo socorro a memoria e o nome do esposo de quem era viuva, o amor ternissimo da filha, seos melindres de sentimento, e a gloria de sua reputação immaculada.

O grito de socorro annunciava clara e evidentemente o ataque patente e indomito do amor...

E todavia ella submetteo-se á ir ao banquete dado por Antonio de Castro em honra de seo irmão...

A submissão explicava-se pela obediencia á vontade expressa do pae...

Dona Flor jurára á si mesma soffocar o seo renascido e mimoso affecto, ostentar-se indifferente e esquiva á Germano, se Germano tentasse fallar-lhe ao coração...

Pobre sophisma de amor!...

Sentir-se amante, e ir áquelle banquete dado em festa ao homem amado, expôr-se lá á magia da sua terna influencia, era sem duvida arriscar o coração e o futuro.

XII

UMA TAÇA QUEBRADA

Profuso e lauto fora o banquete; mas acabara tão tarde que força foi á dona Flor acceitar a noite de hospedagem para seo pae convalescente.

O numeroso concurso de convidados de ambos os sexos, o dever que assistia aos amphitriões obsequiadores de occupar-se igualmente com todos os seus hospedes, e certa selecção excepcional conferida por Adeodata á distincta senhora, filha do seo velho amigo, tinham escudado esta durante o dia, e resalvado-a da corte muito explicavel, mas evidentemente arriscada de Germano.

O amestrado cavalheiro soubera ostender tanta galanteria como decoro em seu empenho de agradar e lisonjear as senhoras, de modo á não indicar preferencia, e com

subtileza inexcedivel escondera de todos o estremecimento da voz nas primeiras palavras, quando fallava á dona Flor, e o olhar desejoso mas perturbado que em rapido e fugitivo fitar ás vezes lhe lançava.

Assim passara o dia todo antes e durante o banquete, sem uma unica phrase ou allusão de Germano que pudesse confundir ou alvoroçar a bella e respeitavel senhora. Uma unica e ainda apenas suspeitosa indicação de ternura escapara ao cavalheiro quasi no fim do jantar, e quando em jubilo geral todos se mostravão em folga de ceremonias, abandonando enfim o predilecto da festa. Então elle fixara os olhos dardejantes de apaixonada flamma no rosto de dona Flor e apoz breves instantes, curvara-os quasi cerrados, esquecendo-os ao acazo sobre a mesa, ficara como em alheação do lugar e das circumstancias em que se achava, e logo depois enchera com subito movimento um copo de champagne, e sem olhar para dona Flor, real ou aparentemente absorto, e tendo até aquelle momento apenas tocado as taças, libando gotas de vinho ao corresponder aos brindes mais fervorosos, bebeu pansada, doce

e encantadamente todo o copo de champagne, e, ou por preocupado e distrahido, ou por muito zeloso do melindre da saude que intimamente fizera, ao depor a taça, inutilisou-a, quebrando-a em dous pedaços.

A todos escapára o brinde mental, e que se afigurára feito no meio de sonhos do passado... somente dona Flor disfarçadamente o observou, e sem agradecer-o, nem deixar perceber que o tinha visto, recolheo-o e guardou-o, no coração apprehensivo e temeroso, porem sensibilizado e grato.

O brinde mental não fora uma offensa, e nem mesmo impertinencia. Germano o fizera sem olhar para dona Flor, quando bebia; concentrára seu olha na taça, e até o fundo da taça antes de quebral-a...

Quebrara-a em culto susceptivel e mimoso de uma lembrança queridissima...

Não havia que disputar ao direito de uma lembrança ternissima de alma que guardava o seu segredo.

Germano estava livre de responsabilidade e do simples reparo pelo sentimento á que em silencio, e só dentro de si, rendia puro e reservado culto.

Dona Flor podéra surprehender, interpretar, ou adivinhar o sentimento mudo e discreto; não podia porem resentir-se, considerando-se objecto d'elle.

O banquete terminára ao anoutecer.

Duas horas depois a casa da fazenda do *Rio Perdido* foi pouco e pouco se despovoando....

Os cavallos, as carruagens, e as carroças puchadas *ainda hoje* á bois, forão levando os alegres convivas de ambos os sexos.

As nove horas da noute achavão-se finalmente na fazenda do *Rio Perdido* apenas com os dous filhos de Adeodata, alguns parentes mais chegados, e dona Flor e seu pai.

Affonso de Vellasco parecia contente de ter ficado para passar a noute em casa de Antonio de Castro, e tomando lugar permanente ao lado da velha Adeodata, provocou Germano á fallar da Europa e á dar noticias das luzes e das sombras, dos esplendores e das mizerias do mundo famosamente civilisado.

Germano fallou, como quem se suppunha incumbido de amenisar a noute até as horas do descanço e do somno.

Tendo vasto campo e materia infinda,

discorreo de preferencia sobre os assumptos que mais devião interessar áquelles que o cercavão e ouvião, sem que jamais descesse á occupal-os com objectos frivolos: fallou do systema de instrucção publica da Allemanha e especialmente da Prussia, dirigindo-se especialmente ás senhoras, entreteve-as, lembrando maravilhas de arte, instituições piedosas, costumes relativos á vida e condições da mulher das diversas classes sociaes em differentes paizes, e attrahio attenção dos homens, abundando em informações sobre a agricultura, criação de animaes, e economia rural.

Interrompido apenas por perguntas de um e de outro que o excitavão á mais amplos esclarecimentos, Germano acabou, fazendo avultar com simplicidade eloquente o contraste da opulencia e dá grandeza esplendida da Europa com a miseria faminta e os tormentos da pobreza ameaçada pela fallencia do trabalho e pelos horrores do inverno em parte consideravel da sua população, e arrebatando-se pouco á pouco até o enthusiasmo, exaltou os elementos da riqueza do Brazil, seos thesouros naturaes, e o esplendor de seo futuro que brilha auspicioso e desassombrado da pro-

funda revolução social que tremenda ameaça o velho mundo civilizado.

Salvas ligeiras interrupções, Germano fallara duas horas, guardando sempre o tom de simples conversação, sem esforço apparente para produzir effeito, mas, na realidade, com prodigiosos recursos de arte, afim de dar á seos pensamentos e ás suas palavras, á substancia e á forma do seo discurso conversado o condão de dominar, de escravisar as attentões e de seduzir os espiritos com o prestigio da eloquencia.

Elle sabia que a eloquencia embriaga como a musica e enleva como a estatuaria e a pintura, exhibindo quadros que se vivificão e se admirão na descripção animada, poetica e feliz que consegue obrigar á ver o que não se tem diante dos olhos.

O limitado circulo de parentes e de amigos cahio dos labios de Germano no mudo e suspenso encantamento da admiração, quando elle rematou a sua natural e patriotica peroração.

A cêa foi opportunamente annunciada.

Germano deixou que seo irmão fosse offerer o braço á dona Flor.

A cêa terminou em breve, e pouco depois todos se recolherão.

Germano acabava de aproveitar o seu primeiro dia de distracção... e distraira-se astuta e maliciosamente; dormio sorrindo, com a certeza de haver chegado á impressionar dona Flor e á resuscitar pelo menos interessante em sua alma.

E a bella e delicada senhora, ainda cansada da vigilia da penultima noute, adormeceu lisonjeada pela convicção de que era ou tornava á ser amada por Germano, e de que esse homem que a amava, resplendia por intelligencia superior e por espirito tão cultivado e recto, como por generoso coração, cheio de inspirações virtuosas e de arroubos poeticos proprios de uma natureza exaltada e distincta.

A vaidade e o amor que renascia embalarão dona Flor.

Germano adormecera na malicia, e ella na illusão que a incensava lisonjeira...

XIII

A LUVA DA MÃO DIREITA

No dia seguinte e logo depois do almoço Affonso de Velasco e sua filha prestes se mostravam á partir para sua fazenda.

No terreiro a caleça esperava aparelhada.

Dous formosos ginetes e os pagens que os continhão pelas redeas annunciavão que Antonio e Germano de Castro hião, em tributo de gratidão e homenagem, acompanhar os dous muito estimados hospedes.

Germano era ainda nessa manhã de despedida e retirada typo ostentoso de respeito, acatamento, e de culto distanciado, contido, e á morrer affogado em contrações de reservas.

Dona Flor começava á resentir-se de tanto poder de concentração de affecto inflammavel, sujeito alias á influencia do fogo ardente de sua belleza...

Em seguida ao almoço uma hora de conversação amigã, e quasi toda dedicada á Adeodata...

Emfim a voz de Affonso, que disse:

— Vamos!...

Dona Flor levantou-se, e foi tomar as luvas que deixara pouco antes sobre outra cadeira...

Mas... só achou uma luva, e estava certa de que ali tinha deixado as duas...

Olhou... procurou com disfarce e não encontrou a outra.

Não devendo accusar a falta, tomou a luva... e logo sentio dentro della pequeno objecto estranho.

Examinando o que era, descobrio uma *perpetua branca*, a flor symbolica do amor puro e innocente de vinte annos passados...

Reparou então que a luva que lhe faltava era a da mão direita, e lembrou-se da indiscreta mystificação do prestigiador francez na noute do theatro.

Dona Flor comprehendeo que Germano quizera adiantar daquelle modo, e poupando-a ás confusões que as palavras e os olhos amotinão, a declaração da constancia do seo amor.

O furto da luva da mão direita indicava sem duvida uma esperança terna, mas honesta e nobre. A *perpetua branca* era talvez apenas signal esclarecedor; podia porem igualmente indiciar queixa e accusação...

Ella pensou assim, e ponderou no que lhe cumpria fazer, conversando ainda agradavelmente com Adeodata.

Mas Affonso de Vellasco exclamou de novo:

— O dia se adianta, vamos, menina!...

Dona Flor adiantou-se então para sahir, deixando na cadeira a luva que continha a *perpetua branca*.

À porta as ultimas despedidas das senhoras tomarão ainda alguns minutos.

Finalmente o velho e a filha descerão a escada do alpendre rustico que havia á entrada da casa.

Germano então, offerecendo a mão á dona Flor para fazel-a subir á caleça, disse-lhe com voz grave, mas um pouco abatida:

— V. Ex. tinha esquecido as suas luvas.

E apresentou-lh'as ambas.

Dona Flor recebeu-as levemente perturbada, e, sem agradecer ao cavalheiro, entrou na caleça.

XIV

A FLOR CAHIDA NO CHÃO

A formosa e distincta senhora tão louvada pela sua prudencia e pelo culto á memoria do homem de quem tinha sido esposa, não podia escapar sempre á natural brandura do coração da mulher.

E tanto mais que em seo coração despertára o affecto suavissimo que dormira nelle longos annos sem revolver-se inquieto e oppressivo, mas tambem sem extinguir-se de todo naquelle somno.

Em silencio ao lado de seo pae na caleça que rodava, tinha ella nos primeiros momentos apertado convulsivamente as luvas em sua mão esquerda, e logo as calçara e descalçara em successivo movimento.

A *perpetua branca* não viêra dentro de nenhuma das luvas.

O orgulho revoltado contra a ideia de imposição teimosa serenou immediatamente no espirito da altiva e nobre senhora; mas por isso mesmo manifestou-se em seguida a reacção da sensibilidade feminil.

Dona Flor ouviu, escutou, distinguio retida, profundamente gravada em seus ouvidos a inflexão dolorosa, desanimada e submissa da voz de Germano ao entregar-lhe as luvas; interpretou então o que houvera de amargura na contracção dos labios, no olhar arredado, e no tremor nervoso da mão do cavalheiro nos curtos instantes do reconhecimento franco do erro da sua esperança e em sua sujeição ao desengano.

Dona Flor ainda não se arrependia do modo porque procedera; mas doia-se já muito da dôr que causara á Germano.

Elle lhe havia secreta e mysteriosamente annuciado o seo amor no furto de uma luva e na doce linguagem de uma flor.

Ella respondera á esse avançamento que a lembrança do passado poderia desculpar, com um acto que significava, senão desprezo, ao menos definitiva repulsa.

Germano se lhe afigurára fulminado pela

sentença cruel, e sem coragem para apellar do cruel desengano.

A formosa viuva ainda duvidosa sobre a situação do seo espirito e sobre a natureza e as consequencias possiveis dos seus sentimentos em relação á Germano, não tinha tido a intenção de condemnal-o á absoluta repulsa, como elle parecera interpretar.

A reacção da sensibilidade castigando os injustos assanhos do orgulho, abrandava dona Flor, que, sem ainda confessal-o á consciencia, já amava ou tornara amar Germano, e se desvanecia do amor e do rendimento de tão completo cavalheiro.

Antonio e Germano de Castro fazião escolta de honra á caleça.

Antonio muitas vezes, Germano apenas ao acaso e como levado pelo ardor de seo cavallo se adiantava até emparelhar com a caleça.

Antonio trocava então conceitos e gracejos com Affonso de Vellasco e chamava a attenção de dona Flor para os quadros pitorescos que frequentemente se revelavão na magnifica natureza dos horisontes brasileiros.

Germano mudo, pensativo ou obumbrado

tinha os olhos fitos na cabeça do seo cavallo e se afiguraria cavalleiro medroso e novel, se na attitude e na firmeza, no garbo e na segurança, não estivesse provando, sem ostentação, absolutamente o contrario disso.

Germano era evidentemente mais elegante, mais consummado e bem ensinado cavalleiro do que seo irmão.

E a bella viuva o olhava e comprehendia a tristeza e a absorção da alma de Germano em silencio sombrio e na alheiação de tudo...

Era ella que, com a significação da sua repulsa ou do seo desprezo, tinha cavado no coração de Germano uma sepultura para o amor que elle deixara transpirar!...

Dona Flor calculava já as proporções daquelle amor vehemente de Germano pelas proporções de sua vaidade de formosa...

E ella que, sem o querer pensar, sem o reconhecer ainda em si mesma, amava já pelo menos quanto outr'ora tinha amado, commovia-se, observando a turva melancolia do amado, admirava-lhe a gentileza, recordava sua poetica eloquencia, a nobreza de seus sentimentos, o entusiasmo do seo patriotismo, a constancia ou a refervescencia subita

do seo amor, que o transportava radiante de encantamentos ao tornar á vel-a e, sem o querer, sem o presentir, apaixonava-se por Germano, e toda se embebia nelle exactamente porque elle não a olhava, e todo parecia abismado nas lugubres profundezas do desengano ou do desprezo em que ella o despenhara, repellindo-o.

A amargura silenciosa de Germano commoveo e inquietou dona Flor: que chegou á fazenda de seo pae em agitação, que á custo dissimulava, e escravisada de amor disfarçado em compaixão e em arrependimento de crueldade exagerada...

Em hora e meia de viagem Germano sepultado em lugubre scismar não a tinha olhado uma vez!..

Mas a caleça parára diante da casa.

Germano saltara do cavallo e se apressara á ir dar a mão á Affonso Vellasco para ajudal-o á apear-se...

Depois offereceo a mão á bella senhora, que ao pôr o pé no chão quasi pizou em uma *perpetua branca* que nesse momento cahira do seo de Germano...

Dona Flor vacillou... e firmon-se com todo

o peso de seo corpo na mão e no braço do
cavalheiro para esquivar-se á pizar na flor,
que parecera ter cahido de repente morta á
seos pés...

XV

CONCESSÕES

O sentimento que exprimira a *perpetua branca* largada de proposito para que fosse esmagada pela botina de dona Flor que a regeitara, tornou ainda mais difficil e melindrosa a situação desta, em face de Germano.

Abalada e palpitante, e um pouco vergonhosa do significativo esforço que de improviso fizera para deixar illesa a pobre flor, ella esqueceo-a no chão e tomou o braço de Germano que, dirigindo-lhe palavras de ceremonioso interesse, affectou empenhar-se por encobrir magoa profunda.

Entrados na casa do rico fazendeiro, a luta de affectos travou-se entre os dous simulada e dissimulada, e como já involuntaria em um, e em alvoroço de animo em outra; mas tão candida e subtil, tão deco-

rosa e reservada que nem o velho nem Antonio a perceberão.

Affonso de Vellasco instou com os dous irmãos para que passassem o dia com elle.

Germano acudio immediatamente, pretextando, para não acceitar o convite, ter dado palavra de ir jantar com um parente, cujo nome declinou.

Dona Flor leo nos olhos de Antonio claro desmentido ao que o irmão acabava de dizer.

O velho exigio então que lhe dessem tambem um dia, em que seos dous amigos viessem com dona Adeodata jantar com elle e com sua filha.

Dona Flor repetio o convite feito por seo pae, dando-lhe o tão gracioso de doce rogativa que, sahida de labios de senhora, é sempre ordem á que a cortezia de cavalheiro se submette agradecido.

Antonio declarou-se exultante e respondeu por sua mae.

Germano, mostrando-se vivamente penhorado de tanta amizade e honramento, lembrou ao irmão a urgencia cruel de sua volta para a côrte, e abundando em pro-

testos de gratidão, e em ardentes desejos de corresponder ao obsequioso convite, prometteo á Affonso de Vellasco, e galantemente á filha deste, que empregaria todos os recursos de sua boa vontade para demorar-se mais um dia alem de dous que já não erão seos...

Dona Flor entendeo a formal negativa e, resentida, não quiz, nem devia instar.

O bom velho porem insistio, perguntando :

— E porque não resolve já essa demora de mais um só dia?...

Germano respondeo sem hesitar :

— O correio chega hoje á villa, e deve trazer-me cartas; todo o homem é mais ou menos escravo; devo contas de um trabalho de que o governo me incumbio; quem sabe se receberei cartas, que em vez de permitir-me mais um, dous ou tres dias de suave folga, me obriguem á partir amanhã?...

Dona Flor turvou-se, comprehendendo a triste ameaça do coração offendido pelo seo desdem.

— Pois ainda mesmo dentro dos seis mezes de licença que obteve do governo, está dependente e sujeito!... exclamou Affonso.

Germano sorrio-se melancolicamente e disse:

— Que quer?... é assim... nem é de todo meo o dia de amanhã...

Nesse momento entrarão na sala criados, trazendo bandejas de doces e de finos vinhos.

Dona Flor fez as honras da casa com delicadeza distincção, occupando-se um pouco mais de Germano que á seo lado estava sentado.

O diplomata extremava-se em signaes e espressões de reconhecimento e de amabilidade; mas sem demorar uma só vez os olhos no rosto da formosa senhora, nem deixar na troca de palavras e conceitos agradaveis insinuar-se uma queixa ou simples e embora obscura inducção de amor infeliz.

Era como um cadaver de amor galvanizado pelo dever da cortezia.

Tanta exageração de respeitoso escrupulo e de desanimo de amor á primeira repulsa, que alias se comprehendia bem no pudor e nas justas reservas de uma senhora honesta que já não podia abandonar-se desculpavelmente aos facéis arroubos de menina namorada, sorprehendia dona Flor, que,

desorientando-se, só a explicava por mimosa susceptibilidade de alma selecta e rara.

A bella e distincta senhora, presumida de consummada prudencia, cahia na perpetua inexperiencia e na cegueira imprescindivel dos corações que amão.

Ella estava observando, vendo em Germano um homem sensivel, generoso, magnifico, deslumbrado por sua belleza, captivo de suas graças, e espantado e ferido pelo seo desdem...

O seo desdem... que desdem?... a simples recusa de uma flor deposta e offerecida dentro de uma luva, e aggravada pelo furto amoroso de outra luva symbolicamente expressivo de terna e honestissima ambição.

Tão pouco para tanta desanimação !...

Mas de subito e como instinctamente inspirada, ella lembrou-se da *perpetua branca* em que não pizara, mas que deixara esquecida, desprezada no chão...

Seria isso ?...

A *perpetua branca*, a expressão sentida, agonisante de amor desdenhado, rolando no pó, vilipendiada, esmigalhada pelo primeiro pé de homem ou pata de animal, que sobre

ella pizasse... oh!... era um symbolo. era um apologo... e ficara no chão do desprezo...

Dona Flor reflectindo ou imaginando assim, reconhecia tanto mais facilmente justificado fundamento para o desgosto e retrahimento acerbo de Germano, quanto no proprio excesso desse rigoroso sentir ella via incensada sua vaidade de formosa, e realçado o respeito á sua condição de nobre e honesta senhora.

Mas Germano hia partir; sem duvida partiria de volta para a corte no dia seguinte; tinha já preparado explicações da sua repentina retirada naquella invenção de cartas com chamamento urgente que o correio poderia trazer.

Dona Flor se accusava de afugentar o filho saudoso do lado da velha mãe mais saudosa ainda...

A partida inesperada, a separação tão apressada de Germano desconsolava-a!... que partisse embora; mas no prazo que marcára antes.

Ella não queria que cavalheiro de tanto primor se auzentasse compellido pela sua as-

pereza desdenhosa, e della levando resentida e amarga lembrança.

Todas estas ideias acudirão á alma da bella e já não pouco desorientada senhora, e de tropel se revolverão perturbando o livre exame da razão, em quanto ou ao mesmo tempo a conversação ligeira e simples era mantida e entretida com o melhor tom de boa sociedade.

A magoa do cavalheiro e a commoção da encantadora viuva concentravão-se decorosamente nos corações, deixando na superficie, no parecer exterior, amenidade e sorrisos.

Mas dona Flor levantou-se, e sahio ainda antes que os criados tivessem retirado as bandejas.

Germano vio; não indicára porem ter visto um fugaz movimento de impaciencia seguido de subito impulso nervoso, que rapidos tinham passado pelo rosto de dona Flor, um momento antes da sua sahida da sala.

O abalisado e sereno egoista, que estava recolhendo uma á uma todas as impressões que produzia no animo da filha de Affonso de Vellasco, esperou auspicioso as consequencias da agitação que se atraçoara naquellas

duas e successivas expressões physionomicas, de relance e sem intenção radiadas.

E pouco teve de esperar.

Após alguns minutos dona Flor tornou á sala, trazendo na mão a *perpetua branca*.

Era impossivel não ver a flor.

Mas Germano mostrou-se tão dignamente reservado no seo jubilo, como o tinha sido na sua tristeza.

Enleuada e temerosa na muda confissão do seo enternecimento, dona Flor animou-se tranquillizada pela attitude reverente e discreta do cavalheiro felicitado.

Logo depois levantarão-se todos: Affonso de Vellasco guiou Antonio de Castro á janella, donde lhe podia mostrar melhor as proporções e as esperanças dos seus canna-viaes.

Germano seguiu dona Flor que o levou á janella que se abria para o jardim.

O horisonte nublava-se, ameaçando chuva e tempestade...

E Germano que não olhara para o horizonte, disse:

— Que formoso dia!...

— Mas aquellas nuvens o desmentem!... observou a bella viuva sorrindo.

— Perdão! respondeu o cavalheiro; eu não via as nuvens... entrevia o céu!

— E no entanto é possível que chova! em tal caso se lhe chegarem pelo correio cartas urgentes, máo dia para viagem terá amanhã....

— Oh!.. murmurou Germano em tom apaixonado, mas respeitosaente contido; agora... não!... pensei mal ainda ha pouco... estou certo de não ser obrigado a partir....

Dona Flor balbuciou, olhando para o jardim:

— Ainda bem! meu pai não esperará de balde o favor do dia que pedio.

Na joven, como na senhora mais modesta e recatada, a primeira condescendencia é sempre vespera de outra.

Em amor sobe-se em ternura, descendo-se em concessões.

A ladeira é sempre mais ou menos escorregadia, e notavel por infallivel contraste: quando nella mais fervoroso sobe o coração, mais obscurecida vae descendo a razão.

Dona Flor alegre e aditada pelo que acabava de ouvir á Germano, mas logo depois envolta em vexames de pudor, sentindo no

olhar, na respiração anciosa, nas palavras cheias de sentimento, nas hesitações e no fervor crescente do cavalheiro o amor a inflammarse, e a concital-a, recuou perplexa e temerosa da janella, esquecendo no peitoril, ou por acaso ou de proposito, a luva da sua mão direita.

XVI

GERMANO ESPERA...

O correio trouxe naturalmente cartas que em vez de precipitarem a retirada de Germano, permittirão-lhe a demora de mais alguns dias, ainda mesmo alem do prazo marcado para a sua volta.

O diplomata não pensava em sacrificar Julia á dona Flor: Julia era sempre o seo calculo de ouro; escrevera porem ao barão de.. uma dessas cartas que se redigem de modo que, sendo dirigidas aos paes, ou no caso dado, ao avô, são indirectamente mandadas ás filhas, ou, naquell: caso, á neta.

Datando a carta com a indicação da villa de... onde fôra para passar dous dias na fazenda do seo irmão, elle se manifestava em desabrimento de saudades, em ancias para tornar a cidade do Rio de Janeiro, da qual

não mais teria animo de ausentar-se. Sua mãe porem se achava enferma, e bem que não fizesse receiar pela sua vida, estava apprehensiva, reputava-se em perigo, e exigia a presença e a companhia dos filhos.

Semelhante pretexto que um filho não pode friamente imaginar para aproveitar-se d'elle sem ferir e ultrajar o melindre do mais puro sentimento consagrado em todos os corações pela natureza, Germano empregou-o por isso mesmo que era o de explicação imponente, e obrigadamente accetavel.

Tendo conhecido e apreciado devidamente o character e a alma angelica de Julia, seo exaltamento, sua innocencia, e sua confiança virginal e cega, elle não temeo, e nem de leve ideou que a sua ausencia demorada por oito, dez ou mais dias pudesse arrefecer o amor da pobre riquissima donzella, deixada em romanescas illusões de adorada por apaixonado Romeo.

Germano não esquecera, mas adiára Julia.

Dona Flor, sorprendente de formosura, cem veses mais bella que Julia, belleza do mesmo typo de Julia, quasi a fazel-a lembrar, ou fazendo-a á força lembrar pela coincidencia

e semelhança de alguns traços physionomicos, mas com a differença consideravel de que a joven donzella apenas indiciava e a encantadora viuva ostentava a perfeição typica da sua linheza, dona Flor esplendida, ao mesmo tempo activa e graciosa, honesta e voluptuosa, reservada e sensivel, decorosa e allucinadora, incendiava o sensualismo do diplomata.

Oh!... se dona Flor fosse ou tivesse de ser tão rica e por tanto tão noiva de ouro como Julia!....

Mas o grave e hypocrita materialista, escondendo de todos sua paixão sensual pela formosa viuva, apenas como ao acaso se informára della :

— É senhora de ostentoso tratamento!... dicera ao irmão; deve ter grande fortuna!

— E tem-na, respondeu Antonio; pelo menos duzentos contos de reis, fóra o que ha de herdar do pae, e que não será menos.

Era muito, mas era pouco; por quanto Julia herdaria seis ou sito veses mais.

Antonio quiz abundar em explicações, e perguntou :

— Sabes com quem ella foi casada?

— Que me importa!... respondeo Germano rindo-se; é á dona Flor que assiste o dever de occupar-se com a lembrança do seo defunto.

O irinão, franco e singelo lavrador, não podendo inginar hypocrizia e falsidade nas palavras de Germano, maravilhou-se de indifferença tão completa na alma do antigo joven namorado da menina de treze annos.

— Oh!... é de mais... como se enregelou em ti...

Germano interrompeu Antonio, e disse-lhe em tom serio:

— O amor não é como a flamma da lampada, é como a luz da vida; não se reacende mais depois de apagar-se.

XVII

DONA FLOR RACIOCINA

Dona Flor auzente de Germano, livre da amotinação e das perplexidades que experimentara sob a influencia de seo olhar abraçador e de suas expressões mimosas e seductoras, não procurou illudir-se, nem sophismar com a consciencia.

Sentio e reconheceo que amava Germano, como nunca em sua vida tinha amado. Afigurou-se-lhe facil a explicação de incendio tão prompto e repentino. Não ardia em affecto de subito inspirado, era o seo primeiro amor que reivindicava o coração seo todo, onde dormira tres lustros soporisado e abafado, pela desesperança á principio, e logo depois por dever sagrado.

Mas que lhe cumpria fazer?...

Idolatrando a filha que lhe ficara de seo

casamento, tinha jurado á si mesma, e á todos declarado que viveria só para ella, e viuva desde alguns annos, festejada, requestada. adorada por muitos que haviam ambicionado a gloria de desposal-a, limitara-se á alimentar sua vaidade, á fruir o encanto de conquistas não procuradas, sem jamais animar paixão alguma, e obrigando o louvor e a admiração geraes pela sua prudencia e pelo seo recato.

Ella se habituara mesmo ao gozo desse duplice culto, do culto querencoso e de ternos ardores rendido á sua formosura, e do encomiastico e incensador de sua virtude.

O que havia de acerbo, triste e coagente em sua viuvez tão precoce, ella olvidava, beijando e acariciando a filha.

Mas ahi estava, e viera emfim Germano ameaçar-lhe os planos de isenção de amor e de absoluta consagração da vida ao anjo querido, á flor idolatrada da sua maternidade.

Que lhe cumpria fazer?...

Era livre, moça ainda, bella, sensivel e com absoluto direito de dispor de si e de tornar-se muito mais feliz...

Germano amava-a, tinha sido o seo primeiro amor, e reaparecera-lhe para convencel-a de que o primeiro amor é o unico...

E com symbolica eloquencia elle lhe roubara galantemente e eila lhe abandonara depois, em irreflectido ou desatinado arrependimento de aspera recusa, a luva representante da mão que em casamento se outorga...

Mas de um lado Germano, e do outro lado a filha...

E a filha já bastante rica para não precisar da riqueza e do sacrificio de sua mae.

^Dona Flor podia ser esposa extremosa sem deixar de ser mae estremecida...

Entretanto a inagem do primeiro esposo e a fidelidade purissima do segundo casamento não vacillarião offendidos entre o amor dos treze annos, e o mesmo amor á referver depois da viuvez, e a reivindicar na hypothese de segundo casamento posse absoluta e unica de coração, que alias não podia e nem devia ufanar-se de ter tido um só dono?

É verdade que Germano não desconhecia nella a condição de viuva, e ainda assim na troca da *perpetua branca* que lembrava o amor da primeira juventude pela luva da

mão direita, que indicava proposição de consorcio, não resignava elle o direito de responsabilizal-a pelo perjuro aos antigos e reciprocos votos?...

Dona Flor, zelosa da candideza do seo amor, affligia-se com a sombra severa que projectava sobre elle o seo véo negro de viuva.

Ella imaginava defender-se, dando alias com razão á Germano a prioridade na quebra da fé jurada, pelo esquecimento á que cruel e absolutamente a abandonára.

Era assim.

Mas Germano que se fizera esperar de balde, e que por isso mais culpado parecia, voltara emfim, de facto menos perjuro, por que não se tinha casado e amava ainda como tinha amado.

Dona Flor abençoava essa primazia na fidelidade; reconhecia-se porem amesquinhada por ella, ao menos apparentemente.

Por mais que possa parecer á alguns extravagante ou exageradamente requintada esta subtileza extrema de sentimento, é certo que, pensando na possibilidade de casar com Germano, que fora o objecto querido do seo

primeiro amor, dona Flor se contrahia injucunda ao lembrar que á face da igreja e ao lado do sacerdote receberia a mão, por assim dizer, virginal e entregue á sua unica e exclusiva dona, em quanto ella só poderia dar a mão que já tinha sido de outro.

Era esta a consideração que mais preocupava e amofinava a alma evidentemente apaixonada de dona Flor, que todavia ainda tambem se agitava aos impulsos do amor da filha, que se revoltava ameaçado pela preferencia imminente do amor de Germano.

Ás vezes assomava no animo da extrenosa mãe a ideia apprehensiva do *padrasto*, que lança sempre no coração da filha desconsolação e pena pelo esquecimento de seo pae, e pela imposição que a submete á um outro pae que não é o que lhe dera a natureza, e cujo nome a mãe viuva perdera, a filha porem conserva, desmentindo a falsa paternidade, e perpetuando *á força* a lembrança do finado, e não raramente toldando *á força* a serenida do ceo dos novos amores do segundo casamento.

Dona Flor era ardente, mas sensata e affeita á dominar-se; era nobre senhora,

prudente, reflectida; mas... amava... eu tornava á amar.

O monumento solido da razão e da experiencia estava estremeçando em seos pretenciosos fundamentos ao choque irresistivel do amor.

Que lhe cumpria fazer?... eis a questão suprema, urgente, instante...

Evitar Germano, fugir-lhe?... era facil: dona Flor habitava na cidade do Rio de Janeiro, e se separára de sua filha porque o dever de acudir á seo pae ameaçado de morte em perigosissima enfermidade a chamara para junto do leito do amado velho doente, e a detinha ainda á zelar o convalescente.

Mas Affonso de Vellasco estava de todo restabelecido: já havia luxo, exaggeração de cuidados em sua convalescença que estava realmente terminada.

Ella podia pois partir, voltar immediatamente para a companhia de sua filha.

Tarde porem lembrava esse recurso!

Dona Flor estava já obrigada á esperar Adeodata e seos filhos, á quem por solemne convite devia receber á jantar.

E, peor que tudo, fora ella que com inconsiderada fraqueza, com signaes já inequívocos de rendimento de amor, destruiu a reluctancia de Germano, e accendendo-lhe ternas esperanças, conseguira demoral-o na villa de...

O dia do jantar hia ser de prova difficilissima e arriscada; mas era imprescindivel.

Entretanto a nobre viuva confiava ainda muito na sua propria discrição e não pouco na circumspecção de Germano.

O amoroso cavalheiro era tão reverente e escrupuloso na manifestação de seus sentimentos, que nem por momentos lhe compromettia o decoro; sua adoração era visivel e sensivel só para ella.

Dona Flor entendeu por tanto que podia affrontar o perigo.

E que lhe convinha affrontal-o...

Porque precisava ainda ver, observar, ouvir, estudar Germano...

Ella tinha o grande poder de sua razão para sopitar a sua ternura, se a observação, o estudo e a reflexão severa o condemnassem...

Mas se no seo amor e no seo casamento com Germano lhe sorrisse a maior dita, a

mais doce e dilatada felicidade da vida, porque se sacrificaria ainda moça á perpetua viuvez injustificavel?...

Dona Flor raciocinou assim ; raciocinou com o amor de quem ainda hesita escrupulosa, e com a hesitação fraca e expirante de quem já ama decididamente.

XVIII

A CIRCUMSPECÇÃO DE GERMANO

O plano calculado por Germano, e o raciocínio de dona Flor produzirão suas consequências naturaes.

O amor tornou-se volcão e abriu cratéras.

Affonso de Vellasco deo opiparo banquete á Adeodata e seos dous filhos no quarto dia depois do convite; mas antes desse dia já duas vezes tinha Germano levado habilmente o irmão á *coagil-o* á voltar á casa do pae da formosa viuva.

Primeira e logo, na manhã seguinte, para em nome de sua mae agradecer previamente e pedir o aprasamento do jantar.

Segunda vez, e na vespera do banquete, por circumstancia fortuita e aproveitada em caçada e teimosa corrida de veado, que foi depois de cem episodios cheios de commoções

para os caçadores, não morto, mas agarrado pelos cães, e apanhado vivo em terras e perto do campo da fazenda de Affonso de Vellasco.

— Germano! dicara Antonio; o velho Affonso foi caçador, e sem duvida esteve acompanhando a corrida com os ouvidos presos ao latir dos cães...

— Ah... pois estamos nas visinhanças da fazenda de Affonso de Vellasco?..

— Á poucas braças do campo...

— Que correr de veado!... mas valeo a pena... formoso animal!...

— Vamos leval-o de presente á dona Fior?.

Já hoje lá e amanhã tambem!... disse Germano.

— Ora!... que ceremonias!... levaremos os despojos da caçada aos pés de uma senhora que é bella como Diana caçadora... vamos!...

— Tu o queres.

E forão.

Na visita do primeiro dia, na chegada casual do ultimo antes do banquete, Germano mostrou-se digno da confiança que dona Flor depuzera em sua circumspecção.

Aos olhos e exposto á attenção do velho

Affonso e de Antonio, o diplomata fazia á dona Flor a corte obsequiosa e galante que a todos os cavalheiros de fina educação era de dever; mas em passageiros minutos de liberdade e de expansão confidencial deixava proromper lavas de paixão vehemente.

E ella, menos dona de si, porque era mais pura e lealmente amante, começara logo á denunciar-se apaixonada...

Affonso de Vellasco e Antonio, se ainda não tinham percebido, não podião tardar á perceber o sentimento fervoroso que prorompia.

Mas o que somente se atraioava em confissões mudas e indomaveis era o pendor amoroso, a confusão mal disfarçada, e as doces enlewações de dona Flor, em quanto Germano sereno se mantinha aos olhos profanos nos limites da simples, contida e respeitosa galantaria convencional dos salões elegantes.

O que desse astuto manejo de Germano e das indicações reveladoras do amor de dona Flor resultava, era que esta devia parecer ou já parecia á seo pae e á Antonio, não só enamorada, como requestadora do cavalheiro que ainda se defendia em

tránquilla isenção, concedendo apenas á bella senhora; o que não era licito negar-lhe, a *galanteria contida, lisonjeadora e convencional dos salões elegantes.*

E a bella viuva, allucinando-se, bemdizia daquella generosa circumspecção de Germano que tão apaixonadamente a adorava, e tão nobre se retrahia opportuno para poupar-lhe o pudor.

XIX

O PEDIDO DE PERDÃO

E que amor o de Germano tão mimoso, tão cheio de espontaneos perdões ou de cultos á lealdade da amada e só com increpações á si proprio!...

O garboso, magnifico e sensível cavalheiro parecia ter adivinhado ou lido na alma de dona Flor o escrupulo subtil que a desconsolava.

No dia em que com seu irmão viera trazer á Affonso de Vellasco e á sua filha a segurança da acceitação do jantar offerecido, teve elle ensejo de se achar á sós com ella.

Era de tarde.

Depois do imprescendível café, descerão os quatro ao jardim que era extenso e curioso.

Germano dera o braço á dona Flor ao descer a escada, e ficara á seu lado.

Depois de breve passeio, Affonso distanciou-se com Antonio, á quem desejou mostrar fôra do jardim, e em viveiro muito zelado por elle, algumas especies de canna que erão novas e désconhecidas naquelle municipio.

Embora cultivador do cafezeiro, Antonio devia interessar-se mais pelas plantas de canna do que pelas flores.

Germano e dona Flor, deixados em liberdade, ficarão em mutuo captiveiro...

Palavras banaes e tremulas... embebecimentos, enleios, ardores e perturbações encantarão as duas almas...

Não se dizião nada de positivo, e dizião-se tudo na eloquencia da confusão...

Germano, pela timidez, se affigurava adolescente inexperto; e dona Flor estava de novo aos treze annos...

Essa pudicicia, esse temor hesitante era sublime no cavalheiro que contava já sete lustros de idade, e tinha vivido doze annos nas côrtes mais deslumbradoras da Europa.

Dona Flor exaltava-se em sua vaidade de formosa; mas atropellava-se tambem com as anciedades, e com os vexames do seo amor.

Como estudante namorado, ou namorado

novel, Germano, pobre de inspirações ousadas, pusillaneme ainda ao saudar a glorificação de seo terno sentimento, estava diante de um grupo de lindissimos *amores-perfeitos*, e perguntou á bella viuva:

— Ama estas flores?...

A pergunta trazia accentuação innocente; era como um recurso de quem desordenado e perdido não sabia que dizer.

A mulher é nas exaltações do sentimento sempre superior ao homem e muito mais corajosa que elle.

Dona Flor olhou para os *amores-perfeitos*, e respondeu:

— Não amo... já amei... mas deixei de amar essas flores...

— Ah!... porque?... tão innocentes... disse elle.

E ella respondeo á tremer com a voz:

— Calumnião-me!...

E repetio dolorosa e como em *tenuta* á extinguir-se expirando decadente:

— Calumnião-me!...

Germano comprehendeo a allusão feita ao passado e apertando com ardor e como sem consciencia a mão de dona Flor, disse apaixonado e profundamente commovido:

— Não é assim... não foi assim... mas eu beijo seos pés, agradecendo o santo e generoso perdão da offendida!...

Dona Flor olhou perplexa para Germano que proseguio, dizendo com doloroso tom de voz:

— Oh!... juro-o por Deos!... não fui eu, foi meo pae que não quiz e que m'ó prohibio!... Foi a violencia; mas, ah!... foi tambem a minha fraqueza de filho obediente!... fui eu em todo caso que não vim!... fui eu o esquecedor... o criminoso... e a offendida se accusa para innocentar-me!... ah!... é muito!...

— Senhor!... murmurou a bella viuva, abaixando vergonhosamente os olhos.

— Foi meo pae, juro-o por Deos!... repetio Germano com angustia.

E elle mentia, calumniando o pae.

— Mas, accrescentou logo, debalde quizera desculpar-me: se a obediencia filial era dever, outro dever ainda mais sagrado... ah!... perdão, minha senhora, vejo que abuzo da bondade de vossa excellencia, e que aggravado o meo delicto com impertinente recordação de que perdi o direito...

Dona Flor disse á tremer:

— Poupe-me... eu lh'o peço... e... perdoemo-nos mutuamente...

— Não; mutuamente, não, minha senhora; é o homem que pode e deve ser forte, e eu cedi, submetti-me... prometti esquecer...

E Germano, tendo lançado rapido olhar para o fundo do jardim, cravou-o immediatamente no rosto de dona Flor, e fallou com vehemente paixão:

— Esquecer!... esquecer!... eis ahi o meo castigo: eu não esqueci nunca!... amei sempre!... amo ainda... mas atormentado pela consciencia de ser indigno de amor!...

Dona Flor enternecida queria tambem accusar-se; sentio porem que recriminando-se se exporia á menosprezar a memoria do marido; guardou pois silencio, e apenas foi-lhe impossivel disfarçar a agitação de seo seio que manifestava os abalos do coração.

Germano disse ainda, trocando a vehemencia por expressão profundamente melancolica:

— Quanto se passou, bem sei!... ah!... foi duplice castigo!... minha senhora! em nome do ceo, consinta que lh'o diga esta só e ultima vez em minha vida... oh!... bem sei, como resistio e lutou!...

— Senhor Germano!...

E a nobre viuva, ferida no melindre do sentimento, ergueo a fronte; mas o cavalheiro continuou, dizendo com tristeza e dôcura.

— Ah!... o duplice castigo!... bem sei ainda que amor extremoso, que alto merecimento e que virtudes forão premio e glorificação da senhora que eu offendera como meo perjurio!... duplice castigo!... criminosamente fraco eu não tinha esquecido e amava sempre, e o anjo que só por minha culpa eu perdera, era e devia ser feliz, sendo esposa de um cavalheiro que eu proprio reconhecia por todos os titulos distincto e mil vezes, superior á mim!...

Germano não conhecera nem tinha ideia do homem que fôra marido de dona Flor; não se arreceiando porem de que esta o instigasse á lembral-o mais do que elle calculadamente o fazia, déra á sua voz um tom de convicção e de verdade que commoveo a bella viuva que o amava.

— Basta... balbuciou esta; basta...

E como impaciente, mas em impulsos de amoroso e concentrado fogo, accrescentou perguntando com vivacidade inopinada:

— Ah!... e á quem vem hoje tudo isso?...

Germano indicou-se turbado e respondeu, hesitando:

— Offendi-a ou penalizei-a sem querer!... eu não devia ter fallado... tudo que digo, como tudo que sinto, é fatal para mim!... mas se soubesse como tenho vivido á soffrer, vossa excellencia seria menos severa, menos susceptivel, ouvindo-me...

— Não me offendeo... não!... disse dona Flor meigamente, vendo Germano perplexo, atarantado e afflicto.

— O que eu dizia era ainda defeza desesperada de criminoso convicto; mas á implorar piedade, compaixão ao inenos em tributo ao santo amor que elle conservou puro e constante em sua alma!...

A bella viuva não teve consciencia do que dizia; olhou porem com embebecimento para Germano, e esperou ouvi-lo mais...

— E o que eu não disse, accrescentou este com acerba magoa e dor immensa impregnada na voz grave e como contrahida; o que eu não disse, foi que o odio que me sacrificou, que a caprichosa inimidade de vossos paes felizmente desfez-se, oh!... mas, para mim, desfez-se muito tarde!...

— Muito tarde!... repetio inconsiderada e apaixonadamente dona Flor.

— Muito tarde!... tornou á dizer quasi com raiva Germano; muito tarde!... e agora... agora...

Elle parecia reffrear-se; mas em descomedido e violento esforço de contenção...

Dona Flor exaltada como Germano o estava, e em abandono do criterio, perguntou ou repetio maquinalmente o adverbio:

— Agora?...

Germano flamejante de amor e de esperança disse querencoso e ardente:

— Dona Flor!... diga-o!... é tão generosa e santa que... oh! diga-o: é deveras capaz de perdoar-me?...

A pergunta era insidiosa; mas a bella viuva vio abrir-se nella o ceo da felicidade, e sem mais poder dominar-se, hia deixar fallar o coração, respondendo: « eu o amo!... » quando avistou seo pae e Antonio que vinhão do fundo do jardim.

Enleuada, temerosa, e como á medo de ser ouvida, ella recolheo ao seio a confissão terrissima prestes a sahir de seus labios e, abaixando a cabeça, murmurou baixinho:

— Perdão-lhe.

Era tudo quanto podia dizer para nem desalentar Germano, nem comprometter-se transportando-o.

Afonso de Vellasco e Antonio aproximaram-se e, reunindo-se á dona Flor e Germano ficaram alguns minutos em silencio, ouvindo á este que placida e fluentemente parecia estar concluindo informações sobre a floricultura na Europa, e especialmente aconselhando os meios mais seguros, as precauções e os cuidados necessarios para se obter bellos rainuculos no clima do Rio de Janeiro.

XX

ENLEVOS DE DONA FLOR

Germano era physiologo pratico do coração da mulher, e tendo estudado dona Flor nas condições de seo character, de seo temperamento e de sua educação postas em face do seo estado de viuva e por tanto do seo casamento, mediando confrangido entre as duas phases do amor do homem que de novo lhe apparecia apaixonado, comprehendera logo qual era o ponto mais delicado da sensibilidade da senhora cuja conquista almejava.

E já, sem mais lembrar as considerações de reconhecimento e de veneração que devia ao velho amigo de seos paes, e bem longe de pretender casar-se com dona Flor, apresara-se á deslumbral-a com a viva flamma de um amor que a purificava no que ella propria estaria sentindo quebra da pureza de

seos sentimentos, e que ao contrario o prostrava delinquente convicto e arrependido.

Germano conseguiu o que desejava.

Dona Flor domou, adormeceu seos fins escrupulos, aditou-se apreciando a magnanima e tambem mimosa natureza do amor de Germano, e encontrando no esplendido cavalheiro quantos dotes seductores se podem imaginar em um homem, desde a formusura até a belleza moral e intellectual, não se entregou somente, dedicou-se toda á sua ternura, confiando plenamente na felicidade que ella lhe assegurava.

O amor da bella viuva já hia tocando áquella favoravel e apaixonada prevenção de animo, que é cegueira do entendimento.

A nobre e distincta senhora, cuja prudencia e educado criterio erão geralmente louvados, mais de uma vez e sobre todas naquella improvisada e tranquilla lição de floricultura seguida logo á erupção de lavas ardentes, teria podido aquilatar o grão de profunda dissimulação, e a capacidade de refalsamento que Germano revelava.

E todavia dona Flor só enxergava nessas precauções de astuto egoista, que compro-

mettia sem comprometter-se, culto á seo recato, sacrificio á sua pudicicia, honraria á sua virtude e sublime circumspecção de singular e perfeito cavalheiro.

Ella amava, e não se esqueça que ella amava aos trinta e tres annos, quando a-mulher sente que a idade vai-se adiantando, e que á medida que se adianta, preannuncia o crepusculo; que precede o accaso... o crepusculo que ainda não está perto, mas que já esteve muito mais longe...

Ha tres epocas na vida da mulher em que a paixão é volcanica e perigosissima :

Na primeira juventude que a inexperiencia precipita.

Na idade em que a juventude pára, e a decadencia se antolha no fim de breves annos; e então o receio apressa, e pela pressa o receio tolda a razão...

E, emfim, no desconsolado e acerbo começar da velhice na mulher que se revolta embalde contra a implacavel acção do tempo, e é esse o caso em que o desvario se torna mais ameaçador.

Dona Flor amava, era ainda moça, formosa, encantadora, deslumbrante; mas, por

isso mesmo, aos trinta e tres annos, já pensava que não tinha diante de si outros vinte annos de juvenil fulgor, como os que havia percorrido e deixara passados e cheios de admirações e de thuribulos incensadores de sua belleza.

Na historia das paixões amorosas da mulher, e na apreciação physiologica dos seus extremos e estupendos arrojos a idade, ou as epochas da idade da victima do homem são circumstancias que nunca se devem esquecer.

A explicação do maior numero dos tristes e completos rendimentos da mulher á seducção do homem, por qualquer motivo algoz do coração e do credito, se acha quasi sempre metade no amor fingido do homem que especula e que incendia, e metade na idade que se precipita, ou na idade que já prevê e receia a decadencia proxima, ou na idade emfim da mulher que principia á ser, mas não se submete á ser velha.

Como quer que fosse dona Flor, cahira de sua isenção de fidelissima viuva nas redes magicas e inebriantes do amor vehemente ou do galanteio perfido, abusivo e criminoso de Germano.

Amante exaltada e presumindo-se de exaltadamente amada, ella anciava pelo dia do jantar, que outra vez lhe traria aos pés de rainha gloriosa e radiante o bello cavalheiro, que sendo seo senhor querido, se prostaria escravo diante d'ella.

XXI

A CORRIDA DO VEADO

A fortuna ou a fatalidade troucera Germano á dona Flor mais cedo do que ella esperava.

Antonio não se tinha enganado quando dicara ao irmão que sem duvida o velho Affonso de Vellasco estivera acompanhando a corrida do veado com os ouvidos presos ao latir dos cães.

Affonso fora grande caçador, e ainda uma ou outra vez caçava antes da sua ultima molestia, embora a idade houvesse, não arre-fecido, mas tolhido seos impetos venatorios; assim pois logo que ouvira os primeiros signaes da perseguição do veado que os cães havião levantado muito mais longe, e o trazião á latir á ferida, lançou-se para a janella de

posição mais favoravel e com abalos propios de alquebrado, porem ardente e perito Nemrod, á seguir as peripecias da caçada.

Attendendo solícito ao latir dos cães, que para elle tinha variações claramente explicativas, inflexões, como a voz humana mais cheia de sentimento e de eloquencia, para annunciar aos caçadores a pista, a direcção, o encalço, a proximidade e até o abatimento e fadiga do animal, o velho Affonso, em movimento de vivo interesse e em exclamações subitas e interrompidas, marcava uma á uma as vicissitudes, depois o progresso regular da caçada, e em tremor de commoção, indicando o momento da victoria, clamára de repente entendendo a expressão do ultimo e confuso latir dos cães immediatamente extinto :

— Agarrado !...

— Que é, meu paé?... perguntara dona Flor que em pé e á dous passos de Affonso gozara parte daquella scena de enthusiasmo venatorio.

O velho voltara-se e ainda com o rosto animado, dicera :

— Um veado matreiro e admiravel que

zombou dos caçadores; mas não escapou aos cães!...

— Não teria zombado de vossa mercê! observara a filha gracejando com o pae, ou querendo lisonjeal-o.

— Não sei; mas... acontecerão-me dessas: o veado é o mais experto dos animaes, e muitas vezes falha ás melhores esperas; entretanto aquelles cães são de raça pura e de ensino perfeito!... ha sobre todos um delles que, pelo tom seguro, pela opportunidade e precisão do latido, não é superior, mas iguala á minha velha Diana!...

A filha sorri-se.

Affonso rira-se tambem, reconhecendo-se apanhado em ardores pela sua paixão antiga, já pouco adequada á fraqueza da sua idade.

— Ora pois! tornara, dizendo á filha; não te ponhas á rir!... neste mundo cada qual tem seos enlevos e suas distrações innocentes: eu ainda sou da confraria de Nemroa á pezar de velho, e tu moça e bella já és irmã de caridade. Convenho em que o teu santo enlevo vale mil vezes mais do que todas as minhas caçadas. Como vae a avó Josepha?...

— Está quasi boa; mas ainda soffre. E um segundo milagre que tenho de agradecer á Deos.

Dona Flor acabara de entrar em casa, de volta de caridosa visita á uma velhinha pobre e enferma, de quem era a providencia na vida e estava sendo o anjo consolador.

A casa da avó Josepha era á beira do campo da fazenda de seo pae, e ella hia quasi diariamente visital-a, fazendo o passeio á pé, se acordava cedo, ou de carrinho, como nesse dia, se retardataria se arreceiava do sol.

A formosa viuva trajava lindo vestido de finissima caça, com listas côr de agapantho em campo branco, trazia os cabellos cahidos pelas costas em duas longas tranças, e sobre a cabeça chapellino de palha sem signaes de viuvez, e com véo azul á enfeitado-arregaçado.

Era toilette negligente de quem calculava com a liberdade e isolamento do lar domestico; apenas o chapellino de palha da Italia indicava passeio; mas passeio independente e livre de olhos observadores, o passeio á sós e na roça.

E todavia nessa simplicidade de toilette domestico ostentava mais que nunca todos os thesouros de sua graciosa e opulenta gentileza.

Era quasi meio dia quando lhe annunciarão servido o seo almoço.

— A meza! dicera Affonso ; tu á almoçar, e eu á jantar !...

Mas o pae e a filha não tinham ainda sahido da sala, quando Antonio e Germano de Castro chegarão ao terreiro da fazenda ao galope ruidoso de seos cavallos.

O velho foi á porta da casa.

— Oh, lá!... eis os caçadores!... honra aos filhos de Nemrod !... exclamara.

Dona Flor avançou, e vio...

O olhar immenso de amor, de festejo, de admiração e de embebecimento de Germano inundou seo rosto e sua figura...

Dir-se-hia que elle nunca a havia achado tão formosa.

E elle então!...

XXII

O BELLO CAÇADOR

Na Europa a galanteria e o luxo inventão elegancias, toilettes que enfeitão com a arte das phantasias as damas e cavalheiros, que procurão por necessidade ou por moda os banhos do mar, ou que por gosto ou por imitação, e por variedade de commoções se lançaõ á caça.

O artificio, os adornos que emprestão melhor ou mais gracioso parecer, as vestas mais adequadas, ou suppostas mais adequadas ás circumstancias, sempre porém de modo á fallar aos olhos e aos sentidos, nunca se esquecem. Alli o toilette é para a senhora e para o homem a encardenação primorosa que recommenda o livro, ou a forma eloquente e attractiva que dá curso obrigado a idéa.

Sobre todas, a caça dos cervos na Europa exigindo grandes despezas, como alem de outras as que se fazem com criados, cavallos, e com as coutadas, é privilegio de principes, ricos fidalgos, e de opulentos senhores, e se realisa com apparatus e pompa, concorrendo á ella convidados de ambos os sexos em ostentosa cavalgata.

Graças á seo character diplomatico Germano tinha podido tomar parte em algumas dessas brilhantes caçadas, em que damas e cavalleiros ostentão galas apropriadas em seos toilettes.

Muito longe de apresentar-se com o luxo e as condições de apparatus das caçadas europeas naquella que tão simples e modesta acabava de fazer com o irmão, Germano habituado á elegancia mostrava-se com tudo fóra do commum dos caçadores da sua terra, trajando com elegancia apropriada mas faceira, e ostentando a primazia e riqueza de todos os aprestos de caçador.

Dona Flor contemplou por momentos absorta o bello caçador, cujo rosto brilhava ainda aceso pela agitação e pelas commoções da afadigosa corrida, cheia de alternativas sorprendentes e abaladoras.

Antonio, repetia á Affonso de Vellasco todos os episodios da corrida e exaltava a habilitade e energia do irmão.

— É que elle foi tambem caçador na Europa, disse dona Flor, sorrindo.

— Sim, minha senhora, um pouco; mas alem disso guardei na Europa todas as lembranças da minha juventude no Brazil, onde muitas vezes caçei.

O velho e Antonio exclusivamente occupados com a historia da corrida não podião perceber a doce allusão que Germano fazia em sua resposta á bella viuva.

Chegarão então os escravos trazendo seis cães em suas trelas e o veado ainda offegante de fadiga.

O feliz despojo da victoria dos caçadores foi deposto aos pés da formosa senhora, que ameigou com suas mãos de princeza o gracioso e timido animal, em breve recolhido e recommendado á zeloso tratamento que Affonso de Vellasco prescreveo, como entendido e pratico.

Quasi logo Germano convidou o irmão á retirar-se, dizendo:

— Inopportunos viemos estorvar um passeio...

Dona Flor lembrou-se de que tinha na cabeça o chapelinho de palha e em uma das mãos suas luvas, e interrompendo o cavalleiro, disse:

— Oh! não vou sahir; já voltei.

E accrescentou, como vexada da negligencia do seo toilette:

— Simples passeio pelo campo... e no abandono que a solidão escusa...

— Não! exclamou o velho á rir; foi visita habitual de *irmã de caridade!*...

E á despeito dos protestos da filha, refferio o caso da avó Josepha.

Dona Flor achara emfim o meio de fazer calar Affonso, que começava á descobrir os segredos de outros actos de sua beneficencia e caridade.

— Mas meo pae abusa! exclamou ella; estes senhores devem estar morrendo de fome!...

— É verdade; tens razão! disse Affonso; é de regra appetite ou fome de frade em caçadores no fim da caçada...

— Confesso-o; respondeo Antonio, rindo.

— E chegarão exactamente no momento em que meo pae hia jantar, e eu almoçar.

Entremos... é claro que vão fazer penitencia...

Seguirão todos para a meza já servida, e que evidentemente só tinha de offerecer almoço de familia, e jantar de convalescente forçado á exaggeração de convalescença.

O tratamento do rico fazendeiro e da nobre e fastosa viuva demonstrou-se na meza á dous destinada, e sufficiente para vinte pela abundancia e relativa variedade dos pratos.

Não é trivial; mas tambem não é rara, antes muitas vezes se encontra essa exuberancia de meza nas casas dos fazendeiros opulentos do Brasil, costume que aliás nelles coincide com os habitos de patriacal hospedagem aos viajantes, ainda desconhecidos, que lhes batem ás portas.

Os dous caçadores honrarão com fervoroso appetite o pequeno banquete.

Affonso de Vellasco quando vio saciada a fome venatoria de seos dous hospedes, provocou-os sobre o assumpto da sua opportuna predilecção.

Antonio repetio com explicavel ardor a discrição circumstanciada de toda a corrida.

— Que famoso veado!... exclamou o velho; eu assisti, vi, adivinhei a ultima parte da caçada, foi tal e qual!... menina!... lembra-te?... adivinhei ou pareci estar vendo, ou não?...

A filha quasi surprehendida pelo pae á contemplar Germano que então parecera agradavelmente occupado á apreciar o enthusiasmo do velho, apressou-se á responder:

— Sim, meo pae; é verdade. Vossa mercê fez-me ver ao vivo a caçada, descrevendo-a, e marcando os seus episodios, como se estivesse presente á ella.

E accrescentou docemente :

— E pela alegria de meo pae, e pelo prazer que sinto, abenço-o e lembrarei sempre esta caçada...

Levantarão-se da meza.

XXIII

O BEIJO

Afonso de Vellasco, o velho caçador de paixão obstinada, quiz ver o cão cujo latir o impressionara, e que indicou distinctamente com a sua technologia venatória.

Descerão todos ao terreiro e forão á uma varanda aberta e contigua ao engenho onde se tinham recolhido os escravos e os cães.

Antes que Antonio houvesse designado o objecto da curiosidade do velho, este, acabando de correr com um olhar investigador os seis cães, apontou para um, e disse:

— É aquelle... deve ser aquelle...

Antonio sorriu-se e respondeo.

— É.

E chamou-o pelo nome:

— Phebo!...

Phebo foi ter com o senhor, sacudindo a cauda.

Affonso de Vellasco festejou, acariciou *Phebo*, abraçou-o e disse:

— Tal e qual como a minha *Diana*.

E chamando um escravo, mandou-o buscar *Diana*, que em breve foi trazida.

Antonio e Germano exaltarão a predilecta das trellas do velho Affonso, á quem então acudio uma idea de ambicioso caçador.

Elle porem possuido da sua idea ambiciosa não se animou á manifestal-a immediatamente e ali pelo respeito em que o tolhia a presença da filha.

Voltavão á subir de novo para a casa.

Affonso de Vellasco disse então:

— Menina! repartamos por cinco minutos o favor da companhia destes dous excellentes amigos; deixo-te o senhor Germano, e roubo-te por pouco tempo o senhor Antonio de Castro, á quem tenho de confiar um segredo de caçador incorrigivel.

E entrou no *engenho*, levando Antonio pelo braço.

O velho tinha em mente assumpto e ajustes relativos á *Phebo* e *Diana*.

Germano e dona Flor acharão-se pois ainda uma vez á sós, e entrando na sala, a pudicicia conduzio o amor para a janella, que fronteira ficava ao portão do engenho, por onde havião de voltar o pae de uma, e o irmão do outro.

Em pé e direitos á olhar pela janella, dona Flor apoiava no parapeito uma de suas mãos pequeninas e brancas, e Germano ao pé della, um momento enleiado, mas logo animando-se progressivamente, disse:

— Amanhã ainda serei feliz como hoje me sinto; mas depois!...

E calou-se.

— Porque não tambem depois?... tem sido e é tão brilhante o horisonte da sua vida!... respondeo dona Flor.

— Tem sido?... de que horisonte me falla?... do das apparencias sociaes?... talvez e mais do que tinha direito á merecel-o: do unico real da vida do coração?... oh! esse já o tive côr de roza... á annò... e perdi-o!... agora?... de que cor é o meo horisonte; pois que emfim é preciso que eu volte para a corte?..

— E é isso um grande infortunio?... porque então não se demora?...

— Porque é grave erro esperar sem esperança.

Dona Flor disse sorrindo, mas com voz hesitante :

— Qualquer... que seja... o motivo da queixa que insinua e do desgosto que indica, ainda bem que pode reflectir prudente, e que pela razão se dirige...

— A sua ironia me confunde!... pela primeira vez me parece cruel!

— Eu?...

— Oh sim!... e para que inuteis dissimulos do que se comprehende?...

— Senhor...

— Bem o reconheci : não a offendo, ouzando ensaiar galanteio que fora affrontoso do seo nobre pudor, e na pureza de meos sentimentos, e nas flammas que me acende na alma a mais prodigiosa formosura, posso adoral-a sem quebra do respeito, como devo e hei de submetter-me triste infeliz, mas silencioso e humilde á recusa do meo amor.

Germano fallára em tom grave e reverente, de modo porem que deixava perceber intima violencia para reffrear os impetos da paixão em acatamento á nobre senhora.

Dona Flor entendeu que recebera com a confissão franca de amor uma proposição seria, e embora ainda não formulada positivamente, já bastante clara para não poder duvidar do impulso honestissimo do cavalheiro.

Ella porem tendo o coração de todo rendido, aditada pela declaração solemne que acabava de ouvir, generosa, extremamente dedicada mãe, tinha entre si resolvido não ajustar casamento sem primeiro fallar, consolar, e até como esperava, alegrar a filha com a perspectiva de seo noivado tambem e consequentemente proximo.

Era artificio, expediente, recurso de mãe viuva e extremosa, que queria fazer-se perdoar pela filha o esquecimento e sacrificio do nome de seo pae.

Foi por isso que agitada pelos impulsos do amor jubiloso e regosijante, turbada pelos assanhos do pejo, e assaltada pela lembrança da filha, ella respondeo ao amado em enleios de perturbação interessante, e toda tremula, mas ainda procurando esquivar-se á compromettimento immediato de consorcio que temia ser exigida pelo apaixonado cavalheiro:

— Senhor Germano... creia... que... lhe sou... grata... e que...

Ella hesitava...

— E que?... perguntou Germano vivamente.

Dona Flor atarantada e em commoção palpitante, murmurou:

— Espere...

— Ah!... ainda!...

— Porque me atropella?... não lhe basta o que ouviu-me?...

E a voz de dona Flor tornou-se melodia em terno e suave pianissimo:

— Digo-lhe... que deve... que pode esperar!... não lhe basta?...

— Oh!... é muito... mas não é tudo!...

— É quasi tudo!... eu disse que lhe era... permittido esperar...

— Dona Flor!...

— Eu tambem... vou em breve... seguir para a capital... e é lá...

— Meo Deos!.., mas até então?...

— Demore-se aqui; fique!...

A mão de dona Flor procurada no peitoril da janella fugio, deixando-se cahir para entregar-se ás occultas, e defendida pela pa-

rede á mão de Germano que fervorosamente apertou-a.

— Oh!... creatura singular feita por Deos ao molde de seos anjos! ama-me então?...

A bella viuva estremeceo e disse:

— Ah! vem meo pae e seo irmão...

— Vamos encontral-os, respondeo Germano.

E levando dona Flor ainda pela mão para a porta da entrada, repetio, perguntando transportado:

— Ama-me?... ama-me?...

Dona Flor volveo os olhos pela sala, e certa de se achar á sós com o amado quasi noivo, disse com ineffavel ternura, e como se pelos labios lhe passasse a alma, o coração, a consciencia, o futuro, a vida:

Oh!... se o amo!!!. amo-o!!!

Germano cahio de joelhos e dona Flor, radiante de amor e de felicidade, mas temendo ser surpreendida em semelhante posição, curvou-se, e forcejou por levantar o cavalheiro tirando-o pelo braço e dizendo anciosa:

— Meo pae vae entrar...

E Germano ao ceder ao esforço, ao er-

guer-se, escravo que já era quasi noivo, ouzou...

Foi uma doce violencia... delicioso favor tomado de improviso, permettido como á força e depressa, gozado em instantanea volupia na sala ainda segredada.

Um beijo.

Dona Flor ficára á tremer em amotinação de affectos, abysmada em pejo, abrazada de amor, e palpitante de medo...

Germano adiantou-se e apparecendo á porta de entrada, exclamou ao velho e ao irmão que já vinhão subindo:

— Que longa e mysteriosa conferencia de caçadores!...

XXIV

A FLAMMA DO BEIJO

O beijo ternamente roubado devera ser lição despertadora de toda a prudencia de dona Flor.

Germano abusara de um momento de forte commoção, e da instante entrada de Affonso e de Antonio para arrebatat aquella primeira victoria sobre o recato da nobre senhora. Era portanto homem que sabia esperar e aproveitar occasiões.

Elle porem, que tão decoroso se mascarava e tanto dissimulava o seo sensualismo, não temera comprometter-se, nem decahir por aquelle arrojio no conceito de dona Flor. Tinha em sua defeza a natural erupção de apaixonadas flammias no momento electrico

em que recebera a certeza de ser amado, e conhecia bastante a vaidade feminina para não ignorar que mais difficilmente lhe seria perdoada a tibieza do que um fervente e transportado atrevimento em circumstancia tão regosijante.

Com effeito dona Flor não se axacerbára, e apenas fingindo-se levemente enfadada, perdoara o beijo que lhe tinha incendiado os labios e o coração, e logo depois ao despedir-se de Germano, lhe sorriu com doçura e tão meiga lhe apertou a mão, que bem permittio-lhe o direito de applaudir-se do favor delicioso que tomára de surpresa.

Reflectindo sobre a acção precipitada e impetuosa de Germano, dona Flor, como era de prever, achou mil escusas para innocentar-a.

Ella era reconhecidamente formosa, e elle que a adorava, não devia exaltar-se jubiloso e ardente ao ouvir a suspirada confissão do amor correspondido?... cahira-lhe de joelhos aos pés; podia ella accusal-o pelo apaixonado culto e pela exaltação? não lhe pedira, imprimira-lhe fervido beijo nos labios... fora audacioso avanço... fora...

Mas dona Flor lembrava que para levantar Germano ajoelhado curvara-se tanto que seo bello rosto se aproximára demais do rosto delle...

Alem disso os noivos podem beijar-se sem offensa da virtude.

E ella não devia considerar-se noiva de Germano?... só faltava para isso o consento da familia; já era porem noiva aos olhos e no coração do seo amado.

Dona Flor chegára pois até á legitimar o beijo e, prelibando auspicioso e ditosissimo futuro nos encantamentos do seo amor, sómente determinou esquivar-se ás manifestações de ternura de Germano, quando exposta se achasse á immediata observação de seo pae ou de outras pessoas; porque não sabia, como o seo amado, concentrar de subito affectos violentos, e de prompto dominar-se com absoluto refreamento da paixão, de que ella d'antes se suppunha, e desde então deixara de julgar-se capaz.

Em liberdade, em horas possiveis, e talvez desejadas, de confidencia e de amorosa e suave conversação, ella bem segura de não submetter-se á outro beijo antes de ser á

face de sua familia e de todos considerada noiva de Germano, havia de aprazer-se, de enlevar-se, de glorificar-se, ouvindo a musica de amor nos votos, nos juramentos, nos idilios das fallas do amado; vel-o-hia ainda de joelhos á adoral-a, e lhe concederia a mão aos desejos dos labios; mas, pudibunda e senhoril, como era, recatada, nobre e forte que sempre fora e que em hypothese alguma poderia deixar de ser, tinha a certeza de conter os assanhos da paixão do amado, e de fundar a confiança na esposa com as provas da honestidade, da virtude, e do pudor da amante.

E nessas hypotheses de assanhos de paixão, dona Flor, pela estima em que tinha Germano, e tambem, ou ainda mais, a si propria, imaginava fervores platonicos, inebriamento decente e poetico, exigencias e ambições de favores que acendem o pejo sem sacrificio do honor; não concebera porem, nem admitiria a hypothese de pretensão ou arrojo, de que ainda após a repulsão e o desprezo do insolente ficasse sempre o ultrage do pensamento.

Na magestosa e ufana segurança de sua

dignidade e de sua virtude, dona Flor ainda incorria em erro de vaidade.

A grande fortaleza da mulher soffre quebra quando ella se reputa superior ás condições naturaes da fraqueza humana.

A mulher que ama, qualquer que seja a sua condição, a sua educação, o acatamento que inspira, e a consciencia da sua virtude, tem o dever da discreta preocupação da fraqueza que em si não sente, mas que attribuem ao seo sexo, e da prudencia que aconselha não experimentar nem expor a fortaleza de que se presume; porque quando ama, a mulher mais forte já se acha sob a influencia de sentimento poderoso que a enfraquece, por isso mesmo que já a venceo.

Ao homem cumpre muitas vezes procurar o perigo; a mulher deve sempre evital-o.

De seo lado Germano retirara-se jubiloso e em ebriedade das mais lisongeiras esperanças; tinha medido bem as palavras que empregára em sua declaração de amar, acendera sem duvida no espirito de dona Flor a ideia de proposição de casamento; mas nem positivamente se esclarecera sobre esse ponto, nem estava ainda tão deslumbrado que pen-

sasse em sacrificar a neta de avós millionarios.

Todavia não era possível que elle impune-mente se expusesse ao influxo potente da formosura e das graças de dona Flor excitando e explorando o seu amor.

Germano ardia em chamas impuras, imaginava a gloria, ou antes a vangloria, mais humilhadora da nobre senhora que o amava, suppondo-o digno della; mas exactamente porque era impudico e sensualista, cada dia tiuha ido mais refervendo em seo seio com o ardor de desejo inconsessavel a paixão mais energica e abrasadora.

Nunca encontrara mulher que tanto e tão vivamente lhe incendiasse os sentidos, e tão cubizada lhe occupasse a imaginação.

Por pouco que dona Flor houvesse conhecido o verdadeiro character de Germano, se o não desprezasse, como certamente o fariã, pudera tornal-o talvez o automato da sua vontade, o escravo dos seus caprichos, preso e encadeiado á seus pés.

Em sua confissão de amor a bella senhora exaltára realmente ou o coração ou pelo menos a imaginação de Germano, e no beijo

roubado á seos labios lhe passára sem o pensar fogo violento que o inflamava desesperadamente.

Aquelle beijo teria sido tunica de Nesso, se dona Flor fosse Dejanira.

XXV

DURANTE O JANTAR

O jantar dado por Affonso de Vellasco á dona Adeodata e á seos dous filhos, e honrado com o concurso de algumas familias de mais estreita amisade, foi banquete aristocratico pela grandeza e luxo do serviço; nelle porem reinou o tom suave e a alegre liberdade isenta de toda etiqueta e de ceremonias que o velho e sua filha tinham imposto com o seo exemplo e suas exigencias.

Dona Flor recebera Germano com agrado no sorrir, amor no olhar, com o franco perdão do beijo na invisivel paga do amoroso aperto que fallara mudo á sua mão de amada; mas cuidadosa e circumspecta se esquivára á facilitar ligeiros momentos de palavras ternas e confidencias; e nem mesmo á meza menos cautelosa se reservara.

Germano comprehendeo ou não o verdadeiro motivo dessa evitação de Dona Flor, e com a segurança do seo amor não precisou fingir, refulgio de alegria.

A formosa viuva em obsequio á seos hospedes tivera a exagerada delicadeza de poupar o seo toilette á mais leve indicação de luto; vestira-se cor de rosa. Era quasi inconveniencia; mas era a *cor do horisonte* que o amor de Germano tivéra outr'ora...

Ella se vestira e soubera vestir-se para o seo amado; toda a prodigiosa opulencia dos encantos de seo corpo magnifico ostentava-se admiravel, desorientador em toilette cuja simplicidade era o mais apurado artificio da vaidade.

Que o quisesse ou não dona Flor embora impusesse reverencia pela magestade grave do proceder, da attitude e dos modos, era abysmo de fervidos encantos pelos contornos natural e obrigadamente voluptuosos de sua esplendida figura.

Ella tinha rosto de anjo e corpo de Venus.

Nem que se houvesse vestido de proposito para endoudecer Germano!...

O sensualista calculador envenenava-se com

o seu sensualismo, olhando e contemplando aquelle prodigio de belleza humana.

Assim fortemente impressionado e em doudos arroubos de imaginação licenciosa, esse homem elegante, mas corrompido e immoral, teve com tudo ephemeros momentos de apprehensão de sobresalto ou de receio durante o jantar.

Affonso de Vellasco fisera um brinde particular á dona Flor, disendo com voz inter-necida :

— A tua filha!... á nossa Julia!...

Mas, logo depois, Germano serenou, sorrindo ao pueril rebate do animo pela simples coincidencia de um nome.

E quando acabava apenas de sorrir, zombando do instinctivo, mas *vago* e *insensato* escrupulo involuntariamente amotinado, vio dona Flor que, furtiva e carinhosa, tocava com os labios a taça de vinho, olhando-o e saudando-o...

Germano esqueceo tudo, encheo o copo, e esvasiou-o, bebendo.

Ouvindo pela primeira vez o nome da filha de dona Flor Germano abriu instinctivamente o animo á uma suspeita vaga que

lhe fez contrair o rosto, como á uma impressão afflictiva e inesperada; mas nem teve tempo para reflectir e serenar-se por esforço proprio.

Ou fosse por notar e ter interpretado erradamente a expressão penosa da physionomia do seo amado ou porque lhe quisesse dar signal mimoso do seo amor, a bella viuva, sorrindo carinhosa, olhou-o e tocou furtivamente com os labios a seo calix de vinho.

Germano esqueceo suas desconsoladoras conjecturas, encheo o copo, e bebendo suave e deliciosamente até a ultima gota, sorrio-se tambem expansivo e satisfeito.

Era de si mesmo que elle então ria, zombando do pensil rebate do seo animo pela simples coincidencia de um nome.

XXVI

Á SOBREMEZA

Estavão á sobremeza, quasi á tocar o fim do jantar, e em animada e geral conversação.

A caçada da vespera voltára á discussão.

Marcello, fazendeiro visinho de Affonso e tão velho como elle, porem muito mais robusto, homem alto, sanguineo de temperamento e de olhos ainda brilhantes, disse :

— Corridas de veados!... que são ellas?... glorias dos caçadores de hoje!... entretenimento ligeiro por fim de contas, e sem verdadeiras commoções, como as que eu sentia...

— Anda ahí exaggeração, compadre!... observou Affonso.

— Ora!... um veado é um carneiro com a differença de correr mais; tal caçada não passa de aposta de carreira entre o inno-

cente animal e os cães, e de tiro ao alvo para os caçadores.

— Oh, senhor Marcello Dias!... exclamou Antonio; perdoe-me; mas...

O velho o interrompeo, dizendo:

— Caçadas as nossas de cincoenta e ainda de quarenta annos atrás, compadre Affonso!...

— Já lá se forão!... murmurou Affonso, suspirando.

— Como erão então?... perguntou dona Flor.

— Ah, minha senhora!... tinhamos nossas corridas de veados, mas somente por desfastio e pretexto para brincar; a caçada electrisadora; a nossa verdadeira caçada era outra! lembra-se, compadre?...

— Lembra-me!... se me hei de lembrar!... e daquella vez que me falhou a espingarda?...

— É verdade!... exclamou Marcello; daquella vez foi a providencia divina que o salvou!...

— Mas que caçadas erão essas?...

A pergunta era feita por dona Clementina, joven senhora nascida e creada na cidade do Rio de Janeiro, e que casada á

dous mezes com um mancebo fazendeiro e visinho de Affonso de Vellasco, acabava apenas de vir habitar na fazenda do marido.

Marcello sorriu-se, ouvindo a pergunta da joven da cidade.

Dona Adeodata respondeo :

— Erão caçadas de tigres e de onças, e de terriveis porcos do matto!... meo marido entrava nellas, e eu ficava em casa á tremer e á resar.

— Se elle entrava! mas que abalo, quando o tigre fitava furioso e com olhos chammejantes o caçador que impavido disparava o tiro, e o estendia morto á seos pés!...

— E se errava, ou falhava o tiro?... tornou a perguntar a joven.

— A forquilha e a faca substituição a espingarda, e então a luta era sublime!...

— Oh!... exclamou dona Flor.

— Já passou esse bom tempo, minha senhora; hoje em dia raramente apparece em em nossos bosques batidos alguma pobre onça papa-veado.

— Capaz de matar um homem...

— Em caso de aperto e se o homem não souber matal-a, é muito provavel; mas não

é o tigre, que atacava ora traiçoeiro, ora provocado e raivoso, e sempre formidável.

— Eu já cacei tigres por duas vezes, é certo que longe d'aqui, disse Antonio um pouco ferido em seu orgulho de caçador; não temos culpa de que os senhores mais velhos do que nós acabassem com os tigres de nossas florestas; nellas porem ainda ás vezes apparecem onças que são em todo caso ferozes e tremendas, quando acuão diante dos cães, e nós outros, os humildes corretores de veados, não tememos, antes desejamos encontral-as nos mattos.

— Ainda bem que são raras! observou dona Flor olhando para o seu bello caçador.

— Raras, sim; mas apparecem, respondeo Marcello. Agora mesmo uma vara de *queixadas* invadio o *Monte Preto* e acoutou-se em alguma grotta, donde sahe para devastar-me o milharal e a mandioca, e com certeza uma onça, ou um casal de onças anda atrás da vara; porque, ou por urgencia de fome, ou por variedade de appetite, já me tem morto e carregado tres carneiros.

— Está gracejando.. disse Germano.

— Não, senhor; é absolutamente verdade.

— Antonio!... exclamou o elegante diplomata.

— Prompto! respondeo-lhe o irmão; tu apenas me preveniste.

— Amanhã!...

— Não, depois d'amanhã; um dia me é preciso para reunir bons cães e preparar a caçada...

Adeodata interveio.

— Não convenho nisso, disse; sei o perigo que se corre na caça dos *queixadas* que são tremendos e de onças que ainda mais o são. Antonio! tu continuaste a praticar esse máo costume; mas teo irmão o perdeo na Europa; não quero que exponhas Germano.

— Oh, minha mae!... por quem é não me deprima e abata assim!... acudio este.

E voltando-se para Marcello, continuou, dizendo:

— Abandona-nos por um dia o seo direito sobre o *Monte Preto*?...

— Quero apezar de velho tomar parte na caçada, que alias eu hia fazer só.

Affonso de Vellasco olhava para a filha, como á pedir-lhe licença...

— Não, disse Germano; os caçadores do

novo tempo forão humilhados pelo antigo caçador. A prova que se lhes offerece é de minima importancia, mas é prova; e nós, os noveis, queremos passar por ella sem o patrocínio dos velhos mestres... se o permitté...

— Senhor Germano, respondeo Marcello, a caçada dos queixadas não é difficil; mas devo prevenil-o que pelos vestigios e signaes que fiz observar, não é um casal de onças papa-veados, é um tigre, ou um casal de onças das mais feroces que, descendo das florestas d'alem, veio acoutar-se no *Monte Preto*. Ha perigo real, perigo de morte em semelhante caçada; pergunte a seo irmão.

Germano sorrio-se e disse:

— Tanto melhor! o perigo é um incentivo; hei de ir caçar os seos queixadas, e o seo casal de tigres.

Dona Flor empallidecera á fazer lembrar a imagem da morte imaginada pelo poeta do Uruguay; no semblante de Lindoya.

— Se o senhor Germano dá licença, serei tambem da partida! disse Fabricio, o esposo de dona Clementina.

— O senhor Germano póde dar licença, mas eu protesto que não a dou! exclamou a joven senhora.

— Por consequencia estou demittido de caçador pelo casamento!... tornou Fabricio indicando sua doce obediencia á vontade da esposa.

XXVII

DESOBEDIENCIA

Servia-se o café na sala principal.

Dona Flor exageradamente apprehensivel dos perigos que hia correr o seo amado em uma caçada de difficil execução ainda para praticos e acostumados caçadores do interior das provincias do Brazil, procurou o soccorro e a intervenção de Adeodata.

— A senhora pensou prudentemente, disse-lhe; em minha infancia e juventude ouvi muitas vezes historia dessas caçadas de onças e de queixadas, em que os caçadores não adestrados podem ser victimas.

— É verdade.

— O senhor Germano não deve ir expor-se... a senhora disse bem... elle perdeu o costume... ou antes nunca teve experiencia de semelhantes caçadas...

— Mas agora, eu o conheço bastante, não recuará...

A excepção de dona Clementina que se apavorara por amor do marido e por grande medo do tigre, e também á excepção de Adeodata que era mãe, e naturalmente estremecia pelo filho tão delicado de maneiras, e na apparencia ao menos tão exclusivamente homem de estudo de gabinete e cavalheiro de salão, somente dona Flor se preocupava da caçada.

As outras senhoras, e com especialidade os homens, julgando explicavel e devido o empenho que Germano e Antonio têm tomado, se entretinham com outros assumptos.

Mas dona Flor amava, e portanto phantasiava riscos e horrores ameaçando o seo bello e querido cavalheiro, e aterrava-se, lembrando o que sobre as caçadas de tigrés Marcello fizera ouvir.

Ella chamou Germano, e meiga por amor, lisonjeira por interessada, teceo com os olhos e com a voz immensa rede de magias para prendel-o enfeitado.

Começou por leve gracejo, indicando a desobediencia no filho como indicio de coração

desamante, e lançada assim a allusão preventiva, disse-lhe :

— Sua boa e digna mae está triste...

— Triste?... e porque?...

— Declarou que não consentia nessa caçada... e com tudo...

— Minha mae me perdoará a ultima desobediencia, em que incorrerei...

— Mas por capricho... deixe-me dizel-o, por vaidade... não ceder, não poupar sua mae á longas horas de afflictivos cuidados!...

Germano sorriu-se e respondeo :

— Agora sim, minha senhora, é que me sinto cheio de vaidade...

— Ah! porque?...

— Ufanou-me a presumpção de que V Ex., de accordo com minha mae, conspira contra a minha caçada.

Dona Flor disse com ternura :

— Confesso-o... tambem lhe peço que não vá...

— Oh! mas é tarde... já me comprometti.

— Germano!... meu filho!... o simples desejo manifestado por senhora tão distincta devia ser preceito para ti.

Dona Flor murmurou um pouco resentida:

— Que valho eu?...

— Que vale!... ah! nem a propria imaginação chegaria á aquilatar-lhe o valor.

— Supponhamol-o; ainda assim porem não posso merecer o sacrificio de uma caçada.

Germano sabia fallar ás senhoras.

— Se V. Ex. não estivesse aqui, eu teria desde o primeiro instante obedecido á minha mãe, disse elle.

— Ah! sou eu então a innocente culpado?...

— Certamente.

— E como?... não comprehendo.

— V. Ex. já o disse: é a minha vaidade; porque, levada de receios vãos, minha mãe prohibio-me essa vulgar caçada?... por apprehensões de perigos ameaçadores da minha vida...

— Ah!... é isso!.. exclamou dona Flor.

— Não me tenho por caçador novel... mas que o fosse, e que nunca até hoje houvesse caçado...

— Iria?...

— Iria.

— Eis ahi!... porque?...

Germano tornou á sorrir-se e respondeo:

— Sou franco. Sob os olhos de uma se-

nhora formosa e distinctissima distancia-se della por muito indigno o cavalheiro que recua diante do perigo real ou imaginario...

— Mas se essa senhora pede e roga...

— É seo direito de compassiva e sensível; ao homem porem assiste em tal caso o dever da desobediencia, para escapar á suspeita de obediente por medo de se arriscar.

— O senhor sophisma, abusando da simplicidade de duas pobres senhoras; já nos repetio que a caçada era vulgar, que não havia perigo...

— E V. Ex. pensa o contrario; se não ha perigo, porque me disputão horas de distracção?... se o ha, não me é dado recuar aos olhos da formosura.

— Não vá!... disse dona Flor com requinte de doçura e de amor.

— Não posso deixar de ir; mas V. Ex. se tranquilise, se no *Monte Preto* ha um tigre ou um casal de tigres, trarei vencedor á seos pés ou um ou ambos.

— Seo filho é indomavel e inflexivel!... disse dona Flor á Adeodata.

— Neste ponto é como em tudo semelhante ao pae! respondeo a boa velha, suspirando.

XXVIII

O TALISMAN

Dona Flor quizera vencer, mas dentro de si honrara a resistencia de Germano.

A mulher, porque é fraca, naturalmente applaude no homem a força; mas admira-lhe, e encanta-a ainda mais que a força a coragem e a intrepidez.

Em sua imaginação superexcitada, aquella caçada dos tigres de que Germano fallava tão desejoso e tão indifferente aos riscos porque hia passar, dava-lhe a medida do coração valoroso e altivo do homem á quem amava.

Ella soffria, temia, alvoroçava-se, mas admirava o esmerado e elegante cavalheiro, que sorria á sua primeira caçada de tigres, como se se estivesse emprasando com uma

bella senhora para a primeira valsa do proximo baile.

Em tal situação ella apprehensiva, preza de mil temores e ao mesmo tempo orgulhosa do escolhido de sua alma, olvidou suas precauções de reservas, e, em vez de evitar, procurou ensejo e minutos de intelligencia com Germano.

Foi-lhe facil achal-os.

Vendo o seo amado junto do piano á folhear um album de musicas, foi ter com elle, e simulando mostrar-lhe peças de sua predilecção, disse-lhe commovida e em vexames de pudor:

— Tenho medo de persistir em illusão... prefiro o desengano...

— Como?

— O seo proceder para comigo... as suas palavras... e mais...

Ella lembrava o beijo; não ouzou porem dizer o que lembrava:

— E então? perguntou Germano.

— Não desconfio, mas receio: que quer que eu pense e... espere?

— Ah! quem espera, sou eu; foi V. Ex. que me ordenou que esperasse...

— E se eu não tivesse querido assim?..

Germano ou mentiroso ou apaixonado respondeu com ternura:

— Se V. Ex. não tivesse querido assim, o senhor Affonso de Vellasco já me estaria olhando como filho, ou me houvera repellido...

Dona Flor corou de leve, e ainda mais commovida disse, perguntando:

— Devo pois julgar-me sua noiva?..

— Oh!... sim!...

— Como então dispõe da vida que já não é somente sua?..

A voz de dona Flor exhalava o ultimo pedido em tom de queixa.

Germano murmurou:

— Tem razão; farei o que me ordenar.

— Promette-o?... eu não quero que vá á essa caçada.

Germano disse sem hesitar:

— Não irei.

Dona Flor radiou de alegria e de amor.

Mas o cavalheiro accrescentou logo:

— O provocador da caçada fui eu... convenho emfim que haveria nella perigo...

Dona Fior ainda sem comprehender o pensamento sagaz de Germano, disse:

— É por isso que eu não quero que vá á ella.

— Por tanto não irei, já o prometti; vou immediatamente declaral-o.

— E sob que pretexto?...

— Sob o mais verosimil: confessarei que tenho medo.

Dona Flor confundio-se e respondeo logo:

— Oh!... não; deve ir.

E ajuntou com a maior doçura:

— Mas jure-me que se lembrará de mim, e que, por amor de mim, será prudente e cauteloso!

— A sua imagem será o meu talisman! disse Germano meigamente, e apertando os dedos de dona Flor ao voltar a folha do album.

A bella viuva afastou-se momentos depois.

— Pensei que hias cantar, disse Affonso á filha.

— Estimaria poder fazel-o; mas essa hor-rivel caçada de tigres, meo pae, roubou-me o socego e me faz tremer!... foi uma ideia infeliz!...

Os homens, antigos e novos caçadores, sorrirão-se.

E ella, para honrar e engrandecer o seu amado, accrescentou :

— E o senhor Germano é tam pertinaz, e tam máo, que resistio á todos os empenhos de sua mãe e aos meos para desmanchar esse projecto de caçada.

E ausentou-se da sala por alguns minutos.

Era noute. Não tardou muito que se levantassem em despedida os hospedes de Affonso de Vellasco.

Dous somente ficarão para dormir na fazenda onde estavam : a joven Clementina e seu captivo marido. A noiva bonita e dominadora do noivo não quiz por modo algum retirar-se de noute á medo de ser assaltada pelos tigres.

A velha Adeodata sahio por ultimo, acompanhada pelos filhos.

Ao apertar a mão de Germano, dona Flor passou-lhe occultamente exiguo objecto, e disse-lhe balbuciando :

— É o seo talisman... a sua vida é minha! quero-a !...

Germano estremeceo agitado profundamente por ardente paixão, e tornou a apertar com movimento convulsivo a mão de dona Flor.

E a nobre senhora, amante honesta mas perdida de amor, vendo o pae á levar pelo braço Adeodata, descendo a escada, Antonio occupado de um e de outro, e ella como á sós ao lado de Germano que a conduzia, abalada e temerosa á pensar na caçada dos tigres que a aterrava, fraqueando por medrosa ternura, imaginando impôr interesseiros cuidados por incentivo de inefavel gloria, murmurou quasi voluptuosa no ouvido do cavalheiro apaixonado e sensual :

— Amo-o!... amo-o!... quero a sua vida!... amo-o!... quero ser sua esposa!...

Germano levou com ancia a mão de dona Flor aos labios, beijou-a com febril extremecimento, sorveo-a em longo e secreto beijo, e primeira vez escravo do poder de uma mulher, em lascivo transporte que escapava emfim á astucia respondeo baixinho e apaixonadamente :

— Será minha esposa!... será minha!...

E dizendo-lhe assim, elle esquecia completamente, nesse momento ao menos, a neta dos avós millionarios.

XXIX

GOLPE INESPERADO

Encerrado em seu quarto Germano apressou-se á ver o que era o seu talisman: cabellos de dona Flor, um anel de madeixas que elle beijou dez vezes, sentindo-o cortado de fresco no suave perfume que ainda continha.

Mas o anel de cabellos estava preso á uma tira de papel, na qual havia letras escritas.

Germano aproximou-se da luz, leo, e titubeou.

E todavia o que estava escripto deveria inflammal-o muito mais.

Tres palavras apenas resumindo ainda todos os cuidados e estremecimento do amor de dona Flor.

« *Germano pertence á Octavia.* »

O voluptuoso cavalheiro que tão deslum-

brado se achava pela formosura resplendente daquella á quem até então só conhecera pelo nome de dona Flor que não era o baptismal, pareceo como fulminado, lembrando que a filha desta se chamava Julia, e que na casa dos avós de Julia tinha ouvido por vezes pronunciar o nome de Octavia, em refferencia á mãe da rica donzella á quem jurára amor e se prendera com promessas mutuas de casamento.

Germano dentro de si zombava das noções do dever e dos preceitos da moral que oppõe barreira santa aos gozos do sensualismo; julgava-se quite com a decencia e a honra, pagando á sociedade o tributo de sua dissimulação profunda, e ás victimas primeiro o prazer da illusão antes do desengano, e depois a triste consolação do segredo.

Mas o caso tremendo que se realisava, faria a angustia e o desespero de qualquer homem, que ainda não rojasse pela extrema perversão.

Germano estava experimentando castigo tremendo da sua ambição de riqueza, e do seo criminoso sensualismo.

Explorara consecutivamente o amor de uma candida donzella pelo cubiçoso empenho de

conseguir opulenta fortuna, e o de uma senhora bella e honestissima viuva, pelos impulsos de sua lascivia; illudira a primeira, apaixonara-se, procurando illudir tambem a segunda, e de subito convulsára, reconhecendo-se compromettido com duas senhoras, que erão provavelmente mãe e filha!...

Era impossivel impedir a intelligencia entre uma e outra, e que ao menos uma, a mais experiente, a mãe descobrindo a perfida dualidade de amor, poupasse a innocencia da filha ao quadro real da mais horrivel profanação da natureza; mas ao mesmo tempo inventasse, imaginasse medonhos pretextos para leval-a á repugnar o noivo ambicioso, enquanto ella o desprezaria com horror.

Vivamente contrariado e afflicto Germano imaginou durante ligeiros momentos a possibilidade da dupla coincidencia de dona Flor chamar-se Octavia, ter uma filha de nome Julia, e não ser com tudo a mãe da Julia neta do barão de...

Mas a molestia e a convalescença do pae de Octavia?... a filha retirada da cõrte á tratar do pae?...

Germano arrependeo-se de se haver sempre

esquivado á conversar com o irmão sobre dona Flor: o excesso de dissimulação o havia comprometido.

Elle sahio de seo quarto, foi procurar Antonio e provocou-o á fallar, e á dar-lhe informações.

Não havia que duvidar; dona Flor era Octavia, viuva do filho unico do barão de... e mãe de Julia.

— Como pois conservou ella esse appellido de *dona Flor*?... perguntou Germano, fingindo rir.

— Conservou-o na terra de seo berço e de seos irmãos comparochianos; para o pae e para nós é sempre *dona Flor*. Ella é um pouco ou muito nossa por esse appellido; aqui é sempre a nossa *dona Flor*, lá, na côrte, é Octavia...

— Ah!

— Mas para ti, Germano, ella que foi dona Flor na primeira juventude, que importa que seja a formosa Octavia dos salões da aristocracia da capital?...

— Por mim?... respondeu Germano: que tenho eu com elle?... simples curiosidade moveo-me á esclarecer a confusão que me

causavão dous nomes diversos dados á mesma pessoa.

— Só?... perguntou Antonio rir.

Germano voltou-se e deixou o irmão.

A verdade cruel tornara-se evidente.

O ambicioso e sensualista achava-se preso por duplices votos á mãe e á filha; era sob palavra, por promessas e juramentos, noivo de ambas. A ambição de riqueza e de opulencia o impellia para uma, a paixão e o incendio dos sentidos o arrojavão para a outra; a fatalidade o ameaçava com a perda de ambas.

Germano abatido, atropellado por duas inevitaveis condemnações e derrotas, sem mais esperanças de opulencia por meio de seo casamento com Julia, e tambem em desespero da paixão que dona Flor lhe inspirara, cahido em fundo e tenebroso abysmo, concebeo, nutrio e como em phrenetico recurso na desórden de suas cogitações perturbadas e afflictivas, abraçou uma ideia, como o naufrago que se agarra á uma taboa do navio despedaçado, á ideia de protestar contra a presumpção do crime de lesa-natureza, de ir ajoelhar-se aos pés de dona Flor

reconhecida mãe de Julia, e de confessar-lhe chorando, suas mizerias de ambicioso repugnante, ou talvez com apuros e arrojões de eloquencia seo perjuro á Julia por irresistivel preferencia dada á dona Flor, ignorando que a rival triumphadora fosse mãe da vencida.

Procedendo assim, poderia elle ao menos escapar ao labeo de affronta descommunal irrogada á natureza, embora não se eximisse ás justas suspeitas de intentos perfidos em relação quer á Julia, a rica herdeira explorada, quer a Octavia, a belleza ameaçada de traiçoeira seducção.

E nem havia outro expediente; porque Octavia hia voltar em breve para a côrte, e desfeito o enredo nas primeiras e infalliveis confidencias da familia, dous solemnes desprezos, duas repulsões oppobriosas lhe fecharião a porta da casa do barão de... á Germano, se elle ouzasse tornar á ella.

Germano deitou-se agitadoissimo; passada porém, a primeira hora de mais amotinadoras impressões, começou com animo menos alterado e mais reflectido á medir as difficuldades extraordinarias da situação, em que se via tão desastradamente collocado.

Pouco e pouco o illustrado moralista foi entrando em si e mostrando-se digno de si.

Elle adormeceu a consciencia revolta ante esse duplo amor fingido, que tinha por objectos a mãe e a filha, com a certeza e verdade de sua ignorancia do parentesco.

Mas a partir desse ponto julgou pueril delicadeza sacrificar-se á fugir de ambas: que se desligasse totalmente de uma era bastante para o sommo tranquillo da consciencia: em suas relações com Julia e Octavia conseguira accender tão fortes amores que talvez fosse possivel ainda conservar e dominar um delles.

A coincidencia de serem mãe e filha as suas duas amadas e esperançosas noivas hia ser para estas um facto espantador, profundamente doloroso, desesperante, e horrivel; muitas vezes, porém, acontece que a paixão referve delirante e louca, prorompendo do fundo do abysmo cavado pela grandeza e força do dever.

A mulher é quasi sempre a martyr do sentimento. O sentimento é volcão cujas erupções podem não ter medida.

Germano sabia isso, e já estava raciocinando com essa probabilidade que a sua proficiencia saberia excitar e aproveitar.

Entre Julia e Octavia, entre o projecto de riqueza opulenta, e o ardimento apaixonado e lascivo não havia mais que hesitar.

Julia, a herdeira unica do barão e baroneza de.... estava absoluta, irremissivelmente perdida para elle. Octavia por santo dever e por justissimo resentimento annullaria em quatro palavras o seo planejado consorcio: ella diria á filha, e aos avós da filha:

— Esse homem ama-me, e me propoz casamento.

E o horror trancaria a porta da casa do barão de.... ao miseravel desnaturado.

Germano não podia pensar mais em Julia: tinha perdido em jogo incalculado, e impossivel de calcular, a carta que lhe permittia, que lhe garantia a herdeira da opulencia.

Os assanhos da lascívia o tinhão levado cega e inadvertidamente á tornar impraticavel, impossivel o seo plano de aurea pujança despozando a neta do barão de...

Julia era um sonho desvanecido ao mais afflictivo despertar.

Em vez de lisongeira esperanza que tinha sido, Julia se tornára obstaculo á considerar muito seriamente para Germano.

Mas dona Flor, ou Octavia, a mãe, embora a mãe de Julia, assombro de formosura, voragem involuntaria de voluptuosos desejos, ethna de flammigeros ardores do Alcides em sangue envenenado pelo encanto da tunica de Nesso, era, além de Dejanira incendiadora, senhora sufficientemente rica, e herdeira tambem de fortuna consideravel por morte de seo pai.

Dona Flor ou Octavia se mostrava pois pela riqueza consolação suave da perda inevitavel da opulencia que Julia fizera esperar, e pela formosura esplendida e singular inaudita felicidade, ineffavel delicia de quem para sempre a possuísse esposo.

O raciocinio egoista, e todo material no espirito pensante levou Germano á planejar par e passo o seo proceder junto de dona Flor e de intelligencia com ella.

Era-lhe indispensavel communicar-lhe, confessar-lhe seos erros, seos desatinos, a fatalidade do parentesco tarde descoberto, antes que ella o chegasse á saber...

Convinha-lhe ser o primeiro á revelar a coincidencia terrivel, choral-a, desesperar-se; mas em violentos transportes de afflicção,

render-lhe ainda apaixonado, exclusivo e violentissimo culto...

Precisava, consternando-se, consternal-a; enlouquecel-a, fingindo-se louco; desesperal-a com o seo desespero; e, no meio de toda a desordem desses sentimentos tempestuosos, fazel-a ver-se, sentir-se, embora mãe, exaltada pela preferencia ruidosa, ululante, angustiada, mas evidentemente dada com vehemencia á formosura da mãe sobre a immensa riqueza da filha.

Era esse o primeiro, o mais escabroso, o mais imperioso passo á dar; para dal-o porem era absolutamente necessaria uma hora de confidencial conversação com dona Flor.

Procurar essa hora na casa de Affonso de Vellasco era mais que difficil...

E o caso urgia...

Germano lembrou-se então das vizitas diarias e caridosas de dona Flor ao humilde *sitio*, á pobre casinha da avó Jozepha.

Ser-lhe-ia facil informar-se sobre o *sitio* e chegar depois á elle sem passar pelo campo da fazenda de Affonso de Vellasco para não ser descoberto.

A caridade lhe serviria de pretexto ou de explicação para a visita á avó Jozepha.

Octavia ia todas as manhãs ao sitio da pobre velha, e o pae não a acompanhava.

Ao encontro inesperado por Octavia seguir-se-ia a tormentosa revelação da fatal coincidência.

Germano adormeceu, preparando e dispondo a scena que devia representar e que, sem duvida, representaria magistralmente, por que, alem de sua consummada sagacidade, tinha para inspiral-o a paixão em que ardia por dona Flor ou Octavia.

Ao amanhecer do dia seguinte tomou a espingarda e sahio só e apé afim de escapar á qualquer conjectura ou suspeita.

Caminhou apressado; mas gastou duas horas para chegar ás visinhanças da fazenda de Affonso.

Um lavrador pobre que trabalhava perto de sua casinha, á beira da estrada, ensinou-lhe, ou antes apontou-lhe com o dedo o sitio da avó Jozepha.

Era contiguo ao campo da fazenda e sobre elevado outeiro.

Germano afastou-se em breve da estrada e, penetrando no matto, foi franquear o outeiro, e subindo-o, entrou no sitio; mas pa-

rando para respirar e dar linitivo á fadiga, vio e reconheceo no meio do campo da fazenda o carro de Affonso de Vellasco que sem duvida levava Octavia já de volta.

A contrariedade foi grande; mas Germano aproveitou ao menos a cansada marcha para deixar sob o tecto da pobreza protegida por Octavia um testemunho do seo amor.

Admittido promptamente junto do leito da velhinha enferma que vivia acompanhada de um unico neto, mas robusto e laborioso mancebo, e de uma escrava doada pela protectora, Germano dirigio-lhe palavras consoladoras, e disfarçadamente passou para baixo do travesseiro a bolsa que recheiada trazia.

— Mas... quem é o senhor?... quem é?... perguntou a avó Jozepha com voz tremula.

— Que lhe importa o meo nome?... baste-lhe saber que foi dona Flor, quem me mandou aqui.

E logo depois sahio.

XXX

NA VESPERA DA CAÇADA

Germano precisava descansar o resto daquelle dia cuja manhã perdera, e tinha que apromptar sua espingarda e dispôr-se com todas as cautelas para a caçada terrivel das onças negras ou dos tigres do Brasil.

Antonio organisára a caçada, e contava com mais quatro companheiros alem do irmão, e com sufficiente numero de cães adestrados.

Amollarão-se as facas, limparão-se as espingardas, escolherão-se as pelles de carneiro para o caso desesperado do emprego da faca na caçada, e os atrevidos caçadores esperarão anciosos, e dormirão abalados mas corajosos e ardentes, lembrando a hora e o lugar emprazados para a sua reunião.

Na verdade dona Flor tinha razão de estremecer por Germano.

A caçada dos tigres do Brasil não é menos perigosa do que a dos tigres da Africa e Asia. É sempre uma partida de jogo nobre, mas audacioso e temerario, em que os caçadores parrão as vidas.

E Germano era de todos os seus compa-
nheiros o unico que só conhecia a caça dos
tigres por theoria e conselhos que bebera
nos livros, e nas lições ouvidas á experiencia
dos caçadores praticos.

Antonio jurára á sua mãe não afastar-se
do lado do irmão.

Germano deixara-o jurar, mostrara-se junto
de Adeodata submisso e obediente; á sós
porem com Antonio protestára energico con-
tra a ideia da protecção ou da tutoria fra-
ternal.

Elle queria matar um tigre, ou ambos os
tigres que se annunciavão no *Monte Preto*.

Germano contava com a segurança da sua
optima espingarda, com a infalibilidade da
sua pontaria, e com o conhecimento theorico
que possuia dos costumes traiçoeiros, e dos
pontos mais vulneraveis do corpo dos tigres.

Ás duas horas da tarde tinha chegado á
fazenda do *Rio Perdido* um creado de Affonso

de Vellasco, trazendo delicado presente de fructas e doces para dona Adeodata, e uma carta para Germano.

A carta era do velho caçador que tarde se empenhava em demonstrar ao cavalheiro a imprudencia que commettia, indo á caçada dos tigres, sendo novo e de todo inexperiente na mais formidavel empreza venatoria, rematando por convidal-o para passar o dia com elle, e esperar em sua fazenda a volta dos jovens e temerarios caçadores.

A carta fora sem duvida alguma inspirada e conseguida por dona Flor; pois que dentro della vinha um bilhete, de que Afonso certamente não tivera conhecimento.

O bilhete era de dona Flor e dizia assim:
« Germano. — Dá o dia de amanhã á quem jura consagrar-te toda a sua vida. Acceita o convite de meo pae. Não quero, prohibo-te essa horriavel caçada. Offereço-te em compensação uma hora de ternas, mas purissimas confidencias: temos tanto que dizer-nos!... amanhã ás sete horas estarei no *sitio da avó Jozepha*. Entrando no campo da nossa fazenda, verás á mão direita e sobre uma collina o meo carro parado á porta

de humilde casa. É ahí o *sitio*. Lá te espero. »

Germano respondeo a carta de Affonso de Vellasco, agradecendo-lhe os cuidados e interesse de amizade; mas protestando ser então já impossivel obedecer-lhe aos conselhos e acceitar-lhe o convite.

Escreveo em seguida á dona Flor, e aproveitando a ausencia de Antonio que fôra occupar-se dos ultimos aprestos da caçada, tomou a si dirigir á obsequiadora senhora, em nome de sua mãe e com a assignatura desta, breve carta de agradecimento, que servio para levar em segredo o seo bilhete, como lhe tinha vindo o que recebera.

O creado de Affonso de Vellasco fôra logo despachado.

A proposição da *hora de confidencias ternas, mas purissimas*, electrizára Germano, dando-lhe a evidencia do gráo supremo á que já havia attingido o amor da formosa senhora; elle porem resistio, porque sabia que o motivo da resistencia não aviltava nem offendia a amada, e engrandecia o amante intrepido affrontador da morte.

A abaladora perspectiva da perigosissima

caçada distraira Germano de seos arroubos de paixão e das pungentes apprehensões do desespero de dona Flor ao saber que era rival de sua filha.

Ou por esquecimento ou por calculo elle não fallára da carta de Affonso de Vellasco ao irmão.

E assim tinha chegado a noute.

Cedo se servira a ceia, e a viuva de antigo caçador de tigres cedo convidara os filhos, caçadores novos, á recolherem-se e á dormir para socegar os animos e retemperar as forças.

O primeiro á despertar e á dar a voz da caçada foi Germano.

Os dous irmãos tomarão café, despedirão-se de Adeodata que os abençoou, e partirão.

A velha, muito amorosa mãe, foi abrir o seo oratorio, e ainda depois de ter acabado longa oração, deixou acesas as velas diante das sagradas imagens.

XXXI

T E R R O R E S

As angustiosas apprehensões de dona Flor tinham-se aggravado consideravelmente logo depois da retiradá dos hospedes que seo pae banqueteara, porque a medrosa Clementina excitára este á informar sobre as caçadas dos tigres, e o velho caçador promptamente respondera :

— São as mais uteis, porque dão cabo de animaes que, alem de muito nocivos, excedem á todos em ferocidade; mas tambem são por excellencia as mais perigosas, porque nellas á cada instante se encara com a morte.

— Então?... fiz bem em não consentir que meo marido se ajustasse para a caçada de depois d'amanhã?...

O noivo sorriu-se.

— Fez, disse Affonso de Vellasco seria-

mente, fez muito bem; seo marido é apenas bom caçador de veados, mas não tem pratica de caçar onças, e eu posso afirmar que matar a onça acuada no páo á qualquer certoiro atirador é facil; matal-a porem no chão, só o sabem os mestres, ainda com o maior perigo de vida.

A conversação continuou sobre o mesmo assumpto e cada vez mais lugubre e pavorosa para dona Flor.

Se ella tivesse ouvido á seo pae uma hora antes, houvera, tinha-o por certo, arredado Germano daquella caçada louca.

Amante e amada, já encantadamente embalada com a segurança do mais feliz casamento, a noiva de Germano, dona Flor, imaginava o noivo, corajoso e bravo mas inexperiente, diante do tigre de olhar deslumbrador, e logo depois despedaçado por elle...

Que alguma mulher ame, repute-se noiva do seo amado, considere-se na situação de dona Flor, e seja capaz de não imaginar e de não apavorar-se como ella!...

O amor desatinado pelo medo é o mais perigoso e desastrado conselheiro.

O conselho do amor mais que medroso,

aterrado, fez mandar aquelle imprudente e inconsiderado bilhete á Germano.

A pobre amante e noiva angustiada se apadrinhára com proposição ou concessão de um encontro particular e secreto, isto é, com o mais arriscado, com o extremo favor que uma senhora honesta pode, sempre todavia inconvenientemente, outorgar ao homem que a ama, ainda que seja seo esperançoso ou comprometido noivo.

Fôra esse o ultimo, o desesperado esforço empregado por dona Flor para vencer as resistencias do vaidoso caçador.

Ah!... e baldara-se o generoso empenho que tanta violencia custára ao pudor e á virtude!...

O creado que levára o presente a Adeodata e bilhete á Germano, trouxe deste outro bilhete com a seguinte resposta:

« Dona Flor. — O que a sua mimosa carta me propõe e me offerece é a maior gloria que podia honrar a confiança que mereço; veio porem confundir-me e angustiar-me, porque, escravo de minha palavra, é inevitavel que eu me sacrifique á chorar a privação dessa gloria.

« Devo ir á caçada que provoquei. Não se arreceie por mim: hei de matar o tigre. Levarei comigo *encantado talisman*, e tanta fé nelle tenho que pretendo e quero arrostar a féra para matal-a mais galhardamente.

« Tenha por certo que serei eu quem ha de matar o tigre para leval-o á seos pés.

« Até amanhã. — Germano. »

Esta resposta mandada a dona Flor ou Octavia tinha sido habilmente calculada; não havia nella indicação do amor e dos ternos compromettimentos que já ligavão Germano á bella senhora, e por outro lado estava concebida de modo a augmentar, e atihar os terrores da amante que estremecia pelo noivo.

O astuto calculista premeditára expor Octavia á violencia de dous affectos, primeiro á afflicção pelo perigo da caçada, e pela temeridade do caçador supposto inexperiente, depois á exaltação pela sua victoria para então, aproveitando o ensejo dos alvoroços e dos transportes do amor, confessar em ancias de desespero a triste coincidencia que apenas dous dias antes reconhecera, e não disfarçando sua infidelidade á Julia, ostentar

paixão indomavel e allucinado. mãe
de Julia.

O primeiro intento de Germano foi facilmente conseguido: o bilhete que escrevera desordenou o animo já apavorado de dona Flor.

Amada e ardendo em amor, noiva e fulgente de esperanças de aditado futuro, dona Flor tremeo de medo e de horror, lendo no escripto cruel a resolução tomada por Germano, em honra do seo *encantado talisman*, de *arrostar a féra para mata-la mais galhardamente*.

Oh!... era a morte que Germano ia provavelmente encontrar nas garras do tigre dilacerador!...

Dona Flor não dormio um minuto em toda noute.

Em toda noute ella teve diante dos olhos, ou em quadro sinistro de sua imaginação, Germano e o tigre.

XXXII

A QUÉDA

Na manhã do dia tremendo da caçada dona Flor não despertou, mas levantou-se muito cedo.

Estava agitada e nervosa; desejava sahir, e não o ousava tollida pelo medo.

Affonso de Vellasco, sem o querer, augmentava o terror da filha com preocupação viva que não escondia.

— Que será feito daquelles rapazes?... Deos os tenha em sua santa guarda!... repetira elle por vezes.

Às nove horas da manhã chegou de volta da fazenda de Marcello um creado, trazendo noticias.

Os caçadores tinham subido ao *Monte Preto* e soltado os cães ás seis horas; era certo levantar os tigres porque havia carniça;

pouco antes das oito horas ouvira-se o echo de um tiro. O creado partira então e viera á correr.

— Um só tiro!... exclamou Affonso; ou grande felicidade ou grande desgraça, ou o maior dos perigos para o caçador á braços com a féra!...

— Á braços com a féra?! perguntou quasi sem voz a filha.

— Sim; é o extremo em que se recorre á faca, entregando as garras do tigre a pelle de carneiro enrolada em um páo.

E acrescentou com dolorosa duvida: —

— Sabem elles porém fazel-o?!?!

Immediatamente despachou outro creado para trazer-lhe informações do que houvera.

Dona Flor estava tremula e tão pallida que o pae recebeu vêl-a desmaiar.

— Que desanimo e que angustia antes de tempo!... coragem, menina!... talvez que tudo tenha corrido o melhor possível.

A filha não respondeo.

— Porque não sahes á passeio?... é verdade. Não foste hoje vêr a avó Josephá; vai distrair-te...

Dona Flor tinha tido por vezes desejo de

sahir para esconder do pae a consternação denunciadora do seu amor; não se atrevia porém á afastar-se de casa.

O conselho de seu pae animou-a.

— E não haveria risco?... perguntou.

Affonso de Vellasco sorriu-se e respondeu.

— Se pudesse havel-o, eu te acompanharia, e não o farei; fico á espera do portador que despachei.

— Eu tinha medo! murmurou a filha.

— Os tigres, quando fogem, aprofundão-se na floresta ou acolhem-se em escuras cavernas; nunca porém se arrojjão á mostrar-se em campo aberto que aliás invadem á horas mortas da noute para fazer preza nos curraes.

E o velho mandou apparelhar o carro que devia conduzir a filha, á quem dice logo depois:

— Procura distrair-te... mas não falles em caçadas de onças á avó Josepha que te contaria cem historias lugubres e cada qual mais absurda e falsa...

O creado que se despachára para a fazenda de Marcello só poderia chegar com noticias no fim de tres horas, tres seculos que consummirão de impaciencia dona Flor.

A mortificada senhœra seguiu para o sitio da avó Josepha, ao qual chegou no fim de dez minutos.

A recommendação de Affonso de Velasco foi bem depressa esquecida.

A avó Josepha apresentou á sua protectora, a quem chamava *netinha*, a bolsa que lhe fôra deixada na vespera.

Rodrigo, o neto de Josepha, descreveu como poudo o caridoso bemfeitor.

Dona Flor adivinhou quem fôra, e dice a tremer com a voz, e prestes á chorar:

— Sei quem é... ah!... um nobre cavalleiro... que á esta hora... quem sabe?... oh, avó Josepha!... elle está em uma horrivel caçada de tigres!

— De tigres, netinha?... ai!... talvez que não volte vivo!...

E em seguida abrio-se a torrente de historias do outro tempo.

Quem fallava e historiava era uma boa, santa, mas rude velhinha, uma dessas pobres mulheres, anjos de amor e de dedicação, prezos, adunados toda a vida á uma família rica, thesouro de virtudes, á quem se escusava a fraqueza de intelligencia, nunca ligei-

ramente cultivada; quem a ouvia era uma senhora de fina educação e de juizo esclarecido; esta, porem, dominada pelo terror e desatinada pelo mais terno affecto, escutou avida, convulsiva, pavorosa, e desesperada correu para fóra do quarto da avó Josepha muito mais afflicta do que a elle tinha chegado.

Rodrigo procurou socegar dona Flor, rindo e zombando das historias de sua avó.

Da porta da humilde casa da avó Josepha via-se ao longe, á duas legoas de distancia o *Monte Preto* coberto de verde-negra floresta.

Dona Flor o conhecia, e mostrou-o dizendo: — É ali!...

E torceu suas pequeninas e lindas mãos com ancia.

Rodrigo olhava respeitoso, humilde, mas cheio de pena para a nobre e bella senhora.

De repente ouviu-se o éco de um tiro de espingarda...

Dona Flor ouviu tambem, ella só, porem, ouviu ou imaginou ouvir logo após o tiro um grito de morte, e bradou:

— Soccorro!...

Rodrigo quiz tranquillizal-a; foi-lhe impossivel conseguil-o.

Dona Flor não attendia, e com desespero ordenava que fossem levar soccorro, ou buscar-lhe o socego...

Era preciso obedecer.

Rodrigo tomou uma pequena espingarda que possuia, deo uma faca de matto ao cocheiro que conduzira a senhora, e com elle lançou-se na direcção de um monte vesinho, do seio de cuja selva tinha parecido partir o tiro.

Os dous desaparecerão em breve.

O pagem ficou contendo os animaes que estavam presos ao carro.

Dona Flor entrou precipitada para o interior da casa; mas logo depois em ancias de dor e de afflicção sahio de novo e como delirante pela porta do fundo do pobre tecto, dando dous, e ainda alguns passos alem...

Rodrigo e o cocheiro tinham seguido por aquelle lado...

Dona Flor vio o monte, que se levantava talvez á quinhentas braças de distancia...

— Tão longe!... exclamou.

E adiantou-se ainda mais, sem pensar em si, sem consciencia do que fazia, já sem medo por si, e banhada em desatado pranto...

Dona Flor tinha ouvido, ou julgado ouvir um grito, um brado de angustia e de desespero, e lembrara-se de Germano e do tigre...

Ella porem teve emfim de estacar; chegara e havia mesmo transposto o limite do acanhado laranjal do sitio; estava á cem passos da casa.

Parou tendo em frente descida alcantilada, pedregosa, entremeiada de vegetação ruim, e acabando em precipicio pouco fundo, donde sahia o ruido da torrente á correr por entre pontas de rochedo.

Era descida perigosa, mas de estreitas dimensões, abrandando-se aos lados, e continuando-se em suave ladeira á direita por descampados estreitos, moitas de arbustos, e matto muito devassado, á esquerda e á inclinar-se em face do monte onde echoara o tiro, menos branda, mais pedregosa, porem facilmente transitavel, coberto o solo de vegetação mais rica á principio em sorvedouros de folhagens e flores á ondear pelas oscillações do terreno á abaixar-se e erguer-se, depois em espessura de arbustos cerrados precedendo a floresta mysteriosa, compacta, verde nos pincaros e negra no seio.

Dona Flor estacára; mas tremendo, convulsa, á chorar desatinada, em torturas de imaginação insana, olhava para a floresta donde Rodrigo devia voltar, esperava e desesperava, e nem reflectia que estava só, e nem mais lhe vinha á mente a ideia de algum perigo que ali pudesse ameaçal-a, como uma hora antes se arreceiara de vir ao sitio pelo medo panico do tigre.

Chorava lagrimas de terror; mas o seo terror era então somente pelo amado, e nos desconcertos da razão essa mulher que amava, era sublime no esquecimento de si mesma.

Só a mulher ama assim.

Mas não havia intrepidez, havia só irreflexão e como desvario na affouteza de dona Flor.

Alguns minutos se tinham passado, e ella ainda olhava cada vez mais atribulada e confrangida, quando estremeceo toda de pavoroso susto, ouvindo proximo e do lado esquerdo fraco mas distincto ruido de pisadas sobre ramos cahidos e seccos que se quebravão.

Dona Flor não se lembrou de Rodrigo, lembrou-se do tigre! quiz fugir e não pode mover-se; quiz gritar e faltou-lhe a voz.

Hirtos os cabellos, descomposta a face, prestes á tombar desfallecida, com os olhos quasi sem luz mas fitos no ponto ameaçador, ella vio...

Á esquerda, e apenas á dez passos, e do seio maciço de uma myriada de arbustos que cobrião descendentes a inclinação do terreno em rampa, surgiu... mostrou-se um homem...

Dona Flor desprendeo a voz.

— Ah!... exclamou perdida de exultação; Germano!... ah!... e o tigre?...

— Dona Flor!... matei-o!...

E Germano que subia á encosta, abriu os braços com ardimento apaixonado á encantadora amada...

Dona Flor estava louca de amor, de regosijo, de inesperada e delirante felicidade...

Quiz abraçar o amado... não pensou... não se conteve... lançou-se para elle...

Mas o solo era em descida... escabroso e lubrico...

Dona Flor pizou em falso...

E *cahio*.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

E DO

TOMO PRIMEIRO

INDICE DAS MATERIAS

CONTIDAS NO TOMO PRIMEIRO

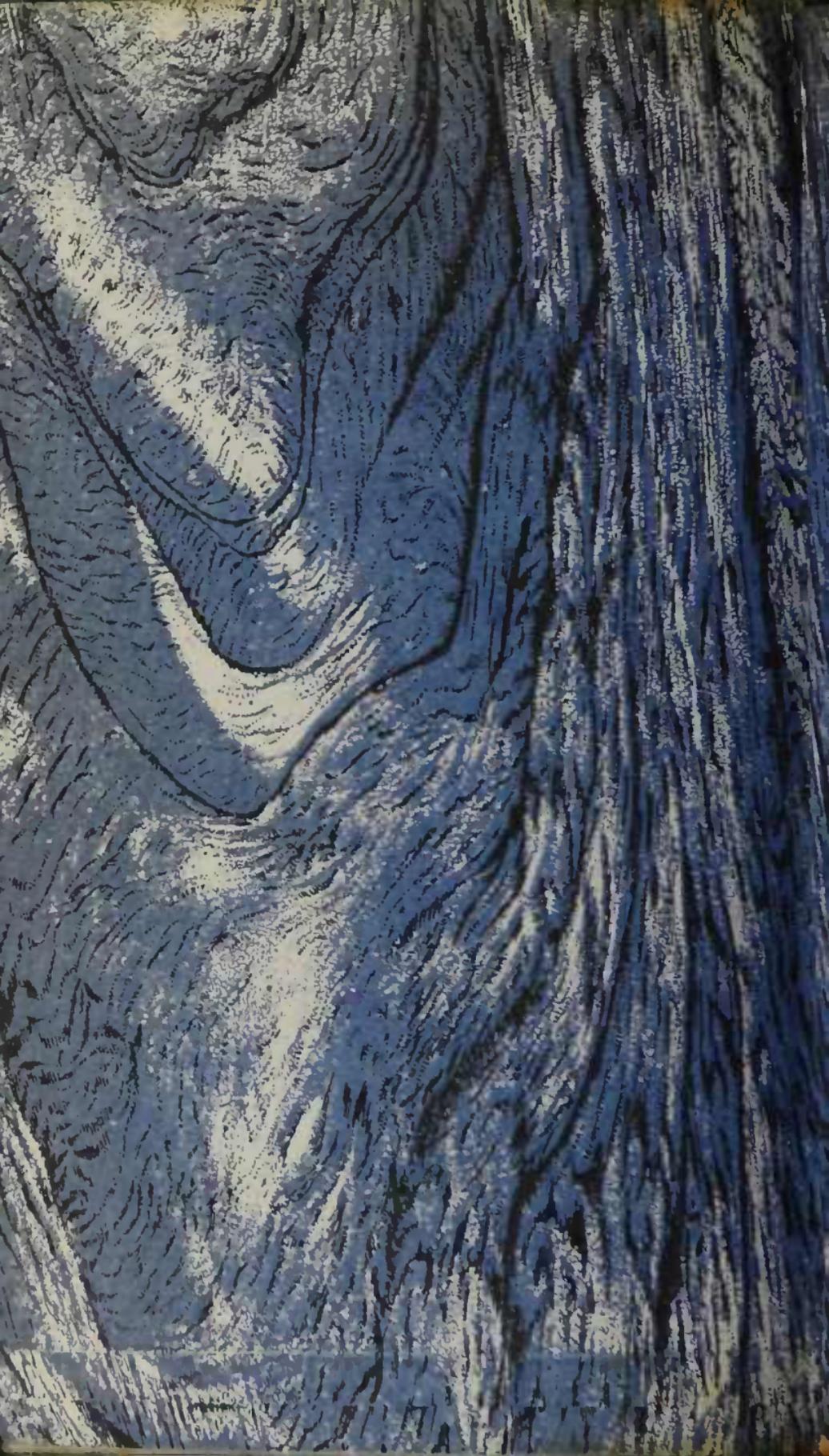
PRIMEIRA PARTE

CAP.	PAG.
I.— O baile.....	5
II.— A rainha do baile.....	9
III.— Informações.....	15
IV.— Germano de Castro.....	17
V.— Aurora de amor.....	21
VI.— Falla sem voz.....	29
VII.— O pavilhão ceo de amor.....	33
VIII.— Primeira nuvem.....	39
IX.— A face marmorea.....	45
X.— Julieta e Romeo.....	55
XI.— Primeiras lagrimas.....	61
XII.— A velha agoureira.....	69

SEGUNDA PARTE

I.— A familia em festa.....	79
II.— Germano sem mascara.....	89
III.— Romance da adolescencia.....	93
IV.— Amor de flores.....	101
V.— Nem lembrança!... ..	105

VI. — Lembrança e surpresa.....	109
VII. — Outra vez.....	115
VIII. — Á sonhar com o passado.....	121
IX. — A pomba mensageira de amor.....	127
X. — O convite.....	133
XI. — Noute de reflexão.....	142
XII. — Uma tassa quebrada.....	153
XIII. — A luva da mão direita.....	160
XIV. — A flor cahida no chão.....	167
XV. — Concessões.....	171
XVI. — Germano espera.....	181
XVII. — Dona Flor raciocina.....	189
XVIII. — A circumspecção de Germano.....	193
XIX. — O pedido de perdão.....	197
XX. — Enlevos de Dona Flor.....	207
XXI. — A corrida do veado.....	213
XXII. — O bello caçador.....	219
XXIII. — O beijo.....	225
XXIV. — A flamma do beijo.....	233
XXV. — Durante o jantar.....	241
XXVI. — Á sobremeza.....	247
XXVII. — Desobediencia.....	253
XXVIII. — O talisman.....	259
XXIX. — Golpe inesperado.....	264
XXX. — Na vespera da caçada.....	279
XXXI. — Terreros.....	283
XXXII. — A queda.....	289







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).